

CEC 2016

Congresso de Extensão e Cultura

ANAIS DO III CONGRESSO
DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL

ISSN 2359-6686



*Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881*

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (3.:2016: Pelotas, RS.)

Anais [recurso eletrônico] do 3 Congresso de Extensão e Cultura da UFPel, 26 à 30 setembro em Pelotas./Organizado por Denise Bussoletti, Evandro Piva, Carlos Oliveira. – Pelotas: Editora da UFPel, 2016.
2.222p.

Disponível em: <wp.ufpel.edu.br/congressoextensao>

1. Extensão. 2. Cultura. 3. UFPEL.

CDD 378.1554

| CEC 2016

Congresso de Extensão e Cultura

ORGANIZAÇÃO

*Coordenação Geral da Comissão
Organizadora da Comissão do III CEC*

**Pró - Reitora de Extensão e Cultura
Denise Bussoletti**

Comissão Organizadora do III CEC

**Alisson Eduardo Maehler
Carlos Alberto Oliveira da Silva
Evandro Piva
Joice Vieira Soares
Ligia Maria Avila Chiarelli
Márcia da Silva Alves
Maria Jandira Salum
Tais Ullrich Fonseca
Valdecir Carlos Ferri**

Designer Editorial

Yuri Eduardo Martins Almeida

Fotografia Capa

Arthur Peruzzo

Coordenadores de Sessões Temáticas

**Alisson Eduardo Maehler - TRABALHO/
COMUNICAÇÃO**

Carlos Alberto Oliveira da Silva - CULTURA

Evandro Piva - SAÚDE

**Ligia Maria Avila Chiarelli - EDUCAÇÃO/
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**

**Márcia da Silva Alves - EDUCAÇÃO/
DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**

**Valdecir Carlos Ferri - TECNOLOGIA
E PRODUÇÃO**

Comissão de Apoio

**Ademir Belchior Motta
Ana Maria de Oliveira Fernandes
Caroline dos Santos Tabelaio
Claudia de Oliveira Farias
Cid Fernandez Curte Branco
Giulia Fuzinato Gomes
Laercio Darley Lopes
Luis Henrique Porto Oliveira
Lucas Perez Fontoura
Marina dos Santos Correia
Mateus Schmeckel Mota
Michele da Silva Brum
Rafael Evangelista Sosa
Suzani Gonçalves Ribeiro Timm
Tamires Rejane Wachholz Perleberg
Thamisa Ramos Flores dos Santos
Thiago das Neves Lopes
Yuri Eduardo Martins Almeida**



III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura agradece a todos que participaram e apoiaram a realização do III Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL, e ao agradecer socializa, através desta publicação, o conjunto dos trabalhos que fizeram parte do sucesso que foi o evento em 2016.

Desde a primeira edição constatamos um número cada vez maior de participantes, como também um crescimento altamente significativo na qualidade dos debates realizados. Da primeira para a terceira edição não somente triplicamos o número de trabalhos inscritos como alcançamos a representatividade, em 2016, de quase 80% do total dos trabalhos identificados em nosso sistema de registro. Ou seja, dos 777 projetos atualmente registrados institucionalmente na PREC, contamos com 551 trabalhos inscritos e com a colaboração de 310 avaliadores no III Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL.

Cabe salientar que o conjunto de trabalhos que integram esta publicação reafirma a excelência da extensão na Universidade Federal de Pelotas. Em cada trabalho podemos identificar a dedicação e o esforço da comunidade acadêmica, que faz com que a Extensão na UFPEL seja o que é – o local de interlocução entre o ensino e a pesquisa, o local de reafirmação da função social e pública de nossa Universidade.

Ao encerrar nossa função de gestora da PREC ao longo deste três últimos anos, reafirmamos (também), por intermédio desta publicação, o nosso esforço em conferir centralidade às atividades de Extensão, tornando-as parte integrante do processo de formação acadêmica. Despedimos-nos, assim, desejando a todos e a todas uma boa leitura, pautada pelos laços cúmplices que nos fazem pela Extensão companheiros de uma mesma e bela jornada.

Denise Marcos Bussoletti
Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UFPEL



SUMÁRIO

PROJETO JORNAL NA ESCOLA: EDUCANDO PARA A CIDADANIA ALINE VOHLBRECHT SOUZA; SILVIA LEITE MEIRELLES	10
O SOM DO TEMPO: DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO ATRAVÉS DO RÁDIO ANA LUIZA MARCOS SCHUCH; STELA SOARES KUBIAKI; CAROLINA BELAIRA SILVEIRA; REJANE BARRETO JARDIM	14
AS FORÇAS E OS FLUXOS DO CINEMA EM SALAS ALTERNATIVAS: EXPERIÊNCIA DO CINE UFPEL ANALU FAVRETTO; QUÉZIA PINHEIRO, RAUL DOS SANTOS, YADNI CABRAL; CINTIA LANGIE	17
DESIGNERIA EMPRESA JÚNIOR: PROJETOS DE DESIGN PARA A COMUNIDADE INTERNA E EXTERNA À UFPEL ANNA LAUX SURIZ; MARIANA DE OLIVEIRA DO COUTO E SILVA; HELENA DE ARAUJO NEVES	21
PROJETO DOCUMENTAL ONG ANJOS E QUERUBINS: COMO O JORNALISMO COMUNITÁRIO ATUA NA COMUNIDADE ARIEL PEDONE; ANTONIÉLA THEIL FONSECA; EDNA SOUZA; MACHADO CARLOS ANDRÉ DOMINGUEZ	25
CIDADANIA NO AR: A IMPORTÂNCIA DO RÁDIO EDUCATIVO NO RESGATE DA PLURALIDADE CULTURAL CALVIN DA SILVA COUSIN; MARTHA MENDONÇA DE SOUZA GONÇALVES; PROF. DRº. RICARDO ZIMMERMANN FIEGENBAUM	29
M E S M A ENCONTROS SOBRE REPRESENTAÇÃO FEMINISTA CAMILA SOARES BAZZANELLA; JÉSSICA PORCIÚNCULA; FERNANDO IGANSI NUNES	33
CONECTANDO SABERES: UM JORNAL QUE CONTRIBUI PARA A GERAÇÃO DE CONHECIMENTO E PARA O COMPARTILHAMENTO DE IDEIAS CAMILA CARDOSO GODINHO; BIANCA CRUZ SILVEIRA; LORENA ALMEIDA GILL	37
EDUCOMUNICAÇÃO: JORNALISMO COMUNITÁRIO DENTRO DAS ESCOLAS CASSIANE RIBEIRO FONSECA; MÁRCIA DRESCH	40
MÍDIA-EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE WEB RÁDIO E WEB TV NO AMBIENTE ESCOLAR INCLUSIVO EDUARDO UHLMANN; WILLIAM MACHADO DA SILVA; MARIANA POUHEY DA CUNHA; LAURA KUHN MARQUES; MARISLEI DASILVEIRA RIBEIRO	44
AMPLIAÇÃO DO POTENCIAL COMUNICATIVO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E ANTROPOLÓGICO DA UFPEL (MUARAN) ENERI JAMES BORGES MEDEIROS; CAIO NOGUEIRA GHIRARDELLO; DIEGO LEMOS RIBEIRO ; PEDRO LUÍS MACHADO SANCHES	48
ORIGINALIDADE NA IDENTIDADE VISUAL: A FUGA DOS CLICHÊS E A CRIAÇÃO DE MATERIAIS AUTÊNTICOS ISABELA MARIA SANTOS SILVA; BRUNA LETICIA DA SILVA BUENO; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ	52
AMÉRICA UNIDA: DILUINDO AS FRONTEIRAS IZA PAULA NOGUEIRA PEREIRA; BELIZA GONZALES ROCHA; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS; CARMEN ANITA HOFFMANN	55

INSERÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NAS MÍDIAS SOCIAIS ATRAVÉS DA PARCERIA COM PET GAPE JÉSSICA CORRÊA PEREIRA; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ	58
PROJETO TEATRO EM FRANCÊS: RELATO INICIAL DE EXPERIÊNCIA JOÃO MATHEUS PASSOS GUELSI; MARISTELA GONÇALVES SOUSA MACHADO;	62
WEBJORNALISMO- O CASO DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS EMPAUTA COMO PLATAFORMA DE INTERAÇÃO E INFORMAÇÃO ENTRE O CURSO DE JORNALISMO DA UFPEL E A COMUNIDADE LAUREN GUEDES LENCINA TRINDADE; Dr ^a MARISLEI RIBEIRO	66
NACIONAL SOCIALISMO COMO TEMA NO ENSINO DE ALEMÃO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA LUAN BALCIUNAS; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO	70
UMA PERSPECTIVA DE MUNDO NA PONTA DOS DEDOS LUÍS FELIPE FREITAS BECKER; MARISA HELENA DEGASPERI	74
CIDADANIA NO AR E NO FUTEBOL DO FEDERAL EM CAMPO Luiz Oli Ebersol Junior; Ricardo Zimmermann Fiegenbaum	78
FEDERAL CIÊNCIA: A UTILIZAÇÃO DE PROGRAMAS DE RÁDIO COMO MEIO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA LUIZA JARDIM DA CUNHA SARAIVA ; LUIZ CARLOS VAZ ; VIRGÍNIA MELLO ALVES	82
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DO MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO LUIZA KOVALSCKI SILVA; LAUER NUNES DO SANTOS	86
CURSO DE INTRODUÇÃO À AUDIODESCRIÇÃO DIDÁTICA MÁRCIA DOS SANTOS SOARES DA ROCHA; ELTON VERGARA-NUNES	90
VÍDEO VISITA: O ÁUDIO VISUAL COMO INSTRUMENTO DE RECONHECIMENTO DE SUA IDENTIDADE NA ECONOMIA SOLIDÁRIA. MIDIÃ SANTOS; ELIANE RUBIM, LUIZA AFFONSO, JOSÉ RICARDO KREUTZ	93
DIVERSOS: RECORTES DA DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE PAULAINÉ OLIVEIRA DE LIMA; LORENA ALMEIDA GILL	97
AÇÕES AFIRMATIVAS, MÍDIA E RACISMO: DEBATES NO AMBIENTE DA EXTENSÃO ACADÊMICA DÍAS, PEDRO NEVES; MARINHO, MAIARA DOS SANTOS; GASPAROTTO, ALESSANDRA	101
A RELAÇÃO ENTRE AS COTAS E A REPRESENTATIVIDADE NOS CURTAS PRODUZIDOS PELO CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UFPEL PRISCYLLA KETHELLEN VIANA, ALESSANDRA GASPAROTTO	105
FORMAÇÃO DE NOVOS COMUNICADORES COMUNITÁRIOS RAFAEL OLIVEIRA VIANA ; RICARDO FIENGENBAUM	109
OS BENEFÍCIOS DO RÁDIO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA ROBERTA PEREIRA; LUCAS PEREIRA; VANESSA DAMASCENO	113
SOCIAL EM QUESTÃO: UM PROGRAMA DE RÁDIO COM NOVAS ALTERNATIVAS E POSSIBILIDADES DUTRA, SIDIMAR FERREIRA; SOARES, JÉSSICA DEGRANDI; COGOY, ELIANA MOURGUES	117
DIVULGAÇÃO DO USO DA BIOTECNOLOGIA COMO FERRAMENTA NA CRIAÇÃO DE CÃES YASMINE ALVES MENEGON; VICTORIA MASCARENHAS; ALESSANDRA NEISS; AISHA BAKRI; LUCIANA BICCA DODE; PRISCILA MARQUES MOURA DE LEON	121





COMUNICAÇÃO

PROJETO JORNAL NA ESCOLA: EDUCANDO PARA A CIDADANIA

ALINE VOHLBRECHT SOUZA; SILVIA LEITE MEIRELLES

Universidade Federal de Pelotas – alinesouzaila@yahoo.com.br
Universidade Federal de Pelotas - silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O “Jornal na Escola: Educando para a cidadania” é um projeto experimental que está sendo desenvolvido com alunos do ensino médio na Escola Estadual Ginásio do Areal em Pelotas. O objetivo da proposta consiste na produção de um jornal impresso feito inteiramente pelos alunos, que possa oportunizar a eles condições para que se desenvolvam como indivíduos e como sujeitos sociais críticos da realidade que os cerca, reafirmando assim as relações entre a escola e a comunidade.

No contexto escolar produzir um jornal impresso é um desafio. Para tanto, é necessário propiciar aos alunos conhecimentos básicos sobre o jornalismo. Esta atividade atua na investigação e divulgação de informações, através dos veículos de comunicação, como jornais, revistas, televisão, rádio e internet. Segundo Lage (2011, p.23) “o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”.

O jornal impresso é um dos principais meios de comunicação da linguagem escrita. Sua função principal deve ser a divulgação de fatos da atualidade, que sejam de interesse das pessoas. Ele pode e deve trazer análises e opiniões sobre os acontecimentos, já que através dos gêneros jornalísticos, é possível dar aos leitores diferentes perspectivas da realidade, que podem contribuir para sua interpretação do mundo.

No universo jornalístico, noções sobre pauta, fontes, conceito de notícia, de *lead* são essenciais. Nas redações, a pauta é um instrumento de organização e planejamento da edição ou parte dela, com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse e dimensão pretendida da matéria, (LAGE, 2011).

No jornalismo as fontes são portadoras de informação. Não existiriam jornais sem fontes. Elas são responsáveis por fornecer os dados importantes a respeito de um fato que testemunharam ou participaram, que depois de investigado, confrontado e trabalhado, permite construir as notícias.

Dentre os textos que privilegiam o gênero jornalístico (entrevista, reportagem, artigo de opinião, crônica, editorial, etc.), a notícia é sem dúvida a mais importante. No sentido mais amplo, ela se caracteriza por um texto informativo, de interesse público, que narra algum fato recente ocorrido no país ou no mundo, que leva em consideração os critérios de noticiabilidade.

O texto noticioso é outro ponto que merece atenção. No jornalismo americano surge uma nova estrutura de texto jornalístico, o *lead*, que consiste normalmente no 1º parágrafo da notícia e é a parte que apresenta um resumo, feito em poucas linhas, no qual são fornecidas respostas às questões fundamentais do jornalismo: o quê (fatos), quem (personagens/pessoas), quando (tempo), onde (lugar), como e por quê. Conforme Lage (2005, p. 73),

sua natureza é pragmática, ou seja, está relacionada às condições da comunicação e à intenção de torná-la eficaz.

A comunicação é um importante instrumento para mobilizar e articular um território. Ela garante a aqueles que compõem uma determinada comunidade, a capacidade de se perceber e se reconhecer uns aos outros e então, criar coletivamente ações e intervenções nos espaços. É sobre essa premissa que o embasamento teórico do projeto *Jornal na Escola* se constrói.

Segundo Peruzzo (2008), na comunicação comunitária os grupos ou pessoas não necessariamente têm bandeiras estabelecidas, bem como o sentimento de pertencer a um grupo ou movimento organizado. Eles fazem uso ou passam a fazer uso dos instrumentos de comunicação para se constituírem, tanto como indivíduos quanto como grupo ou coletivo, em uma relação horizontal entre emissores e receptores, contribuindo para o empoderamento social e ampliação da cidadania. O indivíduo é convidado a olhar para si mesmo, seus pares e seu entorno, para então problematizar seus anseios e construir relações de cooperação e, potencialmente, de transformação.

Em tempos de globalização, novas demandas chegam à escola. Atualmente, a comunicação vem ocupando um espaço cada vez maior na sociedade. Hoje, é impossível dissociá-la do processo educativo de crianças e jovens, que nascem junto com as novas tecnologias.

O campo da Educomunicação é constituído por três áreas de intervenção, são elas: *sócio*, enquanto mediação tecnológica nos espaços educativos; *político*, que se caracteriza pela educação em relação aos meios de comunicação e; *cultural*, caracterizada pela gestão comunicativa em espaços educativos. Para Soares (2002), educomunicação seria:

O conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos. Visa melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação de massa, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas e ampliar a capacidade de expressão das pessoas (p. 24).

Neste contexto, surge a figura do educador. Esse profissional está preocupado com o uso de tecnologias nos espaços educativos. Ele é o responsável por implementar programas voltados para a relação entre educação e mídia. As novas tecnologias possibilitam aos educandos um novo modo de aprender e se relacionar com o mundo e fazer bom uso delas, significa criar condições para que eles digam a sua própria palavra, pronunciando o mundo de modo significativo, participativo e transformador, como cidadãos (SOARES, 2002). Essa postura consciente e crítica contribui para a produção de conteúdo que faça sentido para a vida e para o coletivo.

2. METODOLOGIA

O projeto desenvolve atividades pedagógicas como metodologia alternativa no componente curricular¹ “Seminário Integrado” em uma escola

¹Em 2011, este componente curricular foi acrescentado à formação dos alunos, junto com as demais áreas. No seminário Integrado eles desenvolvem atividades de pesquisa, colocando em prática os conhecimentos teóricos. A nova modalidade também busca prepará-los para a sua futura inserção no mundo do trabalho ou para a continuidade dos estudos no nível superior.

pública. Os alunos envolvidos estão no segundo ano do ensino médio². Para tal empreendimento, optou-se pela realização da pesquisa participante, como abordagem metodológica. Para Gil (2002), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores no processo.

Para tanto, foi apresentada a proposta de criação de um jornal impresso, com a publicação de uma edição por trimestre. Com a participação ativa dos alunos na elaboração e produção do conteúdo jornalístico.

No primeiro trimestre do ano letivo de 2016 foram trabalhadas aulas expositivo-dialogadas, nas quais apresentou-se os principais conceitos do Jornalismo (notícia, pauta, fontes, lead, fotojornalismo, entre outros). Convém ressaltar, que após cada aula, os alunos eram convidados a realizar exercícios práticos envolvendo os conceitos vistos.

Após estas considerações, eles foram orientados a formar grupos de trabalho, conforme afinidade. Cada grupo teve a liberdade de escolher e planejar suas pautas, observando o critério do contexto, ou seja, no primeiro trimestre as pautas escolhidas deveriam partir da comunidade escolar; no segundo trimestre do seu bairro e no terceiro da cidade de Pelotas e região.

Posteriormente foram realizadas reuniões de pauta. Nesta oportunidade, os grupos apresentaram seus temas aos demais, bem como o foco pretendido na matéria jornalística, nesta ocasião também foram definidas as fontes que seriam consultadas para a produção dos textos. Após este passo foram efetuadas as entrevistas. Atualmente, os alunos estão realizando a parte de pesquisa e organização do material necessário para começar a redigir seus textos, bem como a seleção das imagens que irão ilustrar suas reportagens.

Todas essas atividades permitem a construção do conhecimento, principalmente na área de Linguagem. Sendo assim, nos trimestres seguintes serão oferecidas oficinas práticas com os alunos sobre fotografia, telejornalismo, e principalmente atividades que envolvam leitura e escrita, visando novas e significativas aprendizagens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades foram executadas por uma acadêmica do curso de Jornalismo e professora de língua portuguesa, com orientação de uma supervisora escolar e orientadora de TCC. No início do ano letivo foram realizadas reuniões para discutir a implantação do projeto na escola, bem como a estrutura necessária. Como a escola possui muitas turmas, outros professores também estão participando das atividades.

Após a elaboração dos materiais de aula, a proposta foi apresentada aos alunos. O projeto foi dividido em duas etapas: a primeira privilegiou aspectos mais teóricos sobre Jornalismo, foram trabalhados conceitos importantes para a compreensão da prática jornalística. Na segunda etapa, estão sendo feitas atividades mais práticas voltadas para a apuração, pesquisa e escrita. Nesse período foi bastante positiva a receptividade ao projeto, os alunos demonstraram uma imensa capacidade para trabalhar em equipe e interesse pelo universo da comunicação.

Depois de definirem seus grupos, eles planejaram as pautas sobre as quais irão escrever, que foram: casos de violência no entorno da escola; como

²A escola estadual Ginásio do Areal possui cerca de 1200 alunos, divididos entre os três turnos. Neste projeto participam em média 120 alunos do segundo ano do ensino médio.

é preparada a merenda; o perfil dos diretores que já passaram pela escola; orquestra estudantil; a biblioteca que não funciona por falta de monitores, os impactos da greve do magistério no ano letivo e o caso das ocupações feitas por alunos durante o movimento; grêmio estudantil, sala de recursos, entre outras. Atualmente eles estão na fase das entrevistas, definiram suas fontes no ambiente escolar, elaboraram questionamentos e estão se preparando para a redação final do texto. A primeira edição do jornal está prevista para ser publicada no fim do mês de agosto.

4. CONCLUSÕES

“O Jornal na escola: educando para a cidadania” é um projeto pioneiro na escola Ginásio do Areal. Não é de hoje, que conhecemos as dificuldades que a escola pública enfrenta, com questões que vão desde a falta de recursos e de estrutura à baixa motivação dos alunos. Vivemos a era das novas tecnologias, elas estão presentes na sala de aula, e oportunizar um projeto que envolve mídias e tecnologia contribui para a formação de sujeitos protagonistas em suas vidas. Junto a isso, trabalha-se o olhar do aluno para as problemáticas da escola e da comunidade.

Entendemos que esta proposta é relevante para a comunidade escolar, uma vez que ela proporcionará uma abordagem que parte dos conhecimentos dos alunos e de suas experiências cotidianas para produção de conteúdos, promovendo a melhoria no processo de ensino e aprendizagem. Esse processo inclui a definição de pautas pelos alunos, a indicação de fontes, a elaboração de perguntas para essas fontes e a produção das notícias.

Segundo Soares (2012), a prática educacional colabora para que a comunidade aprenda a se comunicar melhor, pois há uma troca de saberes e experiências, além de o convívio contribuir para estreitar os relacionamentos, e trazer para a escola a alegria do pertencimento e a autoconfiança própria do exercício do protagonismo infanto-juvenil. Por fim, favorece o desenvolvimento de um paradigma diferenciado de educação: aquele identificado por Paulo Freire como sendo essencialmente dialógico e participativo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PERUZZO, C.M.K.. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. **Palavra Clave**, v. 11, 2008.
- SARTORI, Ademilde. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. **Comunicação, mídia e consumo**. SP, V. 7, n° 19, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. SP: Atlas, 2002.
- LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. SP: Elsevier, 2005
- _____. Ideologia e técnica da notícia. 2. ed.: Vozes, p. 116, 2011.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. In: **Comunicação & Educação**. SP: ECA/USP/Editora Segmento, ano VIII, n. 23, 2002.
- ANDRADE, Marita. Mídias na Escola. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 18, n°106, jul/ago, 2012.

O SOM DO TEMPO: DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO ATRAVÉS DO RÁDIO

ANA LUIZA MARCOS SCHUCH¹; STELA SOARES KUBIAKI²; CAROLINA
ABELAIRA SILVEIRA³; REJANE BARRETO JARDIM⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas– anamschuch@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – stela.kubiaki@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – carolabelaira@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas– jardimrb@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Programa o Som do Tempo surge em 2008, idealizado pelo professor Adhemar Lourenço da Silva Júnior, em conjunto aos estudantes Danilo Ferreira e Rodrigo de Moraes Gonçalves, pensado como meio de divulgação científica na área de História. Atualmente é coordenado pela professora Rejane Barreto Jardim e produzido e apresentado pelas estudantes Ana Luiza Marcos Schuch e Stela Soares Kubiaki e conta com edições semanais temáticas transmitidas pela RádioCom, uma rádio comunitária mantida pelos movimentos que opera na frequência 104,5 FM, abrangendo o centro de Pelotas.

O Som do Tempo apresenta tópicos relacionados à História e à Historiografia de forma mais informal, de modo a levar o conhecimento para além da academia, alcançando a comunidade de fora da universidade.

Em seus oito anos de história, o programa buscou levar ao ar assuntos importantes que são frequentemente ignorados ou esquecidos pela mídia tradicional, seguindo a proposta da RádioCom de se apresentar como um contraponto aos grandes meios de comunicação.

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do programa no primeiro semestre de 2016.

2. METODOLOGIA

Entre março e julho de 2016, o Som do Tempo foi transmitido em edições semanais às sextas-feiras, das 14:30 às 16h. Cada edição do programa segue um eixo temático ligado a fatos históricos ocorridos na data da transmissão. O programa é composto por entrevistas com pesquisadores e outros indivíduos que possam contribuir na discussão, bem como mesas redondas e músicas ligadas ao tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas 14 edições apresentadas no primeiro semestre de 2016, o Som do Tempo tem obtido sucesso na realização de discussões fundamentais para a comunidade pelotense que não são veiculadas nos meios de comunicação tradicionais. Um exemplo é a transmissão do dia 11 de março, em alusão ao dia da mulher comemorado na mesma semana, com a participação de militantes feministas e pesquisadoras, além da reprodução de músicas relacionadas ao tema. Foram discutidos assuntos diversos, como o mês do Orgulho LGBT, a Semana do Museu e fatos históricos relacionados à conjuntura nacional atual.

4. CONCLUSÕES

O Som do Tempo apresenta-se como um espaço de discussão e difusão do conhecimento produzido dentro da Universidade Federal de Pelotas, trabalhando para que essa informação possa ser levada à comunidade pelotense de forma abrangente e acessível, alcançando outros públicos além do acadêmico. Abordaram-se temas que são comumente deixados de lado pelos principais meios de comunicação do país, de forma a dar voz a parcelas da população normalmente ignoradas. Este trabalho é fundamental no esforço de democratização do conhecimento científico, cumprindo sua função como extensão acadêmica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, T. **Jornalismo Público: possibilidades e limites de atuação em uma rádio educativa**. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – Braga, Portugal, 2007. Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/view/57>> Acesso em 3 de agosto de 2016.

BREGUÊZ, S.G. **Os estudos de folkcomunicação hoje no Brasil**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/File/495/321>> Acesso em 30 de julho de 2016.

JANOTTI, J.S. **Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/239601593_MIDIA_CULTURA_JUVENIL_E_ROCK_AND_ROLL_COMUNIDADES_TRIBOS_E_GRUPAMENTOS_URBANOS>. Acesso em 30 de julho de 2016.

OLIVEIRA, C.F. **Reggae e hip hop: segmentação x diversidade cultural juvenil**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/114288385140339652893114294743948523824.pdf>> Acesso em 27 de julho de 2016.

PEREIRA, S.L. **A escuta da Bossa Nova nos anos 50 e 60: mídias sonoras numa sociedade entre sons e imagens**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP6PEREIRA.pdf> Acesso em 29 de julho de 2016

PERUZZO, C.M.K. Rádio Comunitária, Educomunicação e Desenvolvimento. IN:
PAIVA, Raquel. **O Retorno da Comunidade: Os Novos Caminhos do Social.**
MAUAD Editora Ltda.: Rio de Janeiro, 2007.

AS FORÇAS E OS FLUXOS DO CINEMA EM SALAS ALTERNATIVAS: EXPERIÊNCIA DO CINE UFPEL

ANALU FAVRETTO¹; QUÉZIA PINHEIRO², RAUL DOS SANTOS³, YADNI CABRAL⁴; CINTIA LANGIE⁵

¹Estudante de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – nalu.fvt@gmail.com

²Estudante de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – quezia-pinheiro@hotmail.com

³Estudante de Cinema e Animação (UFPEL) – Raul_ssouza@live.com

⁴Estudante de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – yadni.svp@hotmail.com

⁵Professora de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – cintialangie@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Cine UFPEL é a sala de cinema digital da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É um projeto sem fins lucrativos, que tem como principal objetivo trazer ao alcance da comunidade, de forma gratuito, filmes brasileiros contemporâneos não comerciais, na sua maioria pouco conhecidos e de difícil acesso. Posto em funcionamento em 2015, o espaço é gerenciado pelos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema e Animação, ambos da UFPEL, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC).

A sala contém 82 lugares e localiza-se na Agencia Lagoa Mirim, no centro da cidade de Pelotas. A política de programação consiste em sessões semanais nas quintas-feiras e sextas-feiras às 19h. Dentre as iniciativas do projeto, estão as sessões semanais para idosos, para alunos de escolas públicas e para a comunidade, sendo essa última o objeto de estudo nesse artigo.

O cinema atua como suporte à educação desde seus primórdios, em 1900, sendo incorporado no Brasil por volta de 1920 e 1930, encontrando-se como um meio de alfabetização.

Não é de surpreender, portanto, que a idéia de fazer uso da produção cinematográfica para alavancar o processo civilizador e formar moralmente os povos tenha sido a base sobre a qual se estabeleceu, originalmente, a relação entre educação e cinema em vários países, incluindo o Brasil. (DUARTE, 2008, pg. 61).

Seguindo esse pensamento, veremos aqui como a experiência de uma sala gratuita de cinema gera resultados positivos, tanto para a circulação do audiovisual brasileiro, como para a formação de senso crítico do público. Como aponta LANGIE:

Em suas diferentes ações, o Cine UFPEL une a educação com a arte – no caso, o cinema - na busca de ampliar o repertório dos espectadores e, assim, contribuir para o exercício do pensamento crítico deles (2015, pg. 10).

2. METODOLOGIA

O objetivo principal do Cine UFPEL é proporcionar para a comunidade a oportunidade de contato com o audiovisual brasileiro, partindo da dificuldade que os filmes encontram na sua distribuição e também, do preconceito da própria população para com produtos nacionais. Porém, a proposta do cinema

comunitário da UFPEL vai além disso, dispondo de uma seleção de curtas e longas-metragens de cunho social. Como cita LANGIE:

A ideia é ter uma programação que privilegie aquele tipo de filme que possa ter elementos narrativos clássicos, mas que seja autêntico, problematizador de questões sociais relevantes, que saia do clichê, expandindo o horizonte dos espectadores e mostrando às pessoas que existe esse tipo de produção sendo feita nos países latino-americanos (2015, p. 38).

Conseqüentemente, o Cine UFPel atua na formação social, política e, principalmente crítica dos espectadores, sendo que uma vez que se entre em contato com um conteúdo que carrega, mesmo que implicitamente, alguma mensagem de âmbito coletivo já se torna “uma prática socializadora que possibilita diferentes encontros: de pessoas com pessoas em diferentes contextos de exibição, de pessoas consigo mesmas” (FANTIN, p. 52, 2014).

O projeto também traz reflexões e conhecimento acerca de questões técnicas e de linguagem do audiovisual, como por exemplo, as funções da equipe técnica de um filme, os gêneros cinematográficos e os tipos de enquadramentos que existem e que sentido eles carregam, por exemplo, quando uma câmera é posicionada acima dos olhos do ator, chamamos de *plongée* e significa que você está o pondo em uma situação que ele se sente diminuído. A reflexão sobre a linguagem estimula o pensamento sobre signos e subjetividade, uma vez que sabendo para quê são usados certos artifícios, como ângulo da câmera e os planos escolhidos, a narrativa fica mais facilmente de ser entendida. Além disso, são estimulados debates após cada sessão, fortalecendo discussões sobre temática, técnicas usadas e troca de experiência entre espectadores.

Pelo fato da sala ser gerenciada pelos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema e Animação da UFPEL, os discentes de ambos têm a oportunidade de estar em contato com o mercado de audiovisual brasileiro, criando contatos profissionais, uma vez que os filmes só são exibidos perante a liberação das distribuidoras. Essa aproximação, resultado do intenso contato entre a sala e distribuidoras, facilita diretamente a proximidade entre os cursos da UFPel como unidade e o audiovisual brasileiro, gerando uma ampliação de conteúdos audiovisuais para o público que geralmente não teria acesso aos mesmos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de fruição estética coletiva no Cine UFPel já se revela um fato potencializador do olhar e de comungação do pensamento, como escreve DELEUZE (1992): “O indivíduo que vai ao cinema ver filmes de forma coletiva está à espreita de alguma matéria que lhe proporcione o encontro. Encontro com uma ideia, com algo que movimente o pensar”. Sessões que visam a projeção de filmes de âmbito social, como foi *Que horas ela volta?* (MUYLEAERT, 2015) e *Beira-mar* (MATZEMBACHER, REOLON, 2015) lotaram a sala Cine UFPel, ocupando todos seus 82 lugares, sendo que o último citado trouxe para o debate os dois diretores do filme, unificando ainda mais a relação entre realizador e espectador.

O Cine também é palco para projetos de alunos que estão concluindo o curso de Cinema e Audiovisual, da UFPel. Um exemplo é o Subjetivas, projeto de

conclusão de curso das discente Adriana Yamamoto e Digliane Andrade, que tem como objetivo a exibição de obras de realizadoras, reiterando a força da mulher no atual cenário audiovisual.

Nesses casos, o cinema e a comunidade tem a chance de pensarem juntos e debaterem acerca de questões do contexto social ao pessoal, transformando a ida ao Cine UFPel em um ensaio de saber em que outras pessoas irão comungar da mesma experiência estética e que provavelmente haverá um diálogo com as pessoas após o término da sessão, “peculiaridades que facilitam a vivência das sensações proporcionadas pela arte.” (LANGIE, 2015, pg. 5).

4. CONCLUSÕES

A sala de cinema gratuita da UFPel atua como formadora de senso estético da percepção do cinema e também como incitadora do olhar para o audiovisual brasileiro, ao qual, na maioria das vezes, a população não tem acesso. De forma gratuita e abrangente, o Cine leva para a comunidade um conteúdo artístico fora dos padrões *Hollywoodianos*, revelando assim as angustias reais de um povo. Essa é uma ação política, já que o cinema hegemônico normalmente provoca o “conformismo do espectador; já que tem a presença de heróis que correspondem a sua visão violenta e ‘humanitária’ do ‘mundo do progresso” (LOUREIRO, 2008, pg. 137).

Além disso, realizar essas sessões fixas para a comunidade, duas vezes por semana, contribui para o acesso às produções dos próprios cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação da UFPel. O contato com produtoras e distribuidoras nacionais também contribui para a troca de experiência entre quem está começando a fazer cinema – graduandos da UFPel – com quem já está no mercado. Por fim, salienta-se a importância das sessões de cinema brasileiro para um melhor entendimento do atual contexto social que vivemos, inseridos em uma cultura que nos contempla, mas não nos inclui.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34,1992.

DUARTE, R. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, p. 68, 2008.

FANTIN, M. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

LANGIE, C. As potencialidades da distribuição alternativa de filmes: o Cine UFPel no contexto da sociedade do conhecimento. **Revista ORSON**, Pelotas, p. 5 – 10, 2015.

LOUREIRO, R. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação e realidade**, Porto Alegre, p.135-154, 2008.

DESIGNERIA EMPRESA JÚNIOR: PROJETOS DE DESIGN PARA A COMUNIDADE INTERNA E EXTERNA À UFPEL

ANNA LAUX SURIZ¹; MARIANA DE OLIVEIRA DO COUTO E SILVA²; HELENA
DE ARAUJO NEVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – anna.suriz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marianacoutoesilva@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – profhelenaneves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Designeria é a Empresa Júnior dos cursos de design da UFPEL, criada no ano de 2010 por meio da iniciativa de discentes que buscavam preencher uma lacuna referente ao empreendedorismo na Universidade Federal de Pelotas, em específico no tocante aos cursos de Design. Desde então a empresa é administrada por acadêmicos dos cursos de Design Gráfico e Digital e visa a oferecer serviços de qualidade e com custo reduzido que abranjam as áreas de identidade visual; editorial; ilustração; webdesign; redes sociais e sinalização. A empresa atende a uma parcela do mercado que carece de trabalhos na área do design e que não teria condições de contratar um escritório profissional. Portanto, tem como missão proporcionar uma experiência empresarial aos estudantes, oferecendo projetos de design de qualidade com preços acessíveis.

A cada semestre a empresa realiza processo seletivo e efetua rotação dos cargos de diretoria, com o intuito de proporcionar espaço para que todos os alunos envolvidos tenham contato com a gestão – como também com a execução de projetos práticos. A Empresa Júnior é um espaço que aproxima acadêmicos, Universidade e comunidade. Além disso, abre espaço para o caráter empreendedor dos alunos e presta serviços específicos da área de conhecimento para o público externo e para a própria UFPEL. Com relação ao público externo, esse se configura por micro e pequenas empresas (MEIS), normalmente constituídas por pessoas que estão começando a constituir os seus empreendimentos – ou que já tenham uma empresa em atuação e precisam de trabalhos para qualificar ainda mais esse desempenho. Esse perfil de clientes tem a intenção de ampliar os negócios e, por isso, sabe que o design é um importante campo do conhecimento capaz de acelerar esse processo. Esse público recorre à Designeria, pois além de oferecer um trabalho qualificado aos clientes, pratica uma precificação mais acessível – o que a torna uma alternativa viável por cobrar preços de mercado menores do que os estipulados pela ADG (Associação dos Designers Gráficos). Isso ocorre porque se trata de um espaço de ensino-aprendizagem que estimula os acadêmicos ainda em formação – que estudam em uma instituição pública e que, através de seus trabalhos, devolvem à sociedade todo o investimento que é realizado em suas formações – a gerenciarem a empresa e a projetarem soluções para adquirirem experiência de mercado, sem ter a intenção de gerar uma concorrência desleal.

Diante do todo exposto, o objetivo deste artigo é apresentar alguns casos de mercado que foram desenvolvidos pela empresa no último ano – com a intenção maior de divulgar as suas ações para a comunidade interna e externa à UFPEL, expondo o quando o design se faz necessário.

2. METODOLOGIA

A empresa utiliza o modelo de Plano de Negócios do SEBRAE¹ para auxiliar na gestão empresarial e na tomada de decisões e também lança mão de metodologias de projeto específicas, de acordo com a necessidade de cada trabalho. Tais métodos são apresentados aos acadêmicos nas disciplinas curriculares. Os casos de mercado expostos neste artigo utilizaram metodologias projetuais expostas pelos seguintes autores: Frascara (2009); Lupton (2013) e Peón (2001). É importante destacar que a empresa possui estrutura de diretoria composta por presidente, diretor de projeto, diretor de Marketing, financeiro, secretário e estagiários. Todos desempenham atividades de criação. Esses cargos são exercidos por alunos voluntários selecionados previamente pela equipe – tais acadêmicos atuam por alguns meses de forma a gerar rotatividade e proporcionar espaço de aprendizagem para mais alunos.

A Designeria funciona de forma horizontal, ou seja, todos os alunos envolvidos são responsáveis pelas decisões da empresa que são discutidas em reuniões semanais supervisionadas pela professora coordenadora do projeto. Os trabalhos criados, por sua vez, são desenvolvidos em grupos formados normalmente por três integrantes. A distribuição desses é realizada nas referidas reuniões e leva em consideração a experiência e a habilidade para desempenhar os desafios que são propostos.

O contato dos clientes com a Empresa é realizado via e-mail² ou mensagem na *fanpage* da Designeria. A partir daí é agendado o atendimento pessoal ao cliente por meio de uma reunião para a definição do *briefing* – instrumento em que se definem quais são as necessidades do projeto e como a empresa poderá oferecer tal solução. Após, o pedido de trabalho é apresentado à equipe da Designeria que decidirá a viabilidade da proposta. Caso essa seja aprovada será realizado um orçamento que, posteriormente, é encaminhado ao cliente. Aprovado o orçamento, a empresa formaliza um contrato com o potencial cliente – momento em que se define que trabalho será produzido e com qual prazo. Isso firmado, o projeto é desenvolvido e entregue conforme as etapas estabelecidas. Ele só é finalizado após ter sido realizada uma entrega e, depois de ajustes necessários, ter recebido a devida aprovação por parte do cliente. Das diferentes propostas desenvolvidas pela Designeria no último ano, optou-se por compartilhar neste artigo uma amostra intencional (GIL, 2009), dos resultados obtidos de forma bastante resumida, como será apresentado a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro trabalho exposto trata-se da criação da identidade visual para a empresa *Vértice Engenharia Jr.* Essa criação foi uma parceria entre as duas empresas juniores da UFPel – prática muito saudável. O objetivo da *Vértice Engenharia Jr* é oferecer serviços de maneira ecológica e sustentável, com o menor investimento possível, mas de qualidade inquestionável. A partir desse conceito, a marca *Vértice Engenharia Jr* criada utilizou uma tipografia própria e atual – revelando o caráter inovador e sustentável almejado. A marca se apropria do verde como tom principal e de variações de aplicação em azul e cinza. Foi composta pelo logotipo – *Vértice Engenharia Jr* – e pelo símbolo representado pela letra “V”, que contém um vértice (Fig. 1).

¹ Disponível em: <http://www.sebrae.com.br>

² Para entrar em contato com a Designeria escreva para: designeriaufpel@gmail.com



Figura 1: Identidade Visual Vértice Engenharia Jr
Fonte: Behance da Designeria³

O segundo trabalho trata-se de um projeto comercial, um rótulo desenvolvido para a cerveja artesanal *Call To Beer*. No briefing, o cliente solicitou que fossem usadas as cabines telefônicas da cidade de Londres como o principal elemento decorativo do rótulo. Assim, optou-se pelo uso de cores claras, com a intenção de deixar o rótulo com um aspecto antigo. Como a cerveja será envasada em garrafas, ao invés de latas, criou-se um adesivo para ser fixado no corpo da garrafa e outro para o pescoço da mesma – identificando, assim, o tipo de cerveja (ver Fig 3).



Figura 3: Rótulo Call to beer - Cerveja artesanal
Fonte: Behance da Designeria

Já a campanha *Guarda Responsável* foi um projeto social desenvolvido pelo Programa de Residência do curso de Medicina Veterinária da UFPEL e teve como objetivo conscientizar sobre a guarda responsável de animais. Esse trabalho se tratou de um projeto social desempenhado pela Designeria – o que causou muita realização para a equipe. Nesse trabalho foi desenvolvida a identidade visual; o perfil no *facebook*; a capa e a *template* para *Facebook*; as ilustrações para os cartazes; os adesivos para ônibus e os folders (ver Fig. 4).



Figura 4: Alguns materiais desenvolvidos para a campanha Guarda Responsável.
Fonte: Arquivo da Designeria

Os projetos apresentados neste artigo, de maneira muito sucinta, envolveram um total de dez⁴ discentes com supervisão docente – com diferentes

³ Disponível em: <http://www.behance.net/designeria>

⁴ Ana Lúcia Barboza Pinto, Anna Laux Suriz, Enzo Patteli, Joana Krupp, Joyce Nascimento Oliveira, Lídia Santos, Luana Macedo, Lucas Cruz, Mariana de Oliveira do Couto e Silva, Pedro Matheus.

competências e que, ao realizarem tais tarefas, aprenderam não só a lidar com os clientes; com os prazos e com a criação dos projetos, mas a se desenvolverem como profissionais da área do design.

4. CONCLUSÕES

Como foi possível debater, a Designeria é um espaço em que os acadêmicos fazem a gestão empresarial; aprendem; ensinam⁵ e ficam em contato com o mercado. Além disso, por meio dos projetos executados eles têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos obtidos em sala de aula de forma prática. Como objetivos futuros a Empresa tem a intenção de atrair mais estudantes e de divulgar os serviços de design oferecidos para a comunidade interna e externa à Universidade. Por fim, pretende ainda aprimorar os processos e o ambiente de trabalho, além de estimular que os alunos calouros participem dos processos seletivos – para, assim, dar continuidade ao projeto. Por fim, é importante salientar que a Designeria se faz presente em eventos realizados pelo colegiado dos cursos de Design e pela Universidade como um todo, a exemplo do III Workshop de Empreendedorismo realizado na UFPEL em que a Empresa foi premiada em primeiro lugar no *1º Concurso de Pitches de Empresas Juniores da UFPEL*. Diante do exposto, este artigo, tem também a intenção de corroborar com esses objetivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONSOLO, Cecília. **Design Estratégico, do símbolo à Gestão da Identidade Corporativa**. São Paulo: Bulcher, 2015.
- FRASCARA, Jorge. **El diseño de comunicación**. Buenos Aires: Infinito, 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo, Atlas, 2009.
- LUPTON, Ellen. **Intuição, ação, criação**. São Paulo: G. Gill, 2013.
- PEÓN, María Luísa. **Sistemas de Identidade Visual**. Rio de Janeiro: 2AB, 2001 (2ª edição).

⁵ No segundo semestre de cada ano os integrantes da empresa oferecem workshops. Nesses cursos eles compartilham conhecimentos vinculados à área do Design.

PROJETO DOCUMENTAL ONG ANJOS E QUERUBINS: Como o Jornalismo Comunitário atua na comunidade

ARIEL PEDONE¹; ANTONIÉLA THEIL FONSECA²; EDNA SOUZA MACHADO³
CARLOS ANDRÉ DOMINGUEZ

¹ Universidade Federal de Pelotas – ariel_pedone@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – antoniela77@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – ednasmachado@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas - cadredominguez@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No decorrer do trabalho se fará uma mostra do projeto realizado pelos alunos do 7º semestre de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas para a cadeira de Jornalismo Comunitário com o professor Carlos André Dominguez, em que foi feito um documentário mostrando a história e a atual situação da ONG (Organização não governamental) Anjos e Querubins, uma instituição sem fins lucrativos que visa auxiliar as crianças carentes e dependentes químicos de bairros vulneráveis de Pelotas/RS através da música e do teatro.

O presidente da ONG é o senhor Bem Hur Flores, sendo um dos fundadores da mesma que juntamente a alguns parceiros ensinaram crianças e jovens a cantar, dançar e atuar, para que nos momentos em que não estivessem na escola pudessem usar seu tempo através das artes. O grupo já tem 13 anos de trajetória e já mostrou sua música em vários lugares como: Centro Histórico de Pelotas, Câmara de Vereadores, Mercado Público, Fenadoce, Escolas Públicas em geral, Charqueada São João, Herval, Canguçu, São Lourenço e Rio de Janeiro.

Os recursos que mantém a orquestra Afrobeat são doações feitas por instituições públicas ou particulares, por colaboradores, amigos e pessoas simpatizantes ao grupo que busca o resgate através da música, em que o Presidente busca todos os anos trazer novos integrantes que possam participar até atingir a maioria.

Deste modo, Peruzzo (2000) vai dizer que esta participação popular também tem o objetivo de informar através dos vários mecanismos como a música e na participação que terão na construção do depoimento, mostrando o trabalho desenvolvido.

A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária, contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, fazem-se protagonistas da comunicação e não somente receptores. (PERUZZO, 2000 p. 661).

Portanto, para a realização dos vídeos foi necessário o envolvimento de todos os integrantes da ONG desde o presidente até as crianças, os jovens e os colaboradores, em que atualmente contam com a Pestalozzi que busca trazer membros ao grupo que possuam deficiências, seja auditivas ou visuais, pois o fundador Bem Hur também possui deficiência visual e quer mostrar que mesmo com algumas limitações todos podem participar dos Anjos e Querubins e aprender a tocar.

Então se buscará reconhecer a importância de se ter um bom material de registro das atividades realizadas pela comunidade, que vise relatar sua

finalidade, seus desafios e as expectativas, que seja feita de forma bilateral um diálogo entre os produtores e os protagonistas, que traga a realidade e valorize o trabalho de resgate, bem como outras pessoas possam perceber esse trabalho e ajudar de alguma forma, sendo que busca de muitas maneiras de doações para se manter, devido ao fato de possuir fins lucrativos.

2. METODOLOGIA

Para se realizar o projeto a melhor forma encontrada foi o gênero documentário pois, segundo as pesquisadoras Vanessa Zandonade e Maria Cristina de Jesus Fagundes (2003), “é um gênero audiovisual utilizado como forma de expressão da sociedade e registro dos acontecimentos, desde o início do século XIX” e quando utilizado no Jornalismo Comunitário promove a integração entre a comunidade e seus membros participantes, retratando e desenvolvendo assim, a cooperação entre os mesmos e possibilitando também ao profissional jornalista um maior envolvimento com a informação e o serviço social. Nesse contexto, temos a definição de documentário como:

“uma montagem cinematográfica de imagens visuais e sonoras dadas como reais e não ficcionais. O filme documentário tem, quase sempre, um caráter didático ou informativo, que visa, principalmente, restituir as aparências da realidade, mostrar as coisas e o mundo tais como eles são (AUMONT e MARIE, 2003, p. 86).”

A construção deste documentário se realizou com registros audiovisuais desde o primeiro contato com a ONG, visto que abordaremos a realidade da mesma, mostrando o seu início até os dias atuais, depois fomos pesquisar a história e conhecer a fundo a instituição para começar a captar as imagens com os equipamentos fornecidos pela faculdade, e as gravações eram realizadas durante os ensaios. Então, coletamos falas de integrantes do grupo e se inserimos em sua realidade participando das atividades e promovendo confraternizações. Assim, contendo o material imagético foi elaborado o texto e gravado os áudios que seriam adicionados sob as imagens, para que se começasse a edição para a elaboração do vídeo, sendo necessário colocar créditos aos elaboradores como quem colaborou e participou do depoimento. Após, feito o produto final foi apresentado para a disciplina de Jornalismo Comunitário, disponibilizado pelo *facebook* da própria ONG e no *Youtube* também. Além, de ficar arquivado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio no bairro Pestano, onde se realizada alguns ensaios e finalmente, reunimos os integrantes dos Anjos e Querubins e a comunidade para passar o depoimento e saber a opinião de todos sobre o arquivo histórico, que visa valorizar e mostrar a importância desse serviço social feito pelo Presidente Ben Hur Flores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os meios de comunicação não servem apenas para informar a sociedade, mas para divulgar o trabalho desenvolvido por ela, como acontece em muitas comunidades, principalmente nas partes que buscam realizar o resgate social e integrar pessoas sem custos ensinando alguma arte. Para utilizar estas formas de divulgação não é preciso ter um grande investimento, pois com a internet é fácil demonstrar as atividades, seja por fotos, vídeos até uma rádio online, outro meio é o jornal feito com materiais mais baratos que os próprios membros de um grupo podem fazer. É por isso, que PERUZZO p. 3 vai destacar que essa forma

de comunicação aos poucos ganhou expressividade e propõem dar voz as classes mais vulneráveis, sendo os moradores de uma determinada localidade que muitas vezes não usufruem de alguns direitos de saúde, segurança, moradia como tantos outros que são necessários para a comunidade, mas são difíceis para determinados grupos. Também, se propõem dar visibilidade para defender causas bem como pessoas que tiveram resistência da sociedade por muitos anos como feministas, negros e homossexuais. Deste modo, a comunicação desses grupos vai desempenhar um papel relevante através da cidadania e da informação.

Muitas vezes, os pequenos grupos de voluntariado social não são conhecidos e nem mostrados pela grande mídia, e nesse sentido que o jornalismo deve explorar esta história e a atuação dessas pessoas que se unem buscando usufruir seu tempo com alguma atividade educativa ou para o seu lazer, e buscar apoio na própria comunidade mostrando o que ela tem para informar e dialogar com seus integrantes obtendo a troca de experiências e conhecimentos. Assim, o principal papel do jornalista é trazer o posicionamento de quem promove e participa de atividades sociais e não somente relatar os acontecimentos, como ser um apoiador da causa e mostrar o serviço desenvolvido para que consigam ajuda de outros simpatizantes e mantenham as atividades, tendo recursos fornecidos pelos apoiadores.

O jornalismo comunitário se encarrega de atender as demandas relacionadas à cidadania, bem como das formas de mobilizações sociais que são promovidas, buscando noticiar e proporcionar comunicação nesses locais, tendo proximidade às pessoas agentes da ação, inserindo-se nessa realidade. Portanto, SEQUEIRA E BICUDO p.9 dando ênfase a participação mútua entre colaboradores e atuantes diz: “No jornalismo comunitário, o local é quem dá as cartas- ou melhor, as pautas”. Salientando sobre, a importância do jornalista em ter um diálogo aberto com as pessoas do local de onde pretende falar, mostrando fatos reais e chamando a atenção as necessidades daquele lugar.

De outro lado, PAIVA pensa que entre a comunidade há comportamentos psicológicos que tende a orientar as pessoas de determinado grupo, e nesse sentido as pessoas vão trocar ideias e praticar a comunicação. PAIVA (1998, p. 68) diz que: “De qualquer maneira, é possível admitir pelo menos outras duas conotações. Na perspectiva psicológica, comporta relações sociais que vão desde a amizade à intimidade pessoal, à comunicação ou comunhão de idéias”.

Por isso, a escolha da organização não governamental Centro de Cultura, Esporte e Lazer Afro Beat Anjos e Querubins, se deu devido ao fato de que esse trabalho é desenvolvido há muitos anos na cidade de Pelotas/RS com o objetivo de promover o resgate social dos bairros carentes e vulneráveis, tirando crianças e jovens do possível uso de drogas. Ela tem por base o resgate da cidadania no campo, ações escolares, recreação, teatro, música, reuniões com os pais e a realização de oficinas. A princípio a ONG começou no bairro Getúlio Vargas, após teve sede no bairro Navegantes, atualmente atua nos bairros: Pestano e arredores, Navegantes, Porto, Fátima e Balsa. O Presidente e ensaiador é o Senhor Bem Hur Flores, que ensina os integrantes a tocar, cantar e atuar sem custos, com a maioria dos instrumentos sendo produzidos pelos próprios alunos, como uso baldes e latas.

Mediante a proposta do projeto comunitário, nosso produto final se deteve a um depoimento, ao qual chamamos de: “Projeto ONG Anjos e Querubins-Contando o passo a passo desta história” para ajudar principalmente na visibilidade da organização com o objetivo de ter um registro histórico de como começou a ONG até os dias atuais, em que o Presidente Ben Hur pudesse relatar

esta história, juntamente as crianças e jovens que estão inseridas atualmente no grupo. Assim, ele conta como surgiu a “Anjos e Querubins” e a luta ao longo dos anos que teve para manter a mesma, os participantes contam suas motivações para fazerem parte do grupo, além de mostrar apresentações musicais e ensaios do grupo.

4. CONCLUSÕES

Com esse trabalho podemos romper com os paradigmas do Jornalismo Convencional, pois, além de desprendermo-nos das leis de mercado e da produção massificada, também podemos contribuir na luta dessa comunidade na sua afirmação como agente social ou como cita Cecília Peruzzo (1998) o “ser um sujeito da história” não sendo assim apenas um “objeto”. Com isso, acreditamos que possa ser possível o surgimento de comunidades mais valorizadas, que acreditem na força da participação de todos em busca de um bem comum.

Conseguimos aplicar as técnicas do Jornalismo Comunitário enquanto acompanhávamos o projeto Anjos e Querubins que por sua vez encontraram em nós uma ferramenta de divulgação e apoio ao desenvolvimento do trabalho. Isso proporciona ao jornalismo a capacidade de sair da rotina das salas da faculdade e se tornar quase que um antropólogo, exercitando a capacidade observacional e sensibilidade crítica no seu papel social.

Portando concluímos que não se pode separar a comunicação e o jornalismo de seu caráter social e que a ação comunitária é uma das formas de se “fugir” das pressões do da “indústria do entretenimento”, trabalhando o pensar crítico das pessoas alcançadas pelo documentário e trazendo a luz uma nova possibilidade para o jornalista que de fato quer trabalhar com a “vida real”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J. e MARIE, M. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Campinas/SP: Papyrus, 2003.

FILHO, C. M. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2.ed. São Paulo, 1989.

PAIVA, R. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia E Globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PERUZZO, C.M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SEQUEIRA, C. e BICUDO, F. **Jornalismo Comunitário: Conceitos, Importância e Desafios Contemporâneos**. Universidade Anhembi Morumbi, 2007

UFSC. **Direito À Comunicação Comunitária, Participação Popular E Cidadania**. Cicilia M.Krohling Peruzzo. Online. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/32403-39077-1-PB.pdf>

ZANDONADE, V; FAGUNDES, M.C.J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social** 2003 Monografia (bacharelado em Jornalismo) Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis.

CIDADANIA NO AR: A IMPORTÂNCIA DO RÁDIO EDUCATIVO NO RESGATE DA PLURALIDADE CULTURAL

CALVIN DA SILVA COUSIN¹; MARTHA MENDONÇA DE SOUZA GONÇALVES²;
PROF.º. DR.º. RICARDO ZIMMERMANN FIEGENBAUM³

¹ Universidade Federal de Pelotas – calvin_cousin@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – marthams@hotmial.com

³ Universidade Federal de Pelotas – ricardozifi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Cidadania no Ar” procura promover a qualificação da cidadania por meio da produção de programas de rádio pensados e executados por alunos bolsistas e colaboradores da Rádio Federal FM da Universidade Federal de Pelotas – UFPel (na frequência 107.9FM). De acordo com HEITZMANN (2005), o uso de técnicas criativas é indispensável na produção radiofônica educativa. Tal citação propõe um desafio: pensar na produção de conteúdo educativo de forma atraente. Existem outros objetivos traçados no Projeto, tal como a valorização da cultura local e regional e o protagonismo das comunidades locais, afinal, “há coisas lindas acontecendo de forma silenciosa e invisível, pessoas que vivem por ideais altos e lutam pela justiça de verdade” (ALVES apud HEITZMANN, 2005). É dever do jornalismo educativo servir ao público, incentivar as iniciativas e ações locais e qualificar a cidadania.

A primeira emissora de rádio no Brasil, a “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, foi fundada em 1923 por Roquete Pinto e transmitia, sobretudo, palestras científicas e literárias (ROLDÃO, 2002). Ao ceder sua emissora ao Ministério da Educação em 1936, Pinto solicitou que a programação se mantivesse restrita a programas educativos, no que marcou o nascimento do rádio educativo brasileiro. O rádio, pelo fato de estar tão difundido na sociedade e ser de tão fácil compreensão, por utilizar apenas o áudio, talvez seja o meio de comunicação mais popular e acessível à população, o que pode contribuir muito para o processo de resgate da cidadania (ROLDÃO, 2002). As emissoras que não possuem fins lucrativos podem funcionar como espaço de democratização da informação e da cultura (PERUZZO, 2011), divulgando a produção cultural local e abrindo espaço para notícias e relatos de acontecimentos das proximidades, ao abordarem problemáticas referentes aos meios que pertencem.

Nesse ponto entra a Rádio Federal FM, que serve não apenas à universidade, mas também à cidade de Pelotas como um todo, devendo tratar de assuntos em sua programação que digam respeito a toda comunidade. Assim, o presente trabalho apresentará os principais materiais jornalísticos produzidos pelo Projeto, relacionando-os com as facetas e objetivos tradicionais das rádios educativas e com o modo em que a cidadania pode ser praticada em seu exercício. Para tanto, será utilizada a noção de jornalismo cívico, conforme explicitada por ARCE (2007), onde diversos segmentos do público são encorajados a contribuir na produção de conteúdo e consolidar a ideia de participação justa e democrática na construção de informação.

2. METODOLOGIA

Os programas desenvolvidos pelos integrantes do Projeto visam promover a qualificação da cidadania e valorizar a cultura da região, assim como a

produção científica e tecnológica da UFPel, além de colocar os estudantes de Jornalismo e a comunidade local como protagonistas no processo de criação e transmissão do material, uma vez que rádios educativas públicas devem reconhecer a pluralidade cultural encontrada nos espaços em que se inserem (DEUS, 2003). Para a definição dos programas, o primeiro passo é determinar seus temas e formatos, tendo em vista os objetivos do Projeto, e também a periodicidade e duração de cada um. A segunda etapa engloba a produção do material, período em que se definem suas fontes e pautas, se apura as informações e ocorrem as gravações, a edição, a avaliação do material final e sua eventual transmissão.

Até a conclusão deste resumo, quatro programas são contemplados pelo Projeto, estando na primeira ou na segunda etapa de produção: “Universidade na Rádio”, cuja ideia original é a de entrevistar pró-reitores da UFPel acerca de suas áreas de responsabilidade (embora o programa se encontre em processo de reformulação para incluir comentários sobre outros segmentos da universidade, como a produção artística dos estudantes); “O Livro que Me Lê”, onde são coletados relatos de alunos de escolas pelotenses sobre seus livros favoritos e opiniões de leitura; “Minuto da Cidadania”, que lembra aos ouvintes alguns de seus direitos constitucionalmente assegurados, como, por exemplo, os direitos do consumidor; “Federal FM Original”, que busca apresentar material informativo e musical de artistas da região, assim como eventuais entrevistas com os músicos. Os programas devem se enquadrar e contribuir para a prática do jornalismo cívico, cujos desdobramentos e reflexões serão apresentados a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O jornalismo cívico entende o público como um ator social capaz de contribuir em diferentes instâncias da vida em sociedade (MERRITT apud ARCE, 2007). Sendo assim, é papel do jornalismo cívico potencializar e incentivar essa participação do público dentro de suas possibilidades. Dessa forma, o jornalismo reforça sua origem de prestador de serviços à comunidade, e assume a responsabilidade social de promover conteúdos que incentivem o senso crítico e a reflexão, além de qualificar a cidadania e garantir a informação de forma plural. Vale destacar que um dos importantes papéis do jornalismo cívico, no referente artigo tratando-se especificamente da rádio educativa, é a valorização da cultura local e regional. Neste setor do jornalismo, cabe a produção radiofônica educativa representar a voz da comunidade local e destacar suas ações, iniciativas e temas de interesse. O projeto “Cidadania no Ar” convoca os alunos bolsistas e demais colaboradores ao desafio de criar meios e exercer um jornalismo plural e representativo, que potencialize a qualificação da cidadania e garanta a voz e a veiculação da cidade de Pelotas e da Universidade Federal de Pelotas.

Cabe ressaltar que a Rádio Federal FM serve como laboratório para que os estudantes do curso de Jornalismo da UFPel desenvolvam práticas para as disciplinas relacionadas ao radiojornalismo, podendo se encaixar, também, na categorização de rádio escola. Ao relacionar a teoria com a prática, as rádios escola ajudam na ampliação e na fixação do conhecimento dos futuros profissionais (PERUZZO, 2011), se mostrando poderosas ferramentas de ensino tanto para os ouvintes quanto para os produtores. Para alcançar os objetivos específicos do Projeto “Cidadania no Ar”, foram pensados quatro programas a serem veiculados a partir do mês de setembro de 2016; “O Livro que Me Lê”, “Minuto da Cidadania”, “Universidade na Rádio” e “Federal FM Original”.

“O Livro que Me Lê”, ao apresentar os relatos de alunos de escolas pelotenses (sobretudo os de ensino fundamental) sobre suas leituras, talvez funcione como o primeiro contato dos entrevistados com o rádio, ligando os participantes do Projeto com parte da sociedade, travando um diálogo que consegue suprir os objetivos do jornalismo cívico (ARCE, 2011). Esse programa dá voz para um público jovem que raramente aparecerá em outros veículos de comunicação, auxiliando na democratização de pautas e fontes geralmente utilizadas por jornalistas. “Federal FM Original” abre espaço e valoriza a produção musical local, que dificilmente desponta em rádios comerciais, e, caso sejam buscados artistas de diferentes gêneros, não fomenta a massificação cultural presente em grandes emissoras nem restringe estilos, uma vez que “música é cultura, e assim, música e cultura devem ser respeitadas e difundidas como tal” (ROLDÃO, 2002).

“Universidade na Rádio” se volta para assuntos de interesse, inicialmente, da comunidade acadêmica, mas que sob maior análise pode-se concluir que dizem respeito a toda localidade, uma vez que a Universidade está inserida em um espaço, moldando e sendo moldada por ele. Ao trazer a tona questões pertinentes para a vida em sociedade, “Minuto de Cidadania” relembra aos ouvintes seus direitos e deveres como cidadãos, numa tentativa de educar a população sobre questões do cotidiano e cumprir o principal objetivo do Projeto. O mesmo pode ser dito sobre todos os outros programas, tendo em vista que “O Livro que Me Lê” e “Federal FM Original” provavelmente trarão para o interesse público novos produtos culturais e “Universidade na Rádio” informará a comunidade sobre diversas questões que ocorrem na UFPel.

4. CONCLUSÕES

O jornalismo cívico busca, principalmente, potencializar a participação do público e tratar de assuntos específicos da localidade em que o profissional se encontra, além de incentivar a pluralidade cultural e qualificar a cidadania. Ao se relacionar com rádios educativas, conforme PERUZZO (2011), a prática facilita a democratização da comunicação e da cultura. Essas características são exploradas pelo Projeto de Extensão “Cidadania no Ar”, cujos programas contemplados são completamente referentes não apenas à comunidade da UFPel, mas a toda cidade de Pelotas.

“O Livro que Me Lê” e “Federal FM Original” dialogam diretamente com indivíduos da região (e, no caso do segundo, expõe seus trabalhos), “Minuto” serve como lembrete de questões relacionadas a cidadania e “Universidade na Rádio” divulga o papel e as possibilidades da instituição. As próximas etapas do Projeto incluem avançar na produção desses programas, aproveitando o máximo possível das características de jornalismo cívico e rádio educativo apresentadas no artigo, além de pensar em maneiras de otimizar sua prática, de modo que as informações transmitidas pela 107.9FM sejam cada vez mais democráticas e plurais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, T. Jornalismo Público: possibilidades e limites de atuação em uma rádio educativa. In: **SOPCOM – COMUNICAÇÃO E CIDADANIA**, 5., Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2007.

DEUS, S. Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 327-338, 2003.

HEITZMANN, P. Z. Práticas educativas nas rádios educativas: garimpar estrelas no chão. In: **UNOPAR CIENT., CIÊNC. HUM. EDUC.**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 75-82, 2005.

_____, P. Z., BESPALHOK, F. L. B. Rádios educativas: entraves, desafios e possibilidades para a construção de práticas educativas. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 28., Rio de Janeiro, 2005.

PERUZZO, C. M. K. O rádio educativo e a cibercultur@ nos processos de mobilização comunitária. **Revista FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 933–958, 2011.

ROLDÃO, I. C. O Papel da Rádio Educativa. In: **SEMINÁRIO NACIONAL “O PROFESSOR E A LEITURA DO JORNAL”**, 1., Campinas, 2002, **Anais...** Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2002. p. 1-7.

ZUCULOTO, V. R. M. As perspectivas do rádio na sociedade da informação: reflexões sobre a programação das emissoras públicas. In: **ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM**, 4., Porto Alegre, 2004.

M E S M A encontros sobre representação feminista

CAMILA SOARES BAZZANELLA¹; JÉSSICA PORCIÚNCULA²; FERNANDO IGANSI NUNES³

¹UFPEL – cuqui@musahibrida.com

²UFPEL – jessyfp@yahoo.com.br

³UFPEL – fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

MESMA foi um evento que aconteceu durante o mês de julho de 2016 e reuniu diversas atividades para pensar a representação feminista na arte. Através do PET e com a parceria da casa cultural Las Vulvas, o foco principal do evento foram dois encontros somente entre mulheres, realizados aos sábados com os temas *desenho* (com Carolina Marchese e Alice Porto) e *poesia* (com Angélica Freitas e Priscilla Krüger). Também fez parte deste projeto uma exposição no Corredor Imprensa com Camila Cuqui e Jéssica Porciúncula e uma oficina de origami de bucinhas com a Cássia Cavalheiro.

O objetivo da MESMA foi oferecer às mulheres outros olhares sobre si mesmas e as outras, colocando a autorrepresentação como forma de protesto contra a imagem hegemônica, publicitária e objetificada da mulher. “Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que antes de terminar a leitura não me deparasse com algum capítulo ou cláusula reprimendo as mulheres.” (PIZAN, 1405) Qual seria “...o momento preciso da ficção que penetrou em nossa psique como realidade e a história começa a espelha-la. Ou vice-versa.” (DWORKIN, 1974, p32)¹? Utilizando referências teóricas do livro *Woman Hating* e artistas como a Safo de Lesbos, Christine de Pizan, Kiki Smith, Virginia Woolf e Ana Cristina Cesar, este evento ressalta a importância da produção feminina e feminista em diferentes áreas da arte.

2. METODOLOGIA

A identidade visual do projeto foi inspirada no útero desenhado pela artista alemã Kiki Smith.

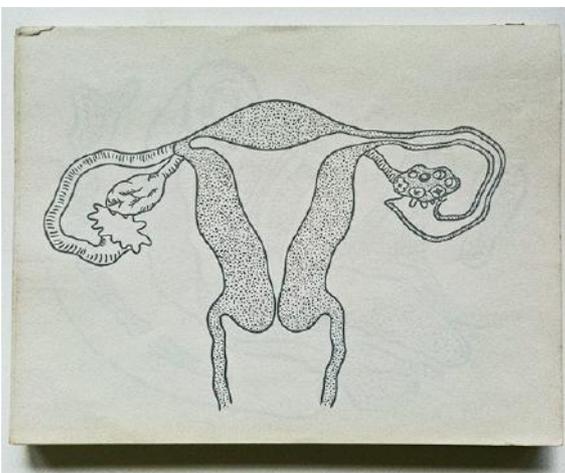


Figura 1 - Kiki Smith notepad offset print, 1983

Os dois encontros foram realizados em sábados do mês de junho na casa cultural Las Vulvas e foram constituídos em uma oficina e uma roda de conversa. No primeiro sábado com o tema *desenho*, Carolina Marchese ministrou a oficina com dinâmicas de olhares sobre nós mesmas e a Alice Porto puxou a roda de conversa relacionando o desenho e o feminismo com sua mais recente zine “Ser um omi feminista”². No segundo encontro, houve uma oficina de escrita poética com a Angélica Freitas. O último dos

¹ Texto original: "One wants to locate the precise moment when fiction penetrates into the psyche as reality, and history begins to mirror it. Or vice versa. "

² Disponível em: serumhomemfeministo.tumblr.com/

exercícios proposto pela Angélica foi fazer um poema que começasse com uma metáfora e falasse das nossas próprias



Figura 2 - registro dos encontros, 2016

bucetas. Fechando o sábado, a roda de conversa foi com a leitura de poemas da Priscilla Krüger³.

A exposição realizada no Corredor Imprensa literalmente estampou o corredor da gravura da UFPel com a temática feminista, nesse local não-usual de exposição de arte proposto pela Kelly Wendt⁴. Já a oficina de origamis integrou essa atividade cotidiana da casa Las Vulvas com nossa programação.

Observar-se e sentir-se representada ao ver referências de mulheres, conhecer o trabalho de mulheres próximas, todas essas trocas e somas criaram um ambiente de empoderamento coletivo. O ato de criar continuamente como o poder de se olhar, revisitar e alterar coloca a arte como uma ferramenta potente de transformação de pensamento.



Figura 3 - programação da MESMA, 2016

“Nada, Esta Espuma

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.

Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia.”
(CESAR, 1985)

Posteriormente, a passagem da Fabiana Faleiros por Pelotas e sua performance como *Lady Incentivo* também contribuiu imensamente para esse

³ Poeta local com alguns poemas disponíveis em: guarnecidagana.blogspot.com

⁴ Kelly Wendt é professora de gravura responsável pelo projeto Corredor Imprensa, que ocupa o corredor entre as salas de gravura com exposições.

imaginário de poder. Em parceria com ela foi composta a canção “Eu vejo bucetas em tudo”⁵, que entrou como trilha sonora da zine.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada uma exposição com os resultados físicos das oficinas e um “xarau”⁶ com as leituras. Depois do segundo encontro, surgiu a ideia da zine *Xoxotas de Pelotas*. Mais duas oficinas foram organizadas pela Alice Porto na Las Vulvas para organizar, escanear, compartilhar o material reunido e tomar decisões sobre os rumos do trabalho. Foram 21 mulheres entre poemas e desenhos. O trabalho inicia com um texto da Angélica Freitas e conta com a diagramação da Camila Cuqui. São 40 páginas coloridas de representações da nossa “Buceta, xoxota, vagina, xereca, racha, xana.” (FALEIROS, 2016, p97). Os 10 exemplares impressos se esgotaram na Parada Gráfica em 6 e 7 de agosto de 2016. A segunda edição será em parceria com a Editora Caseira e serão 100 exemplares.



Figura 2 - zine xoxotas de pelotas, 2016

O livro tem a capacidade de aumentar o alcance do imaginário que foi criado entre as mulheres do encontro. Expandí-lo para outras que possam começar a desenhar seus órgãos genitais ou se identificar de alguma forma com os poemas ou ilustrações ou até mesmo achar tudo uma grande bobagem e talvez inventar um modo próprio de autorrepresentação.

3. CONCLUSÕES

Dentro de uma sociedade em que “Nós vemos que mulheres poderosas são más e que mulheres boas são inertes.” (DWORKIN, 1974, p45), a MESMA foi um espaço para as mulheres para que as mulheres tomassem poder para si, pudessem se ver, se pensar e produzir poeticamente em relação a tudo isso que somos e que nos cerca. O órgão genital feminino constantemente é colocado como sujo, feio, fedido. “porque uma mulher boa / é uma mulher limpa / e se ela é uma mulher limpa / ela é uma mulher boa” (FREITAS, 2012, p11) A feminilidade é uma ferramenta de coerção social que coloca as mulheres afastadas de sua própria sexualidade e do controle de seu corpo. As xoxotas como foco nessa publicação são uma forma de ir contra a higienização forçada das mulheres. Uma celebração dos pelos, dos cheiros, do que há de natural em ser humano.

⁵ Disponível em: soundcloud.com/fabianafaleiros/eu-vejo-bucetas-em-tudo

⁶ sarau + xoxotas

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. Recife, 2006. 368p.
- CESAR, Ana Cristina. **Ineditos e Dispersos**. Brasiliense: 1985.
- DWORKIN, Andrea. **Woman Hating**. A Plume Book: Nova Iorque, 1974.
- FALEIROS, Fabiana. **Mastur Bar: O pulso que cai e as tecnologias do toque**. Ikrek edições, 2016.
- FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. Cosac Naify: São Paulo, 2012.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tordesilhas: São Paulo, 2014.

CONECTANDO SABERES: UM JORNAL QUE CONTRIBUI PARA A GERAÇÃO DE CONHECIMENTO E PARA O COMPARTILHAMENTO DE IDEIAS

CAMILLA CARDOSO GODINHO¹; BIANCA CRUZ SILVEIRA²; LORENA ALMEIDA GILL³.

¹Universidade Federal de Pelotas – godinhocamilla@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – biank_silveira@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - lorenalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Diversidade e Tolerância têm como característica central a interdisciplinaridade, que além de ser um princípio, trata-se também de uma atitude de busca e inclusão das mais diversas áreas do conhecimento. A perspectiva é a de se integrar e relacionar disciplinas aparentemente distintas, possibilitando e favorecendo uma maior abrangência de estudos e troca de saberes.

O jornal “Conectando Saberes” é um periódico informativo, pensado como parte de um projeto de extensão do grupo PET Diversidade e Tolerância, o qual foi criado no ano de 2011. O periódico está em sua 11ª edição, sendo que seu objetivo é criar um meio de comunicação entre a Universidade e a comunidade externa.

Atualmente uma versão do jornal está sendo lançada também na versão digital para os adeptos as mídias sociais (em específico no Facebook), atualizando e promovendo debates, que levem à transformação da realidade.

O uso das redes sociais também serve como uma forma de divulgação das atividades realizadas pelo grupo por ser uma ferramenta de fácil e rápido acesso e de grande alcance de pessoas no mundo inteiro.

O que se pretende é proporcionar diálogo com a sociedade, a partir de uma mídia, que pode discutir e refletir sobre temáticas diversas, refletindo sobre problemas presentes no dia a dia, a partir da visão de diferentes grupos sociais.

2. METODOLOGIA

O PET é composto por doze bolsistas, os quais são alunos de diversos cursos como: Engenharia de Computação, Engenharia Hídrica, Engenharia de Petróleo, Agronomia, Meteorologia, Nutrição, Letras, História, Cinema e Audiovisual, Odontologia. Os bolsistas são vinculados tanto a licenciaturas quanto a bacharelados, em uma perspectiva interdisciplinar. A ideia do grupo em relação ao periódico é promover, por meio de matérias e pequenas reportagens, o questionamento de temas presentes em destaque na sociedade, através de um debate crítico, que tem como objetivo promover informação e conhecimento.

Os principais leitores se constituem pela comunidade interna, embora agora se consiga alcançar um número maior de leitores, tendo em vista a disponibilidade digital. Aproveitando a diversidade dos bolsistas, fica sob a responsabilidade de cada petiano escrever uma parte do jornal, respeitando, dessa forma, as peculiaridades e conhecimentos de sua graduação.

A produção do jornal é feita através de uma mídia impressa, com distribuição gratuita e no formato digital disponibilizado nos nossos *websites*. Redigido atualmente semestralmente, a discussão das temáticas e a divisão das pautas são

realizadas em reuniões semanais do grupo, sendo definidas algumas seções fixas como: Dicas Culturais (espaço reservado para dar ideias de filmes, lugares para lazer, com a ideia de aguçar o interesse do leitor pelas diferentes formas de cultura); Conexão Saúde (coluna para se promover a importância de cuidar da saúde bucal e corporal, além de possuir dicas de alimentação saudável); Aprendendo Juntos (espaço destinado à apresentação dos mais variados temas, principalmente sobre os mais diversos cursos que a Universidade Federal de Pelotas dispõe). As matérias que compõem o informativo tem uma variedade, de acordo com os temas que estão em debate na nossa sociedade e a capa e a contracapa espelham esta conjuntura.

A diagramação é feita pelos próprios bolsistas do programa, através do programa *Corel Draw*. Logo após ocorre uma reunião, para realizar as últimas correções ortográficas, com o intuito de finalizar o projeto gráfico, além de se discutir o público alvo que se quer atingir buscando estratégias de onde serão distribuídos e a quantidade de exemplares que deverão ser impressos pela gráfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PET é um programa que trabalha com ensino, pesquisa e extensão, por isso é tão importante o compartilhamento de experiências. Dessa forma, o jornal torna-se um veículo de comunicação com a comunidade interna e externa.

No início desse projeto em 2011, o periódico tinha como característica estar relacionado ao ambiente escolar, devido ao fato da maioria dos bolsistas, neste período, ser de cursos de licenciatura.

Com o passar do tempo e com o ingresso de novos integrantes ao grupo, o jornal mudou e passou a focar assuntos mais atuais, em uma perspectiva de se discutir a conjuntura nacional, com grande enfoque às políticas educacionais desenvolvidas no país.

Dessa forma, em meados de 2014 optou-se pela busca de diálogo não apenas com o ambiente escolar, mas também com o âmbito universitário e com a comunidade em geral.

4. CONCLUSÕES

O jornal “Conectando Saberes”, juntamente com diversos outros projetos de extensão do PET, tornou-se um espaço de formação e divulgação de diversas posições defendidas pelo grupo, com grande destaque, principalmente, pela temática da Diversidade e Tolerância.

Dessa maneira, o informativo busca, além de ser um veículo de comunicação, dar voz a quem não tem espaço na mídia tradicional para debater sobre temas diversos.

O informativo tem cumprido com a sua finalidade de ser um espaço de debates de pautas que auxiliam na formação dos futuros profissionais. Agora que está disponível em formato digital possibilitará um maior debate, tendo em vista a possibilidade de acesso mais amplo. De outra forma, será possível se conhecer o alcance que cada notícia tem na comunidade do Facebook, verificando o tipo de discussão proporcionada.

Pode-se afirmar que essa troca de experiências é de extrema importância ao bolsista, pois ao redigir uma matéria do jornal ele treina a escrita, busca informações e conhecimento, além de participar dos debates que são efetivados na comunidade digital.

O jornal proporciona ao petiano a construção de uma visão mais ampla, crítica e comprometida com as transformações da sociedade. Espera-se que possa contribuir também para a aquisição de novos conhecimentos junto à comunidade universitária e externa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Portal Ministério da Educação. **Manual de orientações - PET**. Online. Acesso em 23 de julho de 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>

SACRISTÁN, José G. **A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas**. In: ALCUDIA, Rosa et al. Atenção à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOUZA, Regina M.; GALLO, Sílvio. **Por que matamos o barbeiro?** Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. Educação e sociedade. 79, ano XXIII, ago. 2002.

EDUCOMUNICAÇÃO: JORNALISMO COMUNITÁRIO DENTRO DAS ESCOLAS

CASSIANE RIBEIRO FONSECA¹; MÁRCIA DRESCH²

¹Universidade Federal de Pelotas – cassianefonseca96@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dreschm@gmail.com

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa relatar a experiência de participar do Projeto de Extensão “Educomunicação – práticas de jornalismo comunitário e ambiental no Py Crespo e Vizinhança” realizado pela Universidade Federal de Pelotas, que este ano vem realizando atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac. A ideia do referido projeto foi elaborar um jornal impresso com assuntos sobre atividades e fatos que interessassem à comunidade na qual a escola está inserida. O trabalho foi feito com alunos das séries finais do ensino fundamental, com intuito de fornecer uma didática alternativa de aprendizagem.

Por meio de conceitos sobre jornalismo comunitário e educomunicação, este estudo visa mostrar os resultados dessa experiência e relatar se a proposta proporcionou uma maior inserção dos estudantes em assuntos do meio em que vivem. Com práticas de jornalismo comunitário, tem também como objetivo analisar se houve um maior envolvimento entre a comunidade escolar e a comunidade local.

A comunicação é uma importante ferramenta para o desenvolvimento social em uma comunidade. É através dos meios de comunicação que a sociedade pode ser ouvida e representada. Porém, vivemos em uma realidade em que os meios tradicionais de transmissão e a grande mídia representam os cidadãos como anônimos, fazendo-os exercer um papel passivo na comunicação. O jornalismo comunitário apresenta estratégias opostas a esse atual modelo de comunicação que temos. Há inúmeras experiências de uso de mídias alternativas de jornal, tv, rádio, web, com resultados que aproximam a mídia das pautas de interesse das populações envolvidas.

A presença de uma emissora comunitária, mesmo que não totalmente participativa, tem um efeito imediato na população. Pequenas emissoras geralmente começam a transmitir música na maior parte do dia, tendo assim um impacto na identidade cultural e no orgulho da comunidade. O próximo passo, geralmente associado à programação musical, é transmitir anúncios e dedicatórias, que contribuem para o fortalecimento das relações sociais locais. Quando a emissora cresce em experiência e qualidade, começa a produção local de programas sobre saúde ou educação. Isso contribui para a divulgação de informações sobre questões importantes que afetam a comunidade. (PAIVA, 2009, p.71)

As práticas de jornalismo comunitário oferecem uma alternativa para gerar a democratização da informação. Atendendo a assuntos pertinentes dentro de uma determinada comunidade, faz com que os indivíduos se sintam inseridos e mais participativos no contexto em que vivem. Gera identidade individual e coletiva da sociedade em que a comunidade está inserida.

Hoje em dia vivemos em mundo ligado à tecnologia e às novas mídias. E na educação não é diferente. A utilização de tecnologias está cada vez mais presente nas escolas, como uma forma de aliar educação, tecnologia e participação efetiva do aluno com o conhecimento.

Surge então, através das Tecnologias de Informação e Comunicação, o que se chama de “Educomunicação”, conforme explica SOARES (2006):

O neologismo *Educomunicação*, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a **ação**. É sobre ele que continua a recair a tônica quando a palavra é pronunciada, dando-lhe assim, ao que parece, um significado particularmente importante. Educação e/ou Comunicação – assim como a *Educomunicação* – são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que têm na *ação* o seu elemento inaugural.

Com base nisso, a ideia de produzir um jornal da escola, além de buscar a aproximação dos futuros leitores com assuntos que vão ao encontro do meio em que vivem, visa uma nova forma de aprendizagem e inserção dos estudantes na comunidade. Com a produção de conteúdo feita pelos próprios alunos, surge o protagonismo destes, expandindo seu conhecimento e ocasionando maior iniciativa e compromisso com seus afazeres.

2.METODOLOGIA

O Projeto de Extensão “Educomunicação – práticas de jornalismo comunitário e ambiental no Py Crespo e Vizinhança” tem início em 2013, com o propósito de desenvolver jornais impressos em escolas, com a participação dos professores da instituição que fosse contemplada pelo projeto. Este ano houve mudança na proposta, pois, a partir de manifestação de interesse da escola, o projeto passou a ser desenvolvido pelos alunos das séries finais de ensino fundamental da escola Olavo Bilac, com o apoio de professores e da direção da escola.

O projeto foi então adaptado à demanda da escola. Estabelecida a ideia, foi realizada uma reunião dos membros do projeto (coordenadora e estudante de Jornalismo da UFPel) com a direção e a professora responsável pela turma de alunos que, em turno inverso ao das atividades regulares, já desenvolvia projeto de produção da escrita. Neste primeiro encontro foram definidos os procedimentos de realização de atividades até a produção final do jornal.-

A escola buscava a realização de um jornal impresso com assuntos de interesse escolar e da comunidade, produzido pelos seus alunos. Sendo assim, o primeiro passo foi apresentar aos estudantes como se produz um texto jornalístico e conseqüentemente um jornal completo, para que pudessem melhor compreender o universo do jornalismo.

Em seguida começaram as etapas de produção. Duas vezes por semana passaram a ser feitos encontros com os alunos para serem discutidas ideias de pauta que fosse de interesse deles e da escola como um todo. Escolhidos os assuntos, estabeleceu-se de dois a três alunos para cuidar de cada pauta. Cada grupo ficou responsável por buscar material, organizar e realizar entrevistas, produzir imagens fotográficas e o que fosse necessário para compor os textos. Com essa organização e sendo orientados pela estudante da UFPel, a produção do jornal começou.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac já trabalhava com seus alunos de sétimo, oitavo e nono ano, em turno inverso às aulas regulares, a produção da escrita. Com o apoio da Universidade a direção da escola passa a materializar uma ideia antiga de criação de um jornal impresso, aliando tecnologia e educação para uma nova prática didática. A produção efetiva de um jornal, além de

dar voz e divulgar o universo escolar para a comunidade, no plano didático, buscou dar significado prático à escrita dos alunos envolvidos no projeto.

No percorrer das atividades, apresentaram-se alguns obstáculos especificamente quanto à produção dos textos. Dificuldades de escrita, paciência e permanência no projeto – já que não era uma atividade obrigatória, e sim uma forma alternativa de estimular o aluno – foram percebidas. A ideia de dar significado à escrita, uma vez que o trabalho realizado pelos alunos seria impresso e distribuído, não foi suficiente para o engajamento dos alunos e a conclusão do trabalho só foi possível mediante intervenção direta da estudante de Jornalismo, bolsista do projeto. Avaliando o processo, os professores da escola e o grupo da UFPel entenderam que é provável que após a distribuição do primeiro número do jornal, os alunos participantes se sintam valorizados e mais estudantes venham a se engajar futuramente na proposta.

Contudo, há pontos significativos nos resultados das atividades realizadas. Foi produzido material suficiente para a edição do primeiro exemplar do jornal da escola, e com o desenvolvimento das atividades, o projeto começou a ser conhecido e comentado dentre a comunidade escolar. Assim, foram surgindo pautas sugeridas por professores, direção e pelos próprios alunos. Fato este que se dá pela oportunidade destes serem representados por um jornal que seria para a comunidade a sua volta.

4. CONCLUSÕES

Não se pretende, no presente artigo, dar conclusões definitivas do trabalho no projeto de extensão, visto que, este será realizado até o mês de dezembro. Mas podemos perceber que o projeto “Educomunicação – práticas de jornalismo comunitário e ambiental no Py Crespo e Vizinhança” desenvolvido pela UFPel, realizada este ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac, proporciona uma nova forma de aprendizagem para os alunos aproximando a comunidade escolar com a comunidade do bairro em que está inserida, trazendo à discussão e dando publicidade às questões que envolvem a escola e às atividades lá desenvolvidas.

Poder se reconhecer e enxergar a valorização do trabalho em um produto midiático feito para comunidade faz com que haja um maior estímulo e gere um maior protagonismo de quem o produziu, neste caso, os alunos.

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita que a pessoa se torne *sujeito de ação* comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos a sua cultura. (PERUZZO, 1999, p.218)

Logo, o projeto além de oferecer uma nova forma didática de aprendizagem, insere os alunos em assuntos que são de seu interesse e do interesse de sua comunidade, tendo papel significativo no exercício da cidadania dos alunos envolvidos no projeto, que com base na participação ao gerar conteúdo em uma prática de comunicação comunitária, tendem a ser mais críticos com questões à sua volta.

A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária contribui para que elas tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem

protagonistas da comunicação e não somente receptores. (PERUZZO, 1999, p.219)

Participar desse projeto de extensão tem sido uma experiência enriquecedora. Além de poder auxiliar os alunos nas produções para um jornal impresso, transferindo o conhecimento que adquire dentro da universidade, aprendo e enxergo o quão importante é aproximar a comunidade das produções. O jornalismo comunitário faz-se necessário para que haja uma representação de identidade e uma maior democratização da informação.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PAIVA, R. **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista do Pensamento Comunicacional Latino Americano. São Paulo, SP, vol. 4, nº. 1, p. 206-228, 2002.

SOARES, D. **Educomunicação – o que é isto?** Portal Gens, São Paulo, maio. 2006. Acessado em 23 de julho de 2016. Disponível em:
http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf

MÍDIA-EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE WEB RÁDIO E WEB TV NO AMBIENTE ESCOLAR INCLUSIVO

EDUARDO UHLMANN¹; WILLIAM MACHADO DA SILVA²; MARIANA POUHEY DA
CUNHA³; LAURA KUHN MARQUES⁴; MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas - eduardouhlmann.eu@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - williammachad@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - mary-pouey@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - laurakmarques@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - marisrib@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou utilizar os espaços educativos para concretizar práticas pedagógicas inovadoras que possibilitassem a todos os envolvidos realizar aprendizagens diferenciadas mediante programas radiofônicos e de TV via web, abertos, criativos e dialógicos, ao trabalhar os mais diferentes temas que poderiam agregar valor aos conteúdos desenvolvidos nos bancos acadêmicos. Também houve a pretensão de intensificar a consciência cidadã para atividades de responsabilidade social, oportunizando aos alunos uma compreensão da inclusão digital e da interatividade midiática.

Segundo Lopes e Miani (2015), a inter-relação entre mídia-educação é constituída como a norteadora do processo de recepção, cuja esfera e discussão são permanentes, visto que se refere à formação cidadã dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, no campo da comunicação digital, “as novas tecnologias não só estão presentes em todas as atividades práticas do mundo do trabalho, como também se tornam vetores de experiências do cotidiano” (SETTON, 2011).

Portanto, o artigo tem o objetivo de apresentar o desenvolvimento da pesquisa e atividades que foram realizadas no Projeto de Extensão, contemplado por meio do programa de extensão do Ministério da Educação e Cultura/PROEXT MEC/SESu, nos anos de 2014, de 2015 e no primeiro semestre de 2016. Contudo, o caminho perseguido é uma discussão ampla sobre a mídia-educação, como uma forma didática e, também, uma possibilidade de integrar várias tecnologias e plataformas midiáticas no ambiente escolar.

2. METODOLOGIA

Como metodologia alternativa, no desenvolvimento do projeto, executam-se atividades pedagógicas na área de WebTV e WebRádio, em uma escola que atende pessoas com deficiência visual. Isso permite a produção do conhecimento, especialmente, nas áreas da linguagem, códigos e suas tecnologias. Nesse contexto, busca-se confrontar os novos desafios – adaptando-se às exigências na educação inclusiva, ou seja, na formação do sujeito autônomo e crítico – no ambiente educacional.

Para Gil (1999), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores no processo. Os observadores desempenham um papel ativo na coleta de dados, instrumentos e recursos.

Considerando que o trabalho vem sendo desenvolvido desde 2014, foi realizada primeiramente, uma parceria com a escola estadual Nossa Senhora de Lourdes, na cidade Pelotas/RS.

Num primeiro momento, foram feitas oficinas de Leitura e Produção Textual, Dicção e Oratória, cobertura dos eventos na escola, entre eles, destacam-se: Festa Junina, Olimpíada da Matemática e Seminários Integrados. Nas oficinas de Expressão Corporal, as atividades destinadas à consciência do próprio corpo foram organizadas com o intuito de elucidar posturas adequadas. Nos programas de WebRádio e WebTV, as pautas foram: “Violência contra Mulher”, “Trânsito”, “Discriminação” e “Direitos Civis na Internet”.

No início do ano de 2015, agregou-se ao projeto a temática de Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais. A partir deste ato, foi incluída ao projeto a Escola Louis Braille, também da cidade de Pelotas/RS.

Foram criados os seguintes programas: “A musicalidade como forma de ensino”, “Audiodescrição como forma de entretenimento através da exibição de filmes”, “Capacitação dos professores da rede regular de ensino sobre a linguagem Braille”, “Apoio pedagógico no ensino e aprendizagem” e “Rádio corredor”. Com relação às oficinas, foram ministradas técnicas de produção radiofônicas para os alunos com deficiência visual, por profissionais da área, junto com os alunos bolsistas, empreendendo a reativação da rádio interna da escola. Os programas são produzidos semanalmente durante o intervalo escolar, com o suporte técnico dos discentes do projeto, que escolheram o nome “Rádio Louis Braille FM”.

Em parceria com o Centro de Artes da UFPel, aplicaram-se oficinas Sensoriais, como "Desenho na Cozinha", "Flauta Transversal" e "Musicalidade". Também, desde o início deste ano, está sendo desenvolvida a "RádioNovela" em parceria com a Rádio Federal FM Pelotas. Logo, na aplicabilidade das oficinas buscou o emprego da mídia-educação, como forma de expressão e de produção.

Ao dinamizar as relações dos envolvidos no projeto, foi aberto espaço para outras atividades artísticas e culturais, como a oficina "Cultivo & Arte", na qual os alunos aprenderam sobre cultivo das plantas, cuidados e outras formas de mantê-las. Essa oficina contou com o apoio de alunos do curso de Agronomia da universidade.

Nesse sentido, com o material gerado nas atividades citadas, tornou-se possível a realização de um produto audiovisual. Para tanto, foi empregado um software por meio do qual se realizou a edição de vídeos em referência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com as experiências desenvolvidas, é possível perceber mudanças no aprendizado dos alunos. A amplitude da participação nas atividades se mostrou extensa, tendo em vista que somente na escola estadual Nossa Senhora de Lourdes foram executadas atividades para 288 alunos, de três séries (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Politécnico) e de oito turmas diferentes.

A apropriação das mensagens e o uso dos mais variados meios digitais e seus conteúdos, tem a capacidade de estimular a integração e a socialização dos grupos, tanto alunos e professores integrantes do projeto, quanto a comunidade das instituições parceiras. Logo, o ensino através dos meios comunicativos e a utilização da mídia como linguagem promovem novas formas na educação formal, principalmente quando os indivíduos pensam na coletividade e se tornam mais críticos.

Nesse sentido, as práticas confrontaram teorias estudadas, capacitando alunos e professores para atuar no campo da argumentação, tornando-se capazes de participar das aceleradas transformações do mundo contemporâneo. Na nova configuração cultural, pretende-se obter aprendizagens não só personalizadas, mas também coletivas e permanentes, para que as comunidades virtuais facilitem a construção de saberes e o desenvolvimento de competências numa relação renovadora com o conhecimento.

Para Martha Silva, professora da Escola Louis Braille "a oportunidade é ótima, principalmente, a parte das artes, em que eles têm uma sensibilidade maior do que, nós videntes, eles sentem mais, tem a audição, e todos os outros sentidos mais desenvolvidos, então conviver com a música e com as artes para eles é uma maravilha". Com relação à radioescola, a professora comenta que a "atividade religou a comunidade acadêmica, ao espaço educativo, pois os alunos começaram a ter consciência do que é uma atividade cultural, do que é mobilizar. Foi visível o entusiasmo e empenho dos participantes. Eles vencem a timidez e descobrem outros talentos". Como afirma Peruzzo (2015), a produção de mensagens radiofônicas, constitui-se um local de prática social transformadora.

Outro depoimento significativo foi o da vice-diretora da escola, professora Rosana Maria Soares Martins, segundo a qual "o projeto foi muito importante para a escola, principalmente para os nossos alunos. Eles puderam com esse projeto da WebRádio, aprender a se comunicar melhor, se posicionar, se expor". A dinâmica oferecida nas atividades, "contribuiu para reforçar a autoestima, o sentido do trabalho em equipe e as discussões sobre as mensagens da mídia geral, visto que os estudantes gostam de escutar rádios locais".

Dessa forma, como afirma Peruzzo (2015), a Mídia-Educação e a Comunicação Comunitária acontecem quando a comunidade se envolve voluntariamente na construção dos meios. Verificou-se que o trabalho de WebRádio, teve resultados expressivos, dando a oportunidade da criação de métodos inclusivos. Como relata o estudante Emanuel Gonçalves, 5º ano, "houve a participação espontânea e estímulos para potencializar nossas qualidades". Além de que as atividades que estão sendo desenvolvidas, principalmente, a Rádio Louis Braille, foram "planejadas e apresentadas pelos colegas". "Aprendemos as técnicas, a elaboração das ideias e as mensagens radiofônicas, comentando e divulgando os eventos da escola" (Patrick Farias Dias, 4º ano).

Por fim, com o resultado dessa experimentação, pretende-se ampliar e aprofundar as perspectivas de atuação dos alunos e docentes com uma visão mais abrangente, por meio da interface entre educação e mídia. Partindo dessas informações, a ideia é de que o recurso tecnológico é pedagógico e, o indivíduo passa a ter autoria na produção das mensagens. Sendo assim, é preciso ampliar o debate e refletir sobre a cultura e o fenômeno das mídias, sobretudo às digitais. A intenção é convidar os atores envolvidos a fazer uma imersão nesse amplo, diverso e instigante campo de investigação.

4. CONCLUSÕES

Após a realização de diferentes atividades que buscam aprimorar uma educação inclusiva, pretende-se, com este resumo, divulgar as múltiplas possibilidades de aplicação das novas tecnologias a partir do projeto de extensão em foco.

Segundo Lévy (1999), a multimídia interativa ajusta-se muito bem aos usos educativos, favorecendo o envolvimento pessoal do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem. À proporção que uma pessoa participa da construção de um conhecimento, ela integra e retém o que aprende. Além disso, esse tipo de multimídia contribui para a formação de uma atitude de exploração e ludicidade devido à facilidade de assimilação de conteúdos. Conseqüentemente, a WebRádio e a WebTV constituem ferramentas muito úteis a uma pedagogia ativa e de abordagem comunicacional.

Nesse contexto, a utilização dos recursos e das técnicas propiciou a interdisciplinaridade e a integração de várias áreas, mediante a orientação e colaboração dos professores. Assim, acredita-se que a aplicação da mídia-educação, reafirma a proposta de maior envolvimento dos alunos, professores e integrantes do projeto. Além disso, a proposta é conscientizar de que os meios de comunicação são construções coletivas, havendo a necessidade da participação dos todos.



ACOMPANHAMENTO DA APRESENTAÇÃO DE "FLAUTA TRANSVERSAL" NO CENTRO DE ARTES. FONTE: PROJETO DE EXTENSÃO WEBRÁDIO E WEBTV (2016).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª. ed. São Paulo: editora Atlas, 1999.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, M. F.; MIANI, ROZINALDO ANTONIO. A. Mídia-Educação e Histórias em Quadrinhos – Uma proposta de Alfabetização Crítica e Criativa na Linguagem das HQ com Estudantes de 5 Ano. In: PERUZZO, C. M. **Comunicação Popular, comunitária e alternativa no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

PERUZZO, C. M. **Comunicação Popular, comunitária e alternativa no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

SETTON, M. G. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

AMPLIAÇÃO DO POTENCIAL COMUNICATIVO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E ANTROPOLÓGICO DA UFPEL (MUARAN)

ENERI JAMES BORGES MEDEIROS¹; CAIO NOGUEIRA GHIRARDELLO²;
DIEGO LEMOS RIBEIRO³; PEDRO LUÍS MACHADO SANCHES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – eneri.james@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nghirardello@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dllrmuseologo@yahoo.com.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – pedrolmsanches@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Por esta comunicação pretende-se apresentar o atual estágio do projeto para “ampliação do potencial comunicativo do Museu Arqueológico e Antropológico da Universidade (MUARAN)¹” desenvolvido em parte das atividades desempenhadas no museu por intermédio de *bolsa de extensão*.²

O MUARAN, museu universitário formalmente existente desde 2008, constitui em uma proposta de articulação de ações, que abarca o gerenciamento das coleções passíveis de interpretação arqueológica³, o diálogo e atendimento a atividades de ensino multidisciplinar – com destaque para as disciplinas diretamente vinculadas ao estudo e à preservação do patrimônio cultural ofertadas nos cursos da UFPel – e a socialização do conhecimento científico por meio da atuação junto a grupos escolares e outros grupos sociais historicamente distantes do convívio acadêmico. (SANCHES, 2013)

Tendo a escassez de recurso para o MUARAN como alavanca para refletir sobre formas alternativas de comunicação museal, o espaço virtual se configura como espaço fértil para a divulgação das atividades concebidas e implementadas pela equipe do Museu, assim como incrementa a interface da instituição com a sociedade.

Atualmente o Museu conta com um *website* desenvolvido em *WordPress*, uma página e um perfil no *Facebook* projetado pela equipe antecessora. A partir destes canais, foram repensadas as necessidades impostas para a melhoria do potencial comunicativo do MUARAN, em meio a *rede*, de forma sustentável. Em outras palavras, este projeto está sendo arquitetado para que possa ser administrado com maior eficiência, diante da escassez de servidores dedicados a manutenção das atividades museológicas.

Não só ao MUARAN, esta iniciativa procura servir de inspiração para outros museus que possuam carências similares em termos de recursos físicos e humanos, levando em conta que a situação do Museu está longe de ser inédita em contexto brasileiro.⁴

¹ Órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), integra-se espacialmente com o Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueologia (LÂMINA) e dialoga diretamente com o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ). Todas as unidades citadas estão subordinadas ao Instituto.

² Bolsa: Implantação do MUARAN, iniciada em 1º de junho, com duração de seis meses. Bolsista: Eneri James Medeiros, bacharelando em Antropologia (ICH/UFPel). Coordenador: Professor Dr. Pedro Luis Machado Sanchez (ICH/UFPel).

³ Com estreita ligação com as atividades

⁴ Este projeto está sendo realizado em conjunto com o projeto “A extroversão da Arqueologia em Museus Gaúchos” que visa refletir sobre a representação pública da arqueologia em museus gaúchos e desvelar até que medida o bem público está acessível à sociedade. No presente momento, ainda em caráter preliminar, está sendo desenvolvida a metodologia – arquitetura dos

2. METODOLOGIA

O conceito de Museu na contemporaneidade, sob a perspectiva social, se desloca do pressuposto de um espaço edificado que comporta coleções, tendo em vista o deleite de seu público, para interatividade dialógica pela qual é comunicado o patrimônio cultural. No mesmo sentido a *internet* vem revolucionando a forma como as pessoas se comunicam. (HENRIQUES 2004)

Apesar do MUIARAN não possuir um espaço dedicado para a realização de suas atividades museológicas, visto que não tem sede própria, a instituição é caracterizada pela mesma base angular de qualquer outra instituição congênere: o desenvolvimento de processos de salvaguarda e comunicação. Por intermédio de sua equipe composta por docentes e discentes, bolsistas e colaboradores, mimetiza-se na comunidade por meio de projetos socioculturais, designadamente: Casa do Amor Exigente de Pelotas (CAEX), Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas e Arqueologia na Escola e exposições temporárias.

A proposta da melhoria do potencial comunicativo do MUIARAN, não pretende *a priori*, trazer à tona discussões, atualmente muito debatidas, sobre museu no espaço físico e/ou no espaço virtual e seus possíveis desdobramentos terminológicos como, por exemplo, museu eletrônico, museu digital, museu *online*, museu hipermídia, meta-museu, museu cibernético, cibermuseu e museu no ciberespaço (HENRIQUES, 2004), porém está focada em oferecer possibilidades para a melhoria da interface entre instituição e a sociedade, e que desta forma, ao menos mantenha os laços estabelecidos com os grupos sociais parceiros em ações já executadas.

Para a garantia do acesso às atividades e serviços contínuos desenvolvidos pelo MUIARAN, os espaços virtuais configuram-se em possibilidades sustentáveis para a realização/avaliação da extensão universitária e da “Comunicação Museal” desenvolvidas pela Instituição. Pela inexistência de um espaço físico acessível permanente para a realização da divulgação de suas ações, a instituição utiliza de um perfil e página no *Facebook* e uma página eletrônica em *WordPress*, inserida no portal da UFPEL.

Com base nas ponderações da equipe do Museu, interessada na reformulação do *site*, e no critério metodológico desenvolvido no projeto “Extroversão da Arqueologia”, se alicerça a intenção de realizar um *estudo de público* por meio dos canais virtuais supracitados. A rede social utilizada pode ser tida como um meio de comunicação multilateral. Assim sendo, podemos considerá-la uma ferramenta fundamental para comunicação na contemporaneidade, pois além do seu alcance, oferta um sistema que pode avaliar os tipos de acesso do público. Não obstante, essa análise propiciará que o MUIARAN tenha um *feedback* de suas ações, para que possa vir a avaliar as estratégias até agora desenvolvidas.

Esta proposta parte da quantificação do alcance de público internauta, verificação dos públicos já alcançados e o nível de interação a partir das

caminhos e ferramentas para a coleta de dados – para desvelar aspectos sobre o cenário da musealização da arqueologia em meio a *internet*. Como resultado desta etapa, é almejada a criação estratégias como, por exemplo, oficinas, consultorias e/ou publicação acessível, que possibilitem aos museus do Estado ampliar a comunicação virtual, em especial aqueles que albergam coleções, que carecem canais de comunicação inseridos na *rede* ou cujo potencial comunicativo ainda é baixo. Este projeto é coordenado pelo Professor Dr. Diego Lemos Ribeiro e conta com a participação de Caio Nogueira Ghirardello, graduando em Museologia e do presente autor.

publicações e compartilhamentos de *posts* no *Facebook*. A consideração da *internet* e, por sua vez, das redes sociais como espaços qualificados para a avaliação de público pode ser justificada pelos números trazidos pelo IBGE, através do PNAD 2014. Na época foi estimado que 54% dos domicílios brasileiros e 59% lares gaúchos possuíam acesso a *internet* e, também na mesma direção, segundo informações divulgadas pelo próprio *Facebook* em janeiro deste ano na IX Campus Party⁵(CPBR9), de cada 10 brasileiros, 8 estão conectados na rede social.

Para que consigamos traçar o panorama pretendido, a coleta de dados está dividida em três etapas:

Primeira etapa quantificação dos dados:

- ✓ Verificar a *quantidade de curtidas* da página e correlacionar com a área de abrangência do museu;
- ✓ Verificar a *periodicidade de publicações* da página, coletando as datas das dez últimas postagens e seus intervalos, criando uma média de publicação;
- ✓ Analisar os dados de publicação sobre a visualização e interação do público das últimas dez postagens;

Segunda etapa levantamento de informações:

- ✓ Primeiramente, verificação e localização nas páginas do *Facebook*, sobre a existência de participantes dos projetos já executados com a comunidade e de agentes das comunidades correlatas com atuação do MUIRAN (quilombolas e indígenas). Por meio de formulário, execução de entrevista facultativa online. Oferecendo uma atenção especial a esses grupos;
- ✓ Em segunda instância, disponibilizar o mesmo questionário no site, página e perfil institucional do MUIRAN no *Facebook* para o público espontâneo delineando o perfil geral de público que acessam estes canais virtuais;
- ✓ Pesquisa e análise do perfil pessoal por amostragem aleatória de 5%, verificando cidade em que reside da comunidade das pessoas que curtem a página do Museu e entrecruzamento com as informações com entrevista online;
- ✓ Atingir quais são os públicos fidelizados pelo MUIRAN, assim como o *não público*;

Terceira etapa comunicação com público:

- ✓ A partir das sugestões dos entrevistados coletadas na pesquisa, avaliar “pontos fracos” da interação com a sociedade;
- ✓ Criar uma pesquisa (Enquete) no *Facebook* com cinco itens, três sugeridos pela própria equipe do MUIRAN e os outros dois com base nas sugestões da comunidade para um próximo projeto do museu;
- ✓ Desenvolver novo conteúdo para o site e *Facebook* a partir do *feedback* da comunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma primeira coleta de dados foi concluída em 31 de julho, com os seguintes resultados⁶: A página do *Facebook* do MUIRAN possui 700 curtidas representando 0,04% da população⁷ com acesso domiciliar a internet no

⁵ Feira anual, considerada o principal evento brasileiro de tecnologia e cultura digital, que ocorre desde 2008 em São Paulo e Recife. Fonte: TechTudo, 2016

⁶ Informações fornecidas pela ferramenta de publicação do próprio Facebook.

⁷ Cálculo realizado do total de curtidas dividido pela população de pelotas contabilizada no censo de 2010 considerando apenas pessoas acima de dez anos que utiliza internet em domicílio no estado do Rio Grande do Sul. Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010 e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014.

município de Pelotas; A média aritmética de *periodicidade de publicação* acusa uma distancia temporal de 45 dias entre publicações, acompanhado de um alcance médio de 285 pessoas por postagem; O menor índice de alcance de uma publicação foi de 65 pessoas, 2 curtidas e 5 interações: publicação esta referente a um compartilhamento de um evento do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas; O maior índice de alcance de uma publicação foi de 861 pessoas, 55 curtidas e 106 interações nessa publicação sobre a ação sócio educativa no projeto CAEX.

Considerando que o perfil e a página no *Facebook* atualmente são os únicos espaços de diálogo aberto com a comunidade, é perceptível que existe uma variação dos tipos de publicação. Quando a publicação incita a participação da comunidade dentro dos seus projetos extramuros, existe um sentimento de pertencimento, aumentando o alcance da comunidade na página. Contudo, é sugerido que a frequência entre as publicações apresente menor intervalo temporal.

4. CONCLUSÕES

Diante da dificuldade orçamentária para a instalação de um espaço físico e da contratação de uma equipe permanente, a projeção do *museu no mundo virtual* em que as páginas eletrônicas poderiam projetar o Museu físico na virtualidade ou a construção de um *museu virtual* (HENRIQUES, 2004) conciliado com o projeto do MUARAN, poderiam ser soluções interessantes à extroversão do patrimônio arqueológico. Contudo, é percebido que os canais virtuais do Museu não estão alcançando toda a sua potencialidade comunicativa, tornando-se praticamente unilaterais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FACEBOOK, **Métricas de publicação de páginas**. Acessado em 29 jul. 2016. Online. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/336143376466063/>

CPBR9, **Facebook revela dados do Brasil na CPBR9 e WhatsApp 'vira ZapZap'**. TechTudo, 28 jan. 2016. Acessada em 22 jul. 2016. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html>

HENRIQUES, R. **Museus Virtuais e Cibermuseus: a internet e os Museus**. Acessado em 10 ago. 2016. Online. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/public/editor/museus_virtuais_e_cibermuseus_-_a_internet_e_os_museus.pdf

IBGE, **Censo Demográfico 2010**. Acessado em 31 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=431440&idtema=90&search=rio-grande-do-sul|pelotas|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-caracteristicas-da-populacao->

IBGE, **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014**. Acessado em 31 jul. 2000. Online. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rs&tema=pnad_internet_celular_2014

SANCHES, P; AMARAL, F; OLIVEIRA, H. **A Criação compartilhada do Futuro Museu de Arqueologia e Antropologia de Pelotas: apontamentos preliminares**. Congresso Extensión y Sociedad, 2013.

ORIGINALIDADE NA IDENTIDADE VISUAL: A FUGA DOS CLICHÊS E A CRIAÇÃO DE MATERIAIS AUTÊNTICOS

ISABELA MARIA SANTOS SILVA¹; BRUNA LETICIA DA SILVA BUENO²; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA³; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – isabelamariassilva@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bruleticiab@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rosemiranda.educampoufpel@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lialorenzato@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse projeto foi realizado pelo Programa de Educação Tutorial Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular, em parceria com o Curso de Educação do Campo da Universidade Federal de Pelotas, visando à criação dos personagens do folclore, tanto nacionais quanto regionais, de modo que eles tenham uma padronização estética, sendo uma identidade gráfica mais pessoal do trabalho. Esses personagens serão utilizados para a criação de materiais didáticos, jogos e cartazes, que serão trabalhados com crianças de escolas de ensino fundamental durante a Semana do Folclore.

É muito fácil ter acesso à personagens já existentes e consagrados na internet, por isso foi extremamente importante a criação de personagens originais que se enquadrassem ao propósito do projeto e à imagem que, com isso, desejassem transmitir, pois a imagem é como percebemos e nos relacionamos na primeira instância com o mundo. "A nossa imagem é como somos percebidos pelos outros. E como cada um tem a liberdade para perceber cada coisa do jeito que lhe aprouver, as alternativas imaginativas são infinitas" (NEVES, 1998). Sendo assim, esse trabalho foi criado também para que haja uma conexão com as crianças, sendo eles produzidos em preto e branco e colorido, possibilitando então que elas façam suas próprias alterações e intervenções nas ilustrações, tendo como base, a bagagem que trazem consigo.

2. METODOLOGIA

Primeiramente, foi decidido quais seriam os personagens a serem trabalhados, devido à vasta quantidade de opções. Para FRANCHINI (2012) "nosso folclore pode ser definido como uma imensa obra aberta, enriquecida pela contribuição das mais diversas etnias [...]. Aquilo que possuímos de mais autêntico, contudo, são as nossas lendas indígenas". Explica-se então o principal motivo da realização de uma pesquisa aprofundada sobre os personagens depois de escolhidos, atentando-se às suas variações estéticas, bem como narrativas pelo mundo e como eles tem contato com o meio em que foi criado.

Posteriormente foi adotada uma padronização visual, que serve para que o trabalho tenha uma identidade estética e que não se confunda com os outros personagens já existentes. Essa é uma etapa muito importante, porque a identidade visual é um fator essencial no destaque e na diferenciação dos elementos do projeto. Nela, deve-se ser pensado na forma, na cor, e nos elementos visuais, para, então, mantê-los padronizados em todos os desenhos. Segundo OSTROWER (1996) "Se fôssemos perguntar de quantos vocábulos se constitui a linguagem visual, de quantos elementos expressivos, a resposta seria: de cinco. São cinco apenas: a linha, a superfície, o volume, a luz e a cor. Com tão

poucos elementos, e nem sempre reunidos, formulam-se todas as obras de arte, na imensa variedade de técnicas e estilos (...). Também nessa etapa, deve-se ter cuidado para que não se caia em clichês ou plágios e que, ao mesmo tempo, não fuja da ideia central e ressalte a essência do grupo. STRUNCK (1989) reforça que a criação e implantação de um projeto de identidade visual é um negócio sério que demanda tempo e persistência. Não basta que o logotipo tenha um bom desenho. É necessário estabelecer todo um conjunto de relações na aplicação destes elementos. Desse modo, o trabalho foi pensado totalmente para o contato com as crianças, seja direto ou indireto, fazendo com que elas se aproximem da cultura nacional e regional de maneira mais íntima.

Os desenhos foram trabalhados de forma que sejam bem simplificados, mantendo como identidade estética os olhos pequenos e o traço minimalista. “A relação entre a identidade e a imagem é uma relação causa-efeito na qual a causa é a identidade a ser comunicada, e o efeito é a percepção dessa identidade projetada em imagem” (TAJADA, 1994). Essa ligação de comunicação e identidade que o trabalho propõe é destinada ao público infantil, por isso a necessidade de mantê-lo simples. Deve-se ter, assim, uma linguagem direta, que transmita uma ideia objetiva que evidencie imediatamente os personagens do folclore, levando a história e efetivando o diálogo.

A escolha da paleta de cores para a utilização dos personagens em cartazes e jogos também visou originalidade e objetividade, sem se desviar da matriz original de cada figura, mantendo assim fidelidade à imagem que cada um traz consigo, facilitando o reconhecimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A preocupação inicial do trabalho foi se esquivar dos plágios, e com isso enfatizou-se a necessidade da pesquisa sobre as personalidades trabalhadas, entendendo até onde se estende o senso comum. Notou-se, assim, que personagens consagrados são, muitas vezes, diferentes em cada localidade onde sua história foi contada. O Caipora e o Curupira por exemplo, em algumas regiões são variações do mesmo personagem, por isso foi importante evidenciar as características que os diferenciam. Foi preciso também posicionar-se de modo a atingir o grande público.

Houve grande preocupação também em aprofundar a análise sobre o meio em que o personagem se encontra na história, seja sua localização geográfica, as condições climáticas, o período do dia em que atua, para que diante desse contexto fique plausível a ilustração criada. A figura da lara por exemplo, é de uma índia encontrada em rios e cachoeiras na maioria das histórias, optamos assim pela não utilização de conchas no detalhamento de seu figurino.

Já no caso dos contos regionais, foi necessário extremo cuidado, pois trata-se de histórias mais próximas e particulares. Nessa etapa, foi necessária maior fidelidade aos fatos que se conhece, pois abordam-se temas que mantêm uma tradição viva.



Personagem Caipora



Personagem Lara



Personagem Lobisomem

4. CONCLUSÕES

Para a produção desse trabalho, buscou-se inovar não somente na criação dos personagens do folclore, mas também torná-los mais íntimos. Algo que possa ter a identidade do grupo, e que seja único, partindo de lendas tão comuns para todos.

A elaboração de produtos originais não é uma tarefa fácil. Com a execução deste projeto, a bolsista responsável pelo desenvolvimento do mesmo pode expressar seu trabalho artístico autoral, ajudando não somente em sua formação, mas também na produção de fins que serão utilizados na formação de terceiros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCHINI, A. S. **As 100 melhores lendas do folclore brasileiro**. 2ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.

TEIXEIRA, F. C.; SILVA, R. D. O.; BONA R. J. O processo de desenvolvimento de uma identidade visual. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL**. 8. Passo Fundo – RS. 2007.

VÁSQUEZ, R. P. Identidade de marca, gestão e comunicação. **Organicom**, São Paulo, v.4, n.7, p. 198 – 211, 2007.

CORRÊA, T. M. **A importância da Identidade Visual e do Uso da Marca na Comunicação Empresarial**. Comunicação Organizada, Pelotas, 01 jul. 2009. Acessado em 25 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://comunicacaoorganizada.files.wordpress.com/2009/07/a-importancia-da-identidadevisual-e-do-uso-da-marca-na-comunicacao-empresarial.pdf>.

AMÉRICA UNIDA: DILUINDO AS FRONTEIRAS

IZA PAULA NOGUEIRA PEREIRA¹; BELIZA GONZALES ROCHA²; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³; CARMEN ANITA HOFFMANN⁴

1 Universidade Federal de Pelotas – Autora e Apresentadora - izapaulanogueira@yahoo.com.br

2 Universidade Federal de Pelotas – Co-autora – beliza.gr@gmail.com

3 Universidade Federal de Pelotas – Professor Orientador – thiagoufpel@gmail.com

4 Universidade Federal de Pelotas – Professora Orientadora - carminhalese@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente texto aborda como tema central o *11º Encuentro Internacional de Folclore y Arte Popular América Unida* que aconteceu na Colômbia, no Departamento de Antioquia, predominantemente nas cidades de Itagüí e Medellín, entre os dias 12 e 24 de julho do presente ano. Evento que contou com a participação dos integrantes da Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, que atuou como delegação que representou o Brasil na composição do espetáculo artístico de folclore internacional e também na comissão de organização e gestão do referido evento.

O evento já está na sua 11ª edição e conta com um formato único na América Latina desenvolvido através do contato entre companhias de danças folclóricas de diferentes países, com a finalidade de conhecer o que há de mais genuíno em seu universo artístico e em sua cultura. Nesta edição, o evento contou com a participação dos seguintes países: Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Chile, Equador, México, Peru, Venezuela e Brasil, bem como do país anfitrião, a Colômbia.

A principal ação do projeto neste ano foi o espetáculo internacional de danças folclóricas que leva o mesmo nome do evento “América Unida” e que reuniu no palco mais de 30 artistas, provenientes de todos os 11 países participantes. Tal proposta tem como uma de suas marcas a rotatividade de sua direção artística, sendo, portanto, dirigido a cada edição por um novo diretor artístico, escolhido entre o conselho artístico do projeto (composto pelos anteriores diretores artísticos). Em 2016, a Diretora Artística foi a Professora e Bailarina Roxana Gil Muñoz, da Argentina.

A Abambaé está participando pela quinta vez como representante do Brasil, sendo o único representante nacional no projeto até hoje. Os bailarinos que representaram a Companhia na Edição 2016 do Projeto América Unida foram Caroline Paz e João Cruz, que integraram uma delegação brasileira de sete pessoas, as demais envolvidas com direção e outras áreas de caráter administrativo e logístico do evento.

2. METODOLOGIA

Como ponto de partida analisou-se o material de divulgação; os roteiros, através de folders, fotos, filmagens, facebook e fanpage institucionais, acompanhados de observações diretas.

Além do relato das ações e atividades, também se procurou refletir sobre a dança popular como instrumento de aproximação de diferentes países quando abordada como espetáculo que percorre palcos, parques, escolas, praças e

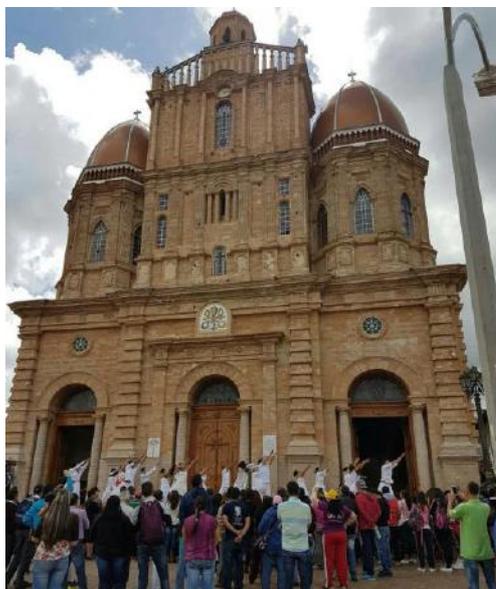
demais espaços possíveis de a acolherem. A revisão da bibliografia reitera a necessidade de entendimento das danças folclóricas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em sua 11ª edição ocorreu em Medellín – Colômbia, a programação do evento levou o espetáculo a várias cidades do interior de Medellín, descentralizando as apresentações, assim como as atividades de oficinas de dança, concomitantes com o evento.

Os doze dias que acometeram o evento foram distribuídas com no máximo duas atividades por dia, como a noite da “Gala Inaugural” que ocorreu no dia 16/07 no Teatro da Universidade de Medellín, nesta noite o teatro esteve praticamente lotado com 1.500 lugares. Como a preocupação de alcançar o público com menos oportunidades de vislumbrar a cultura e o folclore, o projeto percorreu algumas cidades do interior como San Pedro de dos Milagros no dia 18/07 onde também ocorreu uma oficina de dança e na cidade de Guatapé, repetindo o mesmo espetáculo apresentado no grande teatro de Medellín.

Como objetivo o encontro leva em forma de espetáculo à cena a proposta de uma “*América Latina sem fronteiras*”, mediante o conceito central o projeto que é o de uma “América Unida”. Além da cena, essa interação, cooperação entre os países percorre o evento desde a preparação física, como a organização nos alojamentos, e demais acontecimentos do evento.



Cidade de San Pedro de dos Milagros

Nesta edição do projeto estiveram presentes na Colômbia dois bailarinos de cada país envolvido, mostrando as suas particularidades e suas culturas, através das danças populares de seus países.

Como de costume o evento a cada ano elege um bailarino que coreografa a abertura e encerramento oficial, onde todo o bailarino tem dois dias para aprender, todos devem vestir branco, no intuito de que todos representem uma só América.

4. CONCLUSÕES

Este estudo nos leva a salientar a importância da abrangência do *Encuentro Internacional de Folclore y Arte Popular América Unida*, que se desdobra em ações de cooperação, colaboração e coletividade, além de constituir um evento de uma diversidade cultural composta por danças populares de cada país participante, com bailarinos experientes e qualificados para um espetáculo artístico de excelência.

Cabe ressaltar, que o trabalho desenvolvido durante o evento visa à consolidação a dança popular como instrumento de aproximação de diferentes países e culturas quando oferece um espetáculo integrador, em formato de fácil acesso aos públicos-alvo do encontro.

Em meio ao término de mais uma edição do Projeto América Unida, sua próxima já está sendo planejada, procurando a manutenção dos objetivos centrais que subsidiam o encontro ao longo de mais de uma década. Considero pertinente mencionar minha trajetória de envolvimento com este projeto desde o ano de 2012, período este compreendido por muito trabalho e aprendizado, através do convívio com bailarinos, gestores e todas as pessoas envolvidas de alguma forma com esta América Unida.

Como bolsista do NUFOLK (Núcleo de Folclore da UFPEL), consegui ampliar minha visão sob o folclore de cada povo, me senti assim parte do evento podendo contribuir também como acadêmica do curso de jornalismo registrando cada momento do evento ao mesmo tempo transmitindo à cultura de cada país as pessoas que ali não poderiam estar. A cada edição que participo tenho a certeza que somos todos iguais, apenas nossas culturas se diferem somos um mesmo povo somos todos uma só América.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAMBAÉ. **Cia de Danças Brasileiras**. Pelotas, jun. 2013. Acessado 9 de agosto. Online. Disponível em: <http://abambae.blogspot.com.br>

AMÉRICA UNIDA. **Encontro Internacional de Folclore a Arte Popular**. Acessado 8 de agosto. Online. Disponível em: <https://www.facebook.com/EncuentroAmericaUnida>

HOFFMANN, Carmen Anita. **Danças tradicionais do Rio Grande do Sul: dentro e fora do manual**. In: SOUZA, M. A. Danças Populares no Brasil na Contemporaneidade. São Paulo: All Print, 2016

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Carnaval brasileiro: aspectos históricos e condicionantes contemporâneos do Espetáculo Popular**. In: SOUZA, M. A. Danças Populares no Brasil na Contemporaneidade. São Paulo: All Print, 2016.

INSERÇÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS NAS MÍDIAS SOCIAIS ATRAVÉS DA PARCERIA COM PET GAPE

JÉSSICA CORRÊA PEREIRA; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ.

Universidade Federal de Pelotas – jesscorreapereira@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas – lilalorenzato@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Por meio das parcerias com escolas públicas desenvolvidas pelo Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (GAPE), vinculado ao Programa de Educação Tutorial (PET), está sendo possível realizar uma rede colaborativa de investigação e ação, que engloba questões relativas à gestão e ao entorno escolar.

A partir desta inserção e vínculo com as pessoas e o ambiente escolar passamos a conhecer os aspectos do cotidiano das escolas. Além dos problemas gerais de infraestrutura que facilmente são constatados, também é notável a falta de inserção destas nas mídias e redes sociais. Essa situação ocorre muitas vezes tanto pela falta de equipamentos e tempo dos professores, quanto pela baixa motivação de expor as condições e ações das escolas. Mas com os constantes avanços nas Tecnologias da Comunicação e Informação – TIC a socialização das experiências da vida e cotidiano escolar se faz cada vez mais necessária aos processos educativos.

Para SANTOS (2002), as tecnologias digitais vêm superando e transformando os modos e processos de produção e socialização de uma variada gama de saberes. Criar, transmitir, armazenar e significar está acontecendo como em nenhum outro momento da história. Vivemos efetivamente uma mudança cultural. E neste sentido acredita-se que as escolas poderiam estar mais presentes e atuantes nas mídias.

Neste sentido, o objetivo central do trabalho é explicitar a importância da inserção e socialização nas mídias das experiências significativas das escolas públicas, que desenvolvem ações e práticas educativas numa perspectiva popular. Através de um trabalho sistemático de investigação e acompanhamento jornalístico realizado pelo PET GAPE.

Desta forma é relevante aproveitar o efeito de agendamento ou agenda setting do Jornalismo, para inserir a educação na mídia. De acordo com BARROS FILHO (1995), a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá.

2. METODOLOGIA

Como a parceria de investigação e ação com as escolas públicas é um dos objetivos do PET GAPE, busca-se estabelecer o vínculo para efetivar um engajamento que propicie ao Grupo conhecer as contingências das instituições.

Desse modo, o GAPE buscou aproximação com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis. Ao vivenciarmos a complexidade de relações existentes na escola foi possível perceber seus limites e suas possibilidades. Assim como, compreender o quanto suas carências estão relacionadas à infraestrutura da escola e a realidade da comunidade local onde está inserida.

Além das participações nas atividades, realizamos reuniões com a direção e a coordenação da Escola com as quais mantivemos contato constante para discutir questões relativas à configuração da dinâmica pedagógica da Escola.

Foram diversos momentos e atividades por onde foi possível perceber o quanto a Escola organiza seu trabalho para que haja uma melhora tanto no processo de ensino, como no de aprendizagem.

Mesmo com a falta de equipamentos e espaços para apoiar a aprendizagem dos estudantes, como recursos de audiovisual e tecnológicos, são muitos os esforços. Os professores buscam alternativas que agregam ao educando uma experiência de ensino diferente, um ensino inovador voltado para a realidade dos educandos.

Como uma das propostas do Grupo é a divulgação e socialização dos trabalhos realizado junto às escolas parceiras e diante da abrangência do trabalho realizado pela Escola no que se refere às questões da educação popular, surge o projeto de Jornalismo Educativo. Um espaço que “vai além da simples divulgação da informação e se preocupa em mostrar/demonstrar fatos e ações que a curto, médio, ou mesmo longos prazos, vão contribuir para melhores condições de vida do receptor” (MELO, 2010).

Para mostrar reflexivamente experiências de ensino que estão dando certo e vão em direção aos princípios da educação popular, para o Grupo faz-se necessário investigar a educação numa perspectiva comunicativa.

Para realizar a publicação sobre as atividades no site do GAPE, foi constatado que havia poucas referências relevantes da Escola Machado de Assis na mídia. Dentre as referências da mesma constava somente uma página no Facebook, a qual não possui uma padronização, periodicidade de postagem e explanação sobre as atividades escolares, ou seja, as publicações na página da Escola estão mais voltadas para divulgação das festividades. Ao passo que a configuração da dinâmica pedagógica não adquire a devida visibilidade.

Então em uma das publicações feitas pelo GAPE foi descrito o trabalho desenvolvido com os educandos na Escola que o Grupo acompanhou. Este trabalho consistia na apresentação de uma atividade de ensino organizada pelas professoras dos anos iniciais para compor a aprendizagem dos educandos de forma integrada entre as turmas.

Como a escola trabalha com ciclos temáticos, as diferentes turmas estavam inseridas no mesmo assunto e apresentaram o que haviam apreendido umas para as outras, conforme o nível de ensino de cada ano. As apresentações abordaram quais os povos que vieram ao Brasil, no que influenciaram na cultura do país e na formação do povo brasileiro a partir de elementos buscados na vivência e realidade dos educandos, dos sujeitos, da escola.

Após a realização das atividades o Grupo se reuniu e fez uma avaliação sobre a atividade. Esta avaliação exigiu uma reflexão cuidadosa e pôde-se perceber que foi uma atividade planejada a partir da realidade dos educandos e pelo conjunto das professoras da Escola, os quais buscaram elementos e referências no cotidiano e no modo de vida das famílias da comunidade local para fundamentar esta ação pedagógica. A partir das questões discutidas pelo Grupo e fundamentadas jornalisticamente é que a assessoria de imprensa passou a produzir o material a ser divulgado nas mídias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A publicação sobre as ações educativas realizadas nas escolas é uma maneira de expor sua metodologia e projeto pedagógico na mídia, podendo estas

ações serem socializadas e utilizadas como referências para outras instituições que procuram através da mídia social formas de organização emancipatórias.

Considera-se que as práticas educativas precisam transcender a comunidade local e ingressar na aldeia global. Porém, para isso ocorrer elas precisam do engajamento social, para que as instituições que não tenham acesso a recursos tecnológicos sejam inseridas nas mídias sociais.

Após publicar com as hashtags relacionadas ao conteúdo, a matéria é encontrada na primeira página do buscador Google. Sendo a única nessa página que conta com um material relatando o método de ensino e alguma atividade de aprendizagem utilizada pela E. M. E. F. Machado de Assis.

Seguindo os ensinamentos de FREIRE (1983) que sustenta a premissa de que a comunicação é indispensável para a transformação social, consideramos que as redes sociais que os grupos do Programa de Educação Tutorial utilizam não devem ser apenas destinadas a relatar as suas atividades, mas também com o fim de divulgar os trabalhos que têm resultados positivos dentro da comunidade, sendo um serviço de meio e apoio àqueles que não conseguem expor seus êxitos, como se observa nas atividades realizadas por essas instituições que tem uma perspectiva popular, que mesmo com tão pouco recursos se esforçam para oferecer uma educação digna a sua comunidade.

4. CONCLUSÕES

O trabalho expõe como a inserção das iniciativas pedagógicas desenvolvidas pela Escola Machado de Assis, através de uma perspectiva que parte da realidade do educando e do envolvimento popular nas mídias sociais, pode originar uma troca de experiências significativa pelas instituições que procuram realizar práticas semelhantes.

Acredita-se que a publicitação e divulgação destas experiências nas mídias e nas redes sociais, tanto por parte da Escola como por parte das universidades contribuiu significativamente tanto para a socialização de suas ações como para a formação de redes de colaboração entre outras escolas que também buscam efetivar processos similares.

Segundo SANTOS (2002), os novos suportes digitais permitem que as informações sejam manipuladas de forma extremamente rápida e flexível envolvendo praticamente todas as áreas do conhecimento sistematizado, bem como todo cotidiano nas suas multifacetadas relações. Neste sentido é possível lançarmos mão destes suportes como estratégia de promoção de processos educativos relevantes para a mudança e emancipação social.

As mídias nos possibilitam essa troca de experiências, transcendendo a distância física, com fácil acesso e grande poder de alcance e socialização. Por isso consideramos que estas devem ser um recurso utilizado para disseminar processos educativos emancipatórios contando com o apoio de programas institucionais como o PET.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- SANTOS, E. O. **Formação de Professores e Cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância**. In: Revista da FAEEBA, 2002.
- MELO, M. J. et al. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- BARROS F., C. de. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 1995.

PROJETO TEATRO EM FRANCÊS: RELATO INICIAL DE EXPERIÊNCIA

JOÃO MATHEUS PASSOS GUELSI¹; MARISTELA GONÇALVES SOUSA MACHADO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – matheus.guelsi@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristelagsm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em sua quarta edição, o projeto Teatro em Francês tem como objetivo principal o de incentivar atividades relacionadas à montagem cênica de textos em língua francesa e contribuir para a vulgarização de autores, muitas vezes, pouco conhecidos no Brasil. Coordenado pelas professoras Maristela Machado da área de Francês do Centro de Letras e Comunicação e Fernanda Vieira Fernandes do curso de Teatro, o projeto visa também observar os processos de desenvolvimento da competência linguística e performática dos participantes, motivar a interação e o aprendizado em grupo.

Há consenso na linguística aplicada quanto à importância da prática teatral no processo desestabilizador dos fundamentos identitários da descoberta da alteridade, que caracterizam a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), em função do seu caráter autêntico, polissêmico, capaz de mobilizar as competências linguísticas, discursivas e socioculturais (ROLLINAT-LEVASSEUR, 2015). A leitura de um texto dramático que pode se tornar ação é altamente motivadora para futuros formadores.

Trabalhar um texto em língua estrangeira de maneira singular, emprestando-lhe corpo e voz, diante de uma plateia, otimiza o processo de descoberta do prazer de comunicar em LE. O trabalho realizado de forma coletiva, com as negociações que, necessariamente dele decorrem, aliado ao desbloqueio físico (do corpo e da voz), conseguido através dos exercícios de dramatização e de fonética, da criação de um personagem contribui para melhorar as competências individuais dos participantes do ponto de vista prosódico, fonético e expressivo. Constata-se ainda o empoderamento, sobretudo dos estudantes mais tímidos, resultante, em grande parte, da satisfação de ver, ao final do processo, o produto concreto do trabalho em grupo em que todos são interdependentes e as dificuldades são superadas pelo esforço coletivo. Trata-se de um valioso exercício para um futuro professor, verdadeira prática de cidadania.

Ao unir professores e estudantes de diferentes formações com o intuito de construir um espetáculo oferecido à comunidade, o projeto alcança um dos principais objetivos da extensão universitária que é o de levar o estudante para fora da sala de aula e contribuir para “a formação de profissionais mais críticos, mais abertos ao diálogo, mais autônomos e sensíveis às transformações do mundo que os rodeia” (GARCIA, 2012, p. 104).

Nesse trabalho, pretendo apresentar alguns apontamentos iniciais e ainda esparsos de minha atividade como monitor do projeto.

2. METODOLOGIA

A metodologia do projeto compreende a escolha dos textos para a leitura dramática, seguida de sua leitura crítica, distribuição dos papéis, exercícios vocais e de expressão corporal finalmente a construção coletiva da *mise en scène*, que,

ao final, é apresentada à comunidade de Pelotas. A dinâmica se desenvolve em dois encontros semanais.

Neste ano foi escolhida a peça “*Le Chandelier*”, comédia em três atos escrita por um dos expoentes do romantismo francês, Alfred de Musset (1810-1857), em 1835. A peça é a mais conhecida do autor no Brasil, e foi traduzida em 1968 por Paulo Hecker Filho. Ela conta a história de Jacqueline, uma jovem mulher casada com um importante notário, que tem uma aventura amorosa com Clavaroche, um oficial da ordem dos Dragões. Ambos tentam enganar o marido com a ajuda, mesmo que inicialmente involuntária, de um dos serventes do notário, Fortunio. Além dessas quatro figuras que encabeçam a trama, “*O Castiçal*” (título traduzido), conta também com mais quatro personagens secundários.

Durante algumas semanas, a leitura crítica da peça, propiciou o primeiro contato do grupo com o texto e com o estilo do autor. Várias discussões sobre as dificuldades linguísticas do texto, considerando o registro linguístico do século XIX, foram realizadas através do cotejamento com a tradução para o português. Aos poucos, ideias sobre a *mise en scène* foram surgindo, mesmo que ainda de forma tímida nos rápidos comentários sobre as cenas lidas. Os papéis foram distribuídos de forma diferente da usual, mas de praxe no projeto Teatro em Francês: como existem mais integrantes no grupo que personagens na peça, foi decidido que alguns personagens seriam interpretados por mais de uma pessoa. Desafio até mesmo para quem tem experiência na prática teatral. Pensou-se também em alternar a apresentação de cenas em francês e português ou até mesmo, em misturar as duas línguas.

Inicialmente, cenas aleatórias foram trabalhadas. Os participantes também mudavam de papel cena a cena, passando por praticamente todos os personagens retratados na peça, até a decisão de qual(uais) seria(m) representado(s) por eles.

Tanto os exercícios de aquecimento, quanto os vocais e corporais vêm sendo propostos pela professora Fernanda ou por mim, como monitor, tendo em vista a nossa prévia experiência com a prática teatral. Durante as apresentações das cenas, algumas orientações quanto a entonações, posições, marcações e intensidades também são afinadas conosco a fim de aprimorar a *mise en scène*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto neste ano ainda está no início. Contávamos inicialmente com 31 inscritos, mas no decorrer do processo, com as exigências de comprometimento e assiduidade, temos atualmente 16 integrantes. Os encontros começaram no início de maio, e desde então a cada semana cerca de duas ou três cenas são trabalhadas. Já no segundo encontro, os membros do grupo vieram com ideias para a encenação, e as aplicavam durante os ensaios. Aos poucos suas ideias foram se unindo às minhas, tornando o trabalho ainda mais gratificante e engrandecedor, tanto para eles quanto para mim.

Na hora das apresentações, alguns problemas naturais de começo de processo em um grupo, formado majoritariamente por estudantes que não pertencem ao Curso de Teatro, começam a aparecer: movimentações desnecessárias, baixo volume de voz e papel com o texto tampando o rosto, por exemplo.

Devido ao fato de a apresentação final ser uma leitura dramática da peça e não a sua total representação, alguns pontos precisam ser trabalhados para além da representação. Transformar o texto em papel, muitas vezes inimigo do ator,

em um objeto de cena e aprender a atuar o tempo todo com ele em mãos é complicado. Não se pode se desprender dele, mas ao mesmo tempo não se pode dele ficar dependente. Esse foi um ponto muito trabalhado nas primeiras semanas de projeto, pois, colocar o papel na frente do rosto enquanto falavam, era algo que acontecia constantemente.

Colocar duas ou mais pessoas para interpretar um mesmo papel é mais complicado do que parece. É preciso definir características do personagem, afinar entonações, decidir trejeitos, é preciso diálogo, muito diálogo, mas sem fugir da prática: é nela que se encontra a resposta e a melhor forma de chegar a um entendimento a respeito desses “detalhes”, que são essenciais na construção dos personagens e da *mise en scène*.

Por exemplo, com o decorrer dos ensaios, uma nova situação surgiu e precisou ser analisada e trabalhada com atenção: Guillaume, um dos personagens masculinos seria interpretado por uma estudante que estava tendo dificuldades em adotar uma postura masculina.

O personagem estava em cena com outros dois homens e, em determinado momento, tomava a frente e agia como se fosse o líder dos três. Foi preciso fazer vários experimentos para que, aos poucos, a aluna fosse entrando no personagem e conseguindo dominar a cena. Primeiro foi trabalhado a entonação de voz, depois a interação com os colegas de cena, depois a presença cênica, até que ela pudesse se sentir confortável em fazer o papel, que era tão distante daquilo que vinha fazendo.

Como dito anteriormente, o processo ainda está no início. Estamos ainda em fase de experimentar várias possibilidades de atuação para que, então, encontremos uma linha a seguir. Esse é justamente um dos grandes desafios do projeto: sua dinâmica vai sendo construída coletivamente, e a cada encontro, a partir da resposta e das possibilidades de seus atores.

4. CONCLUSÕES

Pretendo desenvolver esta reflexão com um embasamento teórico sólido, mas já posso afirmar que, como estudante e futuro professor de teatro, o projeto traz uma grande oportunidade de aprendizagem para a minha formação. Participar ativamente da produção de uma leitura dramática é uma experiência que não faria parte da minha grade curricular obrigatória no curso de Teatro; com isso, o contato com direção, figurinos, cenografia e sonoplastia se tornam únicos e essenciais.

Para os alunos de Letras/Francês, a prática com os diálogos em LE torna-os cada vez menos inseguros ao se comunicarem em francês. Os trabalhos de expressão corporal e vocal, mostram uma evolução, embora ainda pequena, na maneira de se comunicarem e exporem suas ideias e opiniões sobre as cenas criadas. Há no projeto um bom número de estudantes que ainda estão nos semestres iniciais de francês e é na evolução da desenvoltura deles que se torna mais evidente que o medo de arriscarem-se ao pronunciar as palavras e emitir os enunciados, aos poucos vai ficando de lado.

Assim, o projeto, com seu caráter multidisciplinar, se torna importante tanto para os estudantes de Teatro, quanto para os de Língua Francesa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, B. R. Z. *A contribuição da extensão universitária para a formação docente*. 130f. Tese (Doutorado em Educação- Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012 Disponível em < http://univille.edu.br/community/biblioteca_universitaria/VirtualDisk.html?action=readFile&file=A_Contribuicao_da_Extensao_Universitaria_para_a_Formacao_docente_Berenice.pdf¤t=/%3E.%20Acesso%20em%2011/07/2016.# Acesso em 11/07/2016.

MUSSET, Alfred. **Le Chandelier**. In: **Comédies et proverbes**. Paris, Audin, 1949. p. 258-296.

MUSSET Alfred. **O Castiçal**. In: **Peças Breves e silenciosas**. Tradução, seleção e notas de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1987. p. 157-193.

ROLLINAT-LEVASSEUR, E-M. « La littérature en acte : voir, entendre, ressentir ». In : GODARD, A. (dir.). **La Littérature dans l'enseignement du FLE**. Paris : Didier, Collection Langues & didactique, 2015.

WEBJORNALISMO- O caso da Agência de Notícias EmPauta como Plataforma de Interação e Informação entre o curso de Jornalismo da UFPel e a Comunidade

LAUREN GUEDES LENCINA TRINDADE¹; Dr^a MARISLEI RIBEIRO².

¹Universidade Federal de Pelotas – lala_trindade95@hotmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – marisrib@terra.com.br .

1. INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das novas tecnologias e a difusão da internet temos novas possibilidades de relações. Levy (2003) situa que a internet propõe um espaço de comunicação inclusivo, transparente e universal, que dá margem à renovação profunda das condições da vida pública.

A facilidade que as informações são veiculadas através das novas tecnologias não limita apenas os modos de produção, distribuição e consumo de conteúdo, como aponta para um realinhamento nas relações dos indivíduos com os canais de enunciação. Os usuários podem assumir a posição de atores comunicantes. Assim, as mídias digitais ameaçam a forma de transmissão das mídias tradicionais. A web proporciona comunicações intermitentes e rápidas, numa interação entre todos e todos, e não somente, entre um e todos. Moraes (2002) diz que estamos diante de uma nova ecologia comunicacional, onde todos dividem um colossal hipertexto, formado por interconexões generalizadas, que se retroalimentam continuamente.

Moraes (2002) salienta que estamos diante de uma esfera pública não sujeita a regulamentação, onde todos têm espaço e liberdade de expressão. O ciberespaço oferece oportunidade para que uma diversidade de temáticas seja discutida sem sofrer regulamentações. Pierre Levy acrescenta à ideia de Moraes que o ciberespaço é muito mais inclusivo do que os outros meios de comunicação. Ele permite a expressão pública de todos os indivíduos, grupos, instituições e comunidades. As barreiras geográficas, econômicas, culturais e políticas são rompidas, criando-se a possibilidade de amplo fluxo simbólico.

Quando as barreiras geográficas são rompidas, menciona-se à trocas de informações nas entidades educacionais e às diversidades de educação à distância.

No meio educacional, a utilização de suportes tecnológicos proporciona novas interações, novas possibilidades de acessos a ideias, que poderiam não ser encontradas sem o auxílio tecnológico. Apontando as comunidades virtuais,

servem como um espaço para o ambiente universitário ter novas informações e ter possibilidades de discussões que seriam mais difíceis de forma presencial.

Diante disso, o presente trabalho, apresenta alguns resultados do projeto de extensão: EmPauta- Agência de Notícias, cujos objetivos são o de promover, no ciberespaço um suporte para os acadêmicos de Jornalismo, bem como, aos internautas, para executar os conhecimentos e oferecer um meio de inteligência coletiva, respectivamente. Também, levar os acontecimentos do cotidiano ao conhecimento público.

Além disso, tendo em vista a importância de novas tecnologias da comunicação na vida cotidiana das sociedades, a sua importância no processo de transmissão de informações e a sua presença no ambiente universitário como uma forma de difusão do conhecimento, justifica-se a relevância do desenvolvimento de uma agência de notícias voltado para o meio acadêmico.

2.METODOLOGIA

O blog jornalístico tem o formato de agência de notícias. Diariamente, há um aluno “plantonista”, que observa os principais acontecimentos da sociedade e publica nas páginas do dia. Para tal empreendimento, optou-se pela realização da pesquisa participante, como abordagem metodológica. Para Gil (1999), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores no processo. Os observadores desempenham um papel ativo na coleta de dados, instrumentos e recursos. Com base nisso, foi apresentada a proposta da criação de matérias em formato multimídia, que serão resultados de soberturas jornalísticas. Estes trabalhos são avaliados e disponibilizados pela professora.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades executadas pelos acadêmicos dos cursos de Jornalismo, com orientação da professora coordenadora do projeto. Inicialmente, foram realizados encontros semanais da bolsista “plantonista” com a orientadora, a fim de discutir as novas práticas a serem introduzidas no projeto.

Em sequência, para implementar o projeto, a agência de notícias abrange desde o seu surgimento 17.531 visualizações e 1.317 curtidas na página do Facebook que caracteriza-se por levar os acontecimentos do cotidiano ao conhecimento público; estimula os acadêmicos de jornalismo a construir notícias e reportagens a partir dos acontecimentos adquiridos em aula; proporciona um

espaço que serve como um instrumento de inteligência coletiva e de comunicação; desenvolve um espaço acadêmico para divulgação dos trabalhos dos estudantes do curso de Bacharelado em jornalismo e a comunidade pelotense, levando o nome do curso da UFPel a diferentes meios e espaços.



Figura 1 – Imagem da agência de notícias na Web.

4. CONCLUSÕES

O projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas abarca a reflexão do papel das tecnologias no jornalismo e tem amplo espaço para o estudo das comunicações virtuais, especialmente para as formas alternativas de transmissão de informações e para o jornalismo na Internet.

O curso de jornalismo da UFPel abarca a disciplina de Comunicação Digital, onde inicia os alunos nas discussões acerca da cibercultura, e a de webjornalismo, onde é dada a base para a formação de um profissional que vai trabalhar em veículos de transmissão de informações na Internet e para a discussão de suas práticas. Assim, contempla bases para o projeto de extensão “Em Pauta – Agência de Notícias do curso de Jornalismo da UFPel”.

Portanto, este projeto tem o objetivo de refletir sobre Cibercultura, realização de coberturas jornalísticas e apuração e redação de reportagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: editora Atlas, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época**.

Disponível em <

<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>>. Acessado

em: jul. 2016.

LEMOS, André; PALACIOS, Marcos. (orgs). **Janelas do ciberespaço: comunicação e cultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. **Pela ciberdemocracia**. In: MORAES, Denis (org). Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Nacional socialismo como tema no ensino de alemão como língua estrangeira

LUAN BALCIUNAS¹; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²

¹UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) – luan.balciunas@gmail.com

²UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) – hjcristeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Tenho como por objetivo neste trabalho abordar uma trajetória histórica do ensino do idioma alemão no Brasil e as ferramentas utilizadas para o ensino da língua alemã em solo brasileiro, interpelando traços históricos desde a chegada da língua alemã, até os mais diversos aspectos de transformação que tal ensino da língua sofreu no decorrer do tempo em direção a atualidade. Além de uma abordagem perante as transformações no ensino do idioma alemão em cenário nacional e mundial, interpelarei determinadas abordagens que são realizadas *im Daf Unterricht* perante ao Nacional Socialismo, cujas objetivam assim realizar uma correção, ou melhor dizendo, buscam uma retidão diante dos fatos ocorridos no período de ascensão e governo do partido nacional socialista.

É ainda sobre essa perspectiva de abordagem do tema em questão, que UWE; KOREIK (1995) retrata os estudos regionais no ensino do idioma alemão e cultura alemã ao redor do mundo, ao se perguntar quais são os objetivos de ensino e aprendizado, juntamente com as competências linguísticas que o tema NS contribui para o enriquecimento linguístico, cultural, e histórico do aluno.

É com esse intuito que apresento este trabalho perante ao comportamento dos docentes e discentes ao se deparar e implementar tal temática, relacionando assim conflitos, divergências, interesses, e perspectivas históricas que se apresentam no decorrer da aula de língua estrangeira e no curso de letras-português/alemão. É necessário dessa maneira projetar um olhar crítico em busca de uma desconstrução imagética que muitos possuem sobre temática nacional socialista, tanto em território nacional quanto em outras partes do globo. KOPELL; HANS (1993) retrata a importância e principalmente a necessidade de se trazer uma interpelação histórica, real, autêntica, e precisa da história e cultura alemã em diferentes partes do planeta terra.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em relação ao nacional socialismo em obras didáticas e as formas de lidar com o assunto *Nationalsozialismus*, e em particular, com a *Shoah*, foi por um lado realizada objetivando explorar aspectos de investigação presentes a natureza do sujeito como objeto investigador, sendo que por outro lado procurou-se sempre atender os interesses e necessidades dos alunos de alemão como língua estrangeira. Em um período de 4 meses, questionários foram disponibilizados para os alunos do curso básico de língua alemã III, onde tais questionários possuíam diferentes perguntas de interesses pela história alemã e determinados tabus presentes no séc. XXI em referencia a barbarie que fora o Holocausto. O questionário se embasou em diferentes temas que se fizeram presentes no período nacional socialista tencionando saber qual seria a maior procura ou interesse de estudar o Holocausto e o partido Nazista *im Daf Unterricht*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro questionário disponibilizado aos alunos foi uma espécie de coleta de dados dos interesses em face ao nacional socialismo e sua abordagem em sala de aula no ensino de língua alemã. Obtivemos assim alguns resultados que são representados pela tabela a seguir:

Interesse Dos Alunos
65% dos alunos gostariam que o tema fosse trabalhado <i>im Daf Unterricht</i>
70% dos alunos colocaram a sua opinião perante ao tema dizendo que há uma necessidade de se trabalhar a temática em sala de aula a fim de que não se repita tal acontecimento. *Houve também opiniões controversas.

Já em uma segunda parte da pesquisa, 9 temas de grande impacto do período nacional socialista foram concedidos aos alunos. Objetivamos assim com determinados temas saber o interesse de estudo dos acadêmicos e a relevância que estes possuíam para os discentes. Os resultados de interesse diante dos enunciados seguem na tabela abaixo:

Foco de Interesse
Jovens no período nacional socialista – 45%
Hitler – 73%
Economia – 40%
Por que muitos participaram colaborando para a ascensão do partido – 38%
Resistência – 27%
Antissemitismo – 68%
Como os alemães e austríacos pensam sobre o tema – 55%
Como aconteceu – 83%
História cotidiana – 70%

Acerca dos materiais de preferência dos alunos a serem trabalhados em sala de aula, obtivemos as seguintes informações que segue na tabela abaixo:

Preferência dos Materiais
Filmes e Vídeos – 72%
Textos Jornalísticos – 55%
Fotos – 85%
Textos Bibliográficos e Entrevistas – 67%
Comics – 10%

4. CONCLUSÕES

O trabalho realizado com os alunos do curso básico de língua alemã III atingiu seu objetivo em salientar e esclarecer aspectos históricos, culturais, e linguísticos a cerca do idioma e história alemã, assim também como o de quebrar a imagem e a ligação que muitos realizam do idioma alemão ao nazismo. A realização de tal pesquisa foi e é fundamental para a construção da formação do acadêmico nas questões plurais no aprendizado e desenvolvimneto histórico e cultural do discente.

Foi um levantamento e uma estruturação de pensamento crítico realizada constantemente no decorrer das aulas, onde uma apresentação dos fatos foram mostrados pelo docente, sendo que a contribuição dos discentes não só foi de suma importância no processo de organização e produção da pesquisa, mas fora também de extrema importancia na aquisição de uma nova e verdadeira imagem do idioma alemão, salientando assim conjuntamente as oportunidades que tal idioma pode proporcionar na aquisição de um trabalho e em outras áreas do conhecimento no séc XXI.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMANN, Irmgard. **Versäumte Lektionen. Vorschläge zur Behandlung des Themas Nationalsozialismus anhand literarischer Texte.** München, 1993.

BORRIES, Bodo. **Das Geschichtsbewusstsein Jugendlicher. Erste repräsentative Untersuchung über Vergangenheitsdeutungen, Gegenwarts – wahrnehmungen und Zukunftserwartungen von Schülerinnen und Schülern in Ost – und Westdeutschland.** München, 1995.

KOREIK, Uwe. **Deutschlandstudien und deutsche Geschichte. Die deutsche Geschichte im Rahmen des Landeskundeunterrichts für Deutsch als Fremdsprache.** Baltmannsweiler, 1995.

UMA PERSPECTIVA DE MUNDO NA PONTA DOS DEDOS

LUÍS FELIPE FREITAS BECKER¹; MARISA HELENA DEGASPERI²

¹Universidade Federal de Pelotas – luisf.becker@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mhdufpel2012@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Programa GRAU (Grupo Acessibilidade Universal) era um projeto chamado de Oficina Prática de Tradução, vinculado ao NUTRA (Núcleo de tradução), em que os alunos do curso de Bacharelado em Letras Tradução Espanhol-Português traduziam livros de Literatura infantil do português para o espanhol, para que a prática profissional dos mesmos fosse estimulada desde a graduação, e para o início de suas atividades curriculares como tradutores. Em seguida, ainda na Oficina Prática de Tradução, foi pensada a criação de áudio-livros. Esse pensamento fomentou a ideia das áudio-descrições e motivou a ampliação das perspectivas da Oficina Prática de Tradução para um projeto maior, interdisciplinar, saindo de uma abordagem mais técnica para um foco mais humanitário, voltado para a acessibilidade, principalmente de pessoas com deficiência visual, e para a tradução audiovisual (ou intersemiótica): a áudio-descrição propriamente dita. Dessa forma surgiu o GRAU, posteriormente com status de Programa, por se tornar uma iniciativa de objetivo contínuo.

O programa GRAU, ainda vinculado ao NUTRA, é um Programa de Extensão Universitária que busca desenvolver ações afirmativas no meio acadêmico e se estende à comunidade. É considerado um programa "guarda-chuva", ou seja, que abriga diferentes subprojetos, voltados para acessibilidade universal e inclusão de grupos que sofrem preconceito ou desvantagem social. Propõem-se no programa ações de acessibilidade de pessoas com diferentes tipos de deficiência e inclusão de grupos que necessitam dela. O programa tem como principal objetivo a promoção da acessibilidade através de eventos, cursos de formação e ações inclusivas acadêmicas, contemplando os três pilares: o ensino (nas traduções e áudio-descrições), a extensão (com os eventos acessíveis e inclusivos) e com a pesquisa (com a realização de uma pesquisa sobre cegueira e sobre o processo cognitivo dos cegos, para aprimorar as áudio-descrições). No primeiro evento do Programa, paralelo à feira do livro de 2015, chamado "Educação inclusiva: unindo energias e construindo pontes", foram realizadas mesas redondas, oficinas (de contação de histórias, de ilustração e de editoração de livros) e uma exposição acessível, foco deste trabalho.

2. METODOLOGIA

Os colaboradores (o Programa ainda não contava com bolsistas, somente voluntários) e a orientadora realizaram uma série de reuniões semanais. Nas reuniões, decidiram-se: que imagens dos livros traduzidos no projeto seriam utilizados na exposição, as formas de divulgação do evento, detalhes da exposição; outros assuntos também foram debatidos.

A divulgação do evento foi feita pela internet, através de redes sociais, e por intermédio de um folder em papel, distribuído em alguns campi da universidade, no Mercado Público de Pelotas, e em outras instituições, como a FURG (Fundação Universidade do Rio Grande) e a Associação Escola Louis

Braille, de Pelotas. A exposição, diferente das oficinas, foi realizada no Museu do Doce, Casarão Oito (prédio da Universidade Federal de Pelotas), como divulgado.

Como os principais objetivos da exposição eram acessibilidade e inclusão, foram confeccionadas reproduções das imagens, previamente escolhidas, em formato acessível. Para confeccionar estas imagens, foram utilizadas impressões das imagens em tamanho A2, tintas 3D, tecidos, grãos, plantas, pequenos objetos, entre outras coisas, com o intuito de diferenciar o conteúdo das imagens através do contraste na textura e em seus contornos, tornando-as objetos sensíveis ao tato de pessoas com qualquer deficiência visual ou qualquer outra que se propusesse a tocá-las. Nas reuniões, também surgiu a ideia de que as pessoas videntes utilizassem vendas, disponibilizadas por colaboradores, para que as mesmas pudessem experienciar o que uma pessoa com deficiência visual passa quando pode utilizar somente o toque. Também se tinha o intuito de gravar áudio-descrições para auxiliar na descrição das obras, mesmo que os colaboradores do grupo não possuíssem ainda o conhecimento técnico para as mesmas. Foram desenvolvidos roteiros com o apoio da orientadora e houve a tentativa de realizar as gravações das áudio-descrições de forma clara (realizadas em diferentes locais pela falta de um estúdio, utilizou-se até o automóvel da orientadora para alcançar melhor isolamento acústico). Por falta de equipamentos, não conseguimos aprontar os áudios até o momento da exposição, e por isso, as imagens foram áudio-descritas pelos colaboradores que atuavam como guias na exposição, em tempo real. Durante a exposição, para estimular as percepções sinestésicas, foram colocados, no ambiente dos painéis, incensos com odores relacionados às histórias das ilustrações: com aroma de rosas, ao lado dos quadros da história de Dulcinéia, que era uma florista e com aroma de coco, próximo aos quadros de Histórias da Tia Hermínia, que era uma doceira de Pelotas. A percepção dos odores pelos participantes ficou evidente em comentários que faziam durante a visita guiada.

Na próxima sessão, se apresentam os resultados decorrentes das ações do Programa GRAU, seguidos de comentários pertinentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição foi realizada do dia 05 ao dia 13 de novembro, das 14 até às 19 horas. Dois livros foram utilizados: “Histórias da Tia Hermínia”, de Tatiana Braga dos Reis, e “Dulcinéia”, de Rosane Castro. Foram expostas quatro imagens de cada livro, fixadas em painéis. Colaboradores convidavam as pessoas a colocar as vendas, e elas seguiam as instruções do colaborador que fazia o papel de guia. Notou-se a insegurança das pessoas videntes ao caminhar na direção dos painéis, por estarem com os olhos vendados, mesmo com o apoio dos guias, e principalmente a timidez nos movimentos das mãos. O intuito inicial era deixar que as pessoas ficassem livres para tocar as obras, o que acabou não se realizando pela recorrente hesitação dos participantes. Por isso, os guias começaram a guiar as mãos das pessoas, com o consentimento das mesmas, enquanto realizavam a audiodescrição, podendo assim indicar o objeto que estava sendo áudio-descrito naquele momento.

Observou-se que, após as primeiras imagens, a curiosidade era desperta em algumas pessoas, fazendo-as ganhar certa confiança para tocar as imagens seguintes. A maioria das pessoas comentava sobre as texturas, e se mostrava satisfeita quando conseguia assimilar a aspereza ou a suavidade de um tecido com alguma roupa ou objeto áudio-descrito pelos guias e elaborar a imagem mental dos quadros. Como a experiência sensorial, somada à audiodescrição

levava algum tempo, algumas pessoas alegavam estarem cansadas no término das imagens de um livro, sentindo certo tipo de nervosismo por estarem em um lugar desconhecido e vendadas. Mas não foi uma situação determinante. Outras pessoas alegaram ter gostado da experiência e, após serem questionadas se gostariam de conhecer as outras quatro imagens, do outro livro, aceitaram prontamente continuar. Após o término de um livro, ou dos dois (de acordo com a vontade de cada pessoa), as vendas eram retiradas pelos guias e as pessoas videntes podiam observar todas as imagens tocadas por elas, até aquele momento. A reação das pessoas, em todas as vezes que isso ocorria, era de surpresa. Nenhuma informação adquirida por elas, através do toque, era a mesma percebida pela visualização da imagem depois da retirada das vendas, na maioria dos casos. Muitos alegaram acreditar que objetos eram de dimensões diferentes, e até alegaram associar as imagens às cores descritas. Na saída da exposição, as pessoas eram convidadas a preencher um breve questionário com informações básicas sobre ela, sobre a exposição e sobre o que acharam da experiência, um elemento imprescindível para a análise do aproveitamento e aperfeiçoamento do Grupo.

4. CONCLUSÃO

O evento do qual a exposição fez parte foi a primeira ação do Grupo e foi uma experiência singular. Com a exposição, por exemplo, pôde-se experienciar a aquisição de informações sob a perspectiva de uma pessoa com deficiência visual, algo imprescindível para um grupo que pretende atender e dar apoio a essas pessoas. Mas como primeira ação, e pela falta de experiência do Grupo, existe uma série de elementos a serem repensados e aperfeiçoados.

Pelo volume de atividades no evento, pelo pouco tempo para realização de todas as tarefas, e talvez pelo número insuficiente de colaboradores, o evento não pôde atingir seu potencial máximo em alguns pontos. O público foi o ponto principal. Mesmo com as divulgações feitas em diferentes locais, percebeu-se que era necessária uma maior abordagem, e talvez usar uma estratégia diferente. Houve cerca de 120 visitas às exposições, segundo levantamento feito pelo grupo. 114 questionários foram preenchidos, dos quais apenas 02 julgaram o evento “regular”, os demais alcançaram atribuições de “bom” e “muito bom”. Nas questões abertas para sugestões, vários visitantes sugeriram melhorias no próximo evento e a maioria solicitou novas realizações dessa atividade.

Alguns problemas foram detectados durante o evento, mas não foram definitivos para causar transtornos ou para o cumprimento de seu objetivo.

Para o próximo evento, que será realizado do dia 27/10 até o dia 12/11, paralelo à 43ª Feira do Livro de Pelotas, 2016, existirá um formato diferente de divulgação. Atualmente o Grupo conta com uma página nas redes sociais, e com ela poderá ser intensificada qualquer tipo de divulgação, levando em conta o poder de alcance da página na comunidade. Nessa edição, o grupo também possui o tempo ao seu lado, e com o planejamento dos eventos ocorrendo desde maio, o Grupo poderá pôr em prática toda a experiência obtida na edição anterior, colocando em pauta, principalmente, os problemas já identificados.

O Grupo está dando seus primeiros passos, organizando também um curso de audiodescrição para o começo do segundo semestre de 2016, aberto à comunidade e, inclusive, para pessoas cegas ou com baixa visão, com o intuito de levar a formação em áudio-descrição às pessoas interessadas, e torná-la algo comum, como tecnologia assistiva em eventos culturais. Com as ações do grupo sendo realizadas de forma progressiva, abrangendo cada vez mais pessoas que

precisam da inclusão, poderemos conscientizar um maior número de pessoas, emergindo a pauta acessibilidade, que é premente e, muitas vezes, esquecida pelas pessoas, ou considerada difícil praticar.

Os integrantes do Programa GRAU acreditam na força da união no rompimento de barreiras atitudinais e na participação ativa da comunidade acadêmica na acessibilidade universal e na inclusão, em favor da igualdade de oportunidades de protagonismo para todos, em todos os lugares.

5. BIBLIOGRAFIA

Dulcineia

CASTRO, R. **Dulcineia**. Título Original: Dulcinéia. Trad. De Marisa Helena Degasperi e Miriam Ángel Goldschmidt. Porto Alegre: Ed. Papo Abissal, 2015.

Histórias de Tía Herminia

REIS, T. B. **Histórias de Tía Herminia**. Edição Bilingue. Trad. Marisa Helena Degasperi. Título Original: Histórias da Tia Hermínia. Porto Alegre: Ed. Pragmata, 2015.

DEGASPERI, M. H. Projeto do Programa GRAU. Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: 2016

CIDADANIA NO AR E NO FUTEBOL DO FEDERAL EM CAMPO

Luiz Oli Ebersol Junior¹; Ricardo Zimmermann Fiegenbaum²

¹Universidade Federal de Pelotas – juninhoebersol@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– ricardozifi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O futebol é uma paixão nacional e engloba interesse de milhares de pessoas, entre elas, as que se especializam em fazer a difusão do esporte nos meios de comunicação. Grande parte das rádios brasileiras utiliza-se da paixão pelo esporte para transformá-lo no carro-chefe econômico das emissoras. E isso dá resultado, mesmo nos dias de hoje, visto que os adeptos da radiodifusão não abrem mão de sentir as diferentes sensações de ouvir uma transmissão de seu time do coração no rádio. Seja com o aparelho de televisão ligado no mudo ou até sentado na arquibancada, o rádio está presente.

E se uma dessas empresas de radiodifusão resolvesse abrir mão do sucesso comercial? O que mudaria nas transmissões? Como se preencheria os espaços de publicidade? Esse é o desafio de uma rádio pública educativa que acompanha os times de Pelotas em seus distintos caminhos no futebol.

Formado apenas por estudantes, o “*Federal em Campo*” é um braço do projeto “*Cidadania no Ar*”, que tem como objetivo promover a qualificação da cidadania por meio da produção de programas de rádio vinculados à Rádio Federal FM, da Universidade Federal de Pelotas. O projeto engloba diversos tipos de programas, já no ar ou em processo, que tratam de cultura, cidadania, ciência e tecnologia. O *Federal em Campo* consiste da transmissão ao vivo dos jogos de futebol das três principais equipes de Pelotas realizados na cidade, a saber, do Grêmio Esportivo Brasil, do Esporte Clube Pelotas e do Grêmio Atlético Farroupilha. O projeto como um todo tem seis objetivos específicos, abaixo listados e depois relacionados ao programa específico de transmissão futebolística.

1. Valorizar a cultura local e regional: o futebol está entranhado na cultura pelotense, tanto na rivalidade entre os dois principais times, Esporte Clube Pelotas e Grêmio Esportivo Brasil, quanto na aversão aos times da capital, dominadores da massa do estado. Pelotas é a metrópole da região sul do estado, portanto, a interferência cultural nas cidades da redondeza está presente também no futebol.

2. Educar para a consciência de cidadania: no estádio, no carro ou em sua casa, o ouvinte tem direitos e deveres. Nossa tarefa é lembrá-los de seu papel na sociedade, incentivar a cidadania, o respeito mútuo e a conduta civilizada nos diferentes ambientes.

3. Promover o esporte como expressão da cultura: o esporte é uma das mais fortes expressões culturais no país, e em Pelotas não é diferente. Fortalecer os times da cidade é promover uma cultura que envolve não só a paixão como também move a economia das indústrias do entretenimento. A transmissão dos jogos das equipes locais é uma forma de valorizar essa cultura.

4. Divulgar a produção científica e tecnológica da UFPel: ainda que este seja um objetivo que se alcança com programas de rádio específicos voltados para esta área, nas transmissões esportivas também se inserem informações que apontam para o protagonismo da universidade na produção

científica e tecnológica, aproximando, assim, os saberes acadêmicos dos conhecimentos da sociedade.

5. Oportunizar a estudantes a prática de produção em rádio: o Federal em Campo é um espaço em que os estudantes desenvolvem todas as etapas de produção de um programa de rádio e, além disso, o fazem ao vivo e em transmissões externas. Desde o início, o protagonismo foi sempre dos alunos, que viram nesse programa a oportunidade de ganhar experiência e se sentirem mais preparados ao sair da universidade. Além disso, o programa resultou na oferta de uma disciplina optativa no curso de jornalismo que é a de Jornalismo Esportivo.

6. Valorizar o protagonismo das comunidades locais: A Rádio Educativa deve priorizar a cultura local e, nesse sentido, dar condições para que as comunidades exerçam um protagonismo efetivo na produção e veiculação de seus conteúdos. O Projeto Cidadania no Ar busca abrir espaços, através de programas de rádio, à produção colaborativa entre as comunidades dos bairros e vilas pelotenses e a universidade, tendo os estudantes como parceiros nessas atividades. Assim, ainda que o programa Federal em Campo não tenha um espaço específico para esse protagonismo das comunidades, uma vez que é feito exclusivamente por estudantes, poderá ser um catalisador de outras iniciativas, impactando positivamente sobre as comunidades.

2. METODOLOGIA

Inserido no projeto *Cidadania no Ar*, o Programa *Federal em Campo* se desenvolve em duas etapas, que, por sua vez, têm procedimentos distintos.

A primeira etapa é de definição da escala das equipes de repórteres, narradores, comentaristas, plantonistas e técnicos de som que atuarão nos jogos de acordo com o calendário dos campeonatos e das equipes. O programa tem um estudante que se responsabiliza por esta escala.

A segunda etapa compreende o processo de produção dos programas, e segue os seguintes passos: 1. Seleção do conteúdo que vai ser transmitido – dados sobre as equipes, escalações dos times, situação no campeonato, entre outras informações relacionadas ao evento esportivo; 2. Divulgação na página da Rádio Federal do dia e horário da transmissão e gravação de spot com a chamada para o jogo; 3. No dia do jogo, instalação dos equipamentos para transmissão e realização de testes, o que inicia até duas horas antes da partida; 4. A transmissão propriamente dita, em que cada um dos estudantes desempenha a sua função na jornada esportiva: narrador, repórter de campo, comentarista e plantonista. 5. Por fim, no pós-jogo, grava-se um vídeo ainda no estádio com a resenha da partida, que é colocado no Facebook da Rádio Federal e do programa.

O grupo reúne-se uma a duas vezes no semestre com o professor para avaliação mais aprofundada do processo todo. Mas a cada transmissão realiza processos avaliativos por meio de comentários no grupo do Whatsapp.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma emissora pode ser denominada educativa, conforme a Portaria Interministerial nº 651, de 15 de abril de 1999, assinada pelos ministros da Educação, Paulo Renato Souza, e das Comunicações, Pimenta da Veiga, quando se compromete com a divulgação de atividades educacionais.

Art. 1º Por programas educativo-culturais entendem-se aqueles que, além de atuarem conjuntamente com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade, visem à educação básica e superior, à educação permanente e formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional, sempre de acordo com os objetivos nacionais.

Art. 2º Os programas de caráter recreativo, informativo ou de divulgação desportiva poderão ser considerados educativo-culturais se nele estiverem presentes elementos instrutivos ou enfoques educativo-culturais identificados em sua apresentação.

Art. 3º A radiodifusão educativa destina-se exclusivamente à divulgação de programação de caráter educativo-cultural e não tem finalidades lucrativas.

No caso do programa *Federal em Campo*, a adequação foi feita conforme exige o artigo 2º acima. Ao invés da publicidade, tradicional nas emissoras comerciais, são utilizados o slogan que identifica a rádio e frases de sentido instrutivo e educacional, de fácil penetração no ambiente do estádio, apontando para práticas de civilidade tais como recolher o seu próprio lixo das arquibancadas, manter uma postura cordial com relação aos demais torcedores, preservar o patrimônio do clube, não envolver-se em brigas, etc. além de realizar o diálogo com a audiência geral com spots educativos, informes sobre a universidade, lembretes sobre direitos como cidadão, entre outras mensagens de valorização da cidadania.

A proposta alternativa de transmissão educativa do futebol pelotense desenvolve-se não sem sofrer com constantes problemas que afetam em geral as emissoras educativas. A primeira dificuldade está na condição e qualidade dos equipamentos que são utilizados na transmissão. Para superar a falta de alguns aparelhos, buscam-se soluções alternativas. Por exemplo, a falta de um transmissor móvel nos obriga a fazer a comunicação entre o estádio e a rádio via *Skype*, o que, muitas vezes, ocasiona outro problema sério, que depende da existência e da qualidade de conexão com a internet. Outra dificuldade enfrentada e, já superada, foi com o transporte dos equipamentos da emissora aos estádios e vice-versa. Hoje esse transporte é feito com carro e motorista da universidade, mas seria desejável que a emissora tivesse sua própria unidade móvel.

No entanto, talvez a maior dificuldade está no credenciamento dos estudantes para poder fazer a cobertura dos jogos. Toda transmissão esportiva em estádios de futebol depende de credenciamento dos jornalistas e radialistas que vão atuar nos jogos. Dependendo do nível da competição, essa exigência é maior ou menor. O credenciamento é feito pela Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos (ACEG), que exige filiação e pagamento da anuidade para fornecer a carteira de habilitação para ingresso nos estádios. Diversas vezes foi preciso muita negociação às vésperas do início da transmissão para que o fiscal da entidade permitisse a entrada dos estudantes.

Apesar das dificuldades, o projeto caminha a passos largos, tanto na produção de um conteúdo alternativo e totalmente educativo para a população, quanto na formação acadêmica dos estudantes envolvidos no projeto. Hoje, nove discentes da UFPel, mais três já formados, constituem o grupo *Federal em Campo*.

O grande objetivo do projeto, bem como da Rádio Federal enquanto educativa, é garantir a democracia e promover a pluralidade na comunicação. Conforme Roldão (2006), 40% da radiodifusão brasileira é constituída por emissoras educativas e cabe a elas oferecer um serviço alternativo à população.

É possível que o rádio propicie aos ouvintes programas que tenham um conteúdo que vá além do simples entretenimento; que seja utilizado como instrumento de democratização do saber. Cabe às rádios chamadas “educativas” possibilitar outras alternativas de programação que tenham como objetivo contribuir na formação de uma visão mais ampla da realidade social; que busque a construção da cidadania (ROLDÃO, 2006).

Entendemos que hoje a comunicação brasileira não atende aos interesses do povo, nem ao menos atenta para seus direitos. Por isso, oferecemos, através de uma das mais fortes expressões culturais do país – o futebol – a possibilidade de integrar ao dia-a-dia do amante do futebol essas questões.

Não se trata de apenas fazê-lo conhecer seus direitos e deveres, mas efetivamente de ajudá-lo a atuar como um cidadão na sociedade. Desconstruir erros históricos como o machismo e o racismo e sempre caminhar lado a lado com a Democracia e a pluralidade de ideias que caracteriza a sociedade. Enfim, servir à população, conforme Zucoloto (2004).

Mas apesar de denominarmos o atual período da humanidade como a era da informação, dificilmente se pode dizer que hoje se está mais perto desta finalmente cumprir sua função, seu ideal. O ideal de a comunicação se democratizar e realmente atender aos interesses da sociedade em termos de circulação e pluralidade da informação, em termos de não existirem excluídos tanto da recepção quanto da transmissão. (ZUCOLOTO, 2004).

É na busca desse ideal que o projeto Cidadania no Ar, por meio do programa Federal em Campo, está empenhado.

4. CONCLUSÕES

Em resumo, todo o trabalho desenvolvido pela rádio Federal FM no programa *Federal em Campo* do projeto *Cidadania no Ar* se dispõe a oferecer não só uma alternativa ao ouvinte do futebol pelotense, mas também uma fonte de informação sobre cidadania, em que a educação seja o carro-chefe e não os interesses comerciais.

É certo que muitas dificuldades ainda precisam ser vencidas e que, tanto o projeto como este programa precisam ser aperfeiçoados para cumprir plenamente com seus propósitos. No entanto, há que se reconhecer que, assim como a Rádio Federal FM, também a UFPel fica mais perto das comunidades quando volta-se para as questões e para os valores culturais que as constituem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Portaria Interministerial nº 651, de 15 de abril de 1999.

ROLDÃO, I.C.C. O Rádio Educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. In: **XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Brasília, 2006.

ZUCOLOTO, V.R.M. As perspectivas do rádio na sociedade da informação: reflexões sobre a programação das emissoras públicas. **IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM**. Porto Alegre, 2004.

FEDERAL CIÊNCIA: A UTILIZAÇÃO DE PROGRAMAS DE RÁDIO COMO MEIO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

LUIZA JARDIM DA CUNHA SARAIVA¹; LUIZ CARLOS VAZ²;
VIRGÍNIA MELLO ALVES³

¹*Universidade Federal de Pelotas – luizajardimdacunha@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – jornalista vaz@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – v.melloalves@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto Federal Ciência é um programa de rádio cujo objetivo é levar informações da área de ciência e tecnologia ao público de massa com uma linguagem simplificada e que estimule os ouvintes a procurar mais informações sobre as respectivas áreas. Foi desenvolvido em 2009 pela ex-estudante do curso de Licenciatura em Física, Alice Porto¹ e pela professora Virgínia Alves² sob coordenação da jornalista Vera Lopes³. Após um período sem atividades, o projeto foi retomado em 2016 pelos professores Virgínia Alves, Paulo Krebs⁴, a graduanda Luiza Jardim⁵ e o jornalista Luiz Carlos Vaz⁶.

A relação entre a ciência e o rádio já é antiga. A divulgação científica no rádio começou justamente com a retransmissão geral dos programas, pois era definida como interesse geral da população. Apesar de já fazer parte do roteiro dos primeiros programas de rádio, a divulgação da ciência precisou despertar o interesse de muitos cientistas para se compreender em meio às notícias, afinal, a linguagem utilizada pela sociedade científica precisava ser adaptada para o público leigo (BUENO, 2010).

O presente trabalho busca fazer uma análise do papel do rádio como meio de divulgação científica a partir das atividades realizadas no Projeto de Extensão

¹ Alice Porto é ex-aluna do curso de Física da Universidade Federal de Pelotas e mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Rio Grande.

² Doutora em Astrofísica e professora do Instituto de Física e Matemática da UFPel.

³ Jornalista aposentada que coordenou o projeto em 2009.

⁴ Doutor em Física estatísticas e também professor do Instituto de Física e Matemática da UFPel.

⁵ Graduanda do curso de bacharelado em Física pela UFPel e Jornalismo pela UCPel.

⁶ Luiz Carlos Vaz é jornalista aposentado que apresenta e revisa as notícias do programa.

Federal Ciência, o qual foi desenvolvido ao se perceber a necessidade de divulgação e popularização científica no país.

O projeto consiste na gravação de 11 *drops*⁷ que são veiculados ao longo do mês na Rádio Federal FM da Universidade Federal de Pelotas. O conteúdo é voltado a descobertas científicas e tecnológicas divulgadas por órgãos de pesquisa nacionais e internacionais, além de eventos voltados a comunidade científica na região Sul. Esses *drops* tem duração de, no máximo, um minuto, com uma narrativa dinâmica de modo a instigar o ouvinte ao assunto que está sendo tratado.

2. METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho foi utilizado o estudo de caso baseado em FONSECA (2002). Neste método de pesquisa se busca entender um fenômeno a partir de uma situação, neste caso, compreender como o rádio pode ser utilizado como meio de divulgação científica através do programa Federal Ciência. Ainda de acordo com FONSECA (2002, p.33):

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. (FONSECA, 2002, p.33)

Além das revisões bibliográficas, foi realizada como prática metodológica uma observação de como a informação é transmitida no rádio para melhor adequar o conteúdo produzido para o programa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁷ Programa de rádio que não ultrapassa a marca de três minutos. O diferencial no texto é o seu conteúdo, que é breve e dinâmico e pode ser apresentado como entrevistas, comentários, radioesquetes, horóscopos, músicas e informações.

Diferente da linguagem científica acadêmica, na qual os cientistas publicam trabalhos para públicos especializados, seguindo normas rígidas de padronização e após anos de pesquisa, a informação jornalística é voltada para o grande público, é mais objetiva e simples e precisa ser sintetizada. O jornalismo, portanto, é acolhido como “ tradutor” da ciência. A partir disso, OLIVEIRA (2012, p.23) discorre que:

O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo fiel tradutor, isto é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade. (OLIVEIRA, 2012, p. 43)

Com vista a interpretar esse conhecimento da realidade, o uso constante da metalinguagem é um recurso habitual para a aproximação do público leigo com a ciência. Associar os conceitos científicos com conceitos mais familiares do senso comum facilita a compreensão e torna a comunicação da ciência eficaz. Outra preocupação é o vocabulário, que deve ser adequado ao nível de compreensão da população leiga, evitando riscos de se tornar elitizado, isolando camadas de receptores que se beneficiariam com a informação científica. Com base nestas informações, o programa Federal Ciência apresenta uma linguagem simples e de fácil compreensão.

Antes do produto final, as notícias veiculadas ao programa passam por três etapas: Seleção, adequação e revisão. Devido ao grande fluxo de informações que podemos encontrar na internet, é necessário separar quais informações são utilizadas para compor os *drops*. Para garantir a veracidade dos fatos, sites de instituições oficiais do meio de pesquisa científica⁸ foram escolhidos como fonte. Essas notícias são analisadas e reescritas de modo que sejam de fácil compreensão para o público em geral, mas que ainda estejam dentro do limite de tempo estipulado para cada *drop*. O desafio se encontra justamente na adequação do conteúdo sem perder a essência da informação e por isso, as

⁸ Como fonte de pesquisa utilizamos sites oficiais das Instituições representativas da comunidade científica: SBPC, NASA, ComCiência, Ciência Hoje Online, Ministério da Ciência e Tecnologia, American, Sociedade Astronômica Brasileira, Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, Physics Today , Nature International Weekly Journal of Science, Sociedade Brasileira de História da Ciência e Scientific American.

notícias passam por duas etapas de revisão: a técnica, feita pelos coordenadores e de linguagem feita pelo jornalista que atua no projeto. As gravações dos *drops* são feitas quinzenalmente e as notícias são repetidas três vezes por dia durante o período em que estão veiculadas.

O programa Federal Ciência estreou no início de agosto na Rádio Universitária, de modo que a relação com o público ainda está sendo construída.

4. CONCLUSÕES

É fato conhecido a importância da divulgação científica e o impacto que ela causa na humanidade. Não há o que discutir em relação a relevância da ciência, tecnologia e seu lugar na sociedade. Um dos papéis sociais dos cientistas é divulgar o seu trabalho, mas a ciência tem uma linguagem própria que torna difícil o entendimento de uma parcela da população, já que as áreas de conhecimento de ciências biológicas e exatas são de campo fechado. Por isso, conclui-se que a divulgação da ciência pela mídia é fundamental para a acessibilidade do público leigo.

O programa Federal Ciência busca justamente despertar o interesse do público pela ciência e tecnologia utilizando a mídia como meio e pilar para a construção de uma relação com o público.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Wilson Costa. **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**. Informação & Informação 15.1esp (2010): 1-12.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

DE OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. Editora Contexto, 2006.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DO MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO

LUIZA KOVALSCKI SILVA¹; LAUER NUNES DO SANTOS²

¹Universidade Federal de Pelotas - luiza.kovalscki@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - lauersantos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, localizado na cidade de Pelotas, é um órgão suplementar da Universidade Federal de Pelotas e completou no ano de 2016 30 anos desde sua fundação. Para fins comemorativos e visando seu compromisso com a extensão e cultura realizou o evento *Ciclo de Palestras MALG 30 anos*, financiado pela prefeitura de Pelotas por meio do edital de Apoio a Eventos e pela SaMalg. O evento foi destinado prioritariamente para os professores da rede municipal de ensino e realizou-se através de quatro encontros no período entre abril e maio de 2016. Contou com realizações de palestras sobre os temas relacionados ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, sua história e seu acervo, assim como sobre artes visuais na cidade de Pelotas.

Juntamente com a programação do evento foi elaborado uma série de materiais didático-pedagógicos para serem distribuídos, gratuitamente, como um kit credenciamento para os professores de artes da rede pública municipal de ensino de Pelotas, bem como aos demais participantes do evento.

Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo da criação do material didático-pedagógico que foi elaborado juntamente ao projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas *Patafísica: mediadores do imaginário*. O material que compõe o kit conta com lâminas educativas e um baralho de cartas com obras do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e foi desenvolvido com o propósito de explorar e divulgar o acervo do Museu de maneira dinâmica e educativa, auxiliar nas visitas mediadas e promover o interesse sobre a diversidade do Museu. Compreende-se, portanto, a relevância do design gráfico na elaboração de materiais didático-pedagógicos e a sua importância na educação em geral, observando os aspectos positivos que é possível agregar à arte e cultura.

2. METODOLOGIA

A realização deste projeto contou com diversas etapas, desde a sua idealização até a concepção e muitos apoiadores para o auxílio do desenvolvimento dos 160 kits contando com: um baralho de 28 cartas sendo 14 pares, e 2 obras para cada uma das 7 coleções, composta pela imagem da obra e informações técnicas e o verso padrão; sete lâminas, uma de cada coleção com imagem na frente e no verso especificações técnicas e adicionais sobre a obra e a coleção e, por fim, um livreto de atividades e propostas para serem realizadas com o material.

O material desenvolvido teve como finalidade explorar as sete coleções do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, a saber: Coleção Leopoldo Gotuzzo, Coleção Escola de Belas Artes, Coleção João Gomes de Mello, Coleção Faustino Trápaga, Coleção L. C. Vinholes, Coleção Século XX e Coleção Século XXI. No mesmo ano, o Museu realizou pela primeira vez uma exposição com as suas sete coleções.

A metodologia projetual do desenvolvimento do material didático-pedagógico baseou-se em preceitos do design *thinking*¹ compreendendo cinco grandes etapas: o *briefing*, a escolha de materiais e imagens, análise de similares, os testes, impressão e a distribuição. Previamente foi realizado um *briefing* definindo prioridades e objetivos do projeto. Após gerar algumas ideias as obras para comporem as imagens foram selecionadas pela equipe do Museu, fotografadas e tratadas exclusiva e especialmente para o material. Na terceira etapa foi necessário realizar uma análise de materiais similares, de cunho pedagógicos e com a temática de museus. Foram analisados tanto os jogos já utilizados pelo MALG quanto diferentes materiais de demais museus. Em seguida foram realizados testes de layout, tipografia, impressão e jogabilidade, para que não houvessem erros na impressão. Os kits foram distribuídos no credenciamento e o material didático-pedagógico posteriormente nas escolas.

É interessante acrescentar que, para a realização do evento, fora criada uma identidade visual seguida de uma marca gráfica e um kit de credenciamento para os participantes do evento. Dessa forma, o material didático-pedagógico, aqui discutido, foi pensado juntamente com os demais projetos que foram realizados no período antecedente ao evento específico ao qual destinavam-se os kits, de março à julho de 2016.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ações educativas, segundo o glossário do Programa Nacional de Educação Museal², consiste em atividades que produzam um intercâmbio entre diferentes processos museais (pesquisa, conservação, preservação e comunicação) de forma a contribuir com a integração entre o museu e a comunidade. O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, por sua vez, promove atividades pedagógicas de forma a instigar o pensamento crítico e a criatividade. As ações educativas realizadas no Museu, conforme um agendamento prévio, consideram como desafio transmitir o conhecimento de forma dinâmica e acessível a toda população, estimulando a cultura e o aprendizado.

A Professora Mestre Luciana Leitão, no ano de 1998, criou o “Jogo da Memória” do acervo do MALG, reproduzindo 14 pares de pinturas de artistas pelotenses. O jogo foi distribuído para a rede municipal de ensino e foi lançado juntamente com uma palestra nomeada “Jogos e Brinquedos” no evento Roteiro Cultural realizado no MALG no ano de 1998.

O sucesso do Jogo promovido em 1998 foi o principal incentivador para realização do material didático-pedagógico concretizado em 2016. Além do Jogo da Memória foram analisados materiais gráficos de diversos Museus tais como o jogo de cartas do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque – MoMA. Foram considerados critérios como legibilidade, leiturabilidade, layout, cores, dimensões e tipografias, com os fins de implantar no material padres de qualidade já testados.

Para a construção das lâminas (ver fig. 1) foram selecionadas as seguintes obras: “Autorretrato com Óculos de Leopoldo Gotuzzo”, referente à coleção Leopoldo Gotuzzo; “Tarzan” da artista Inah D’Avila Costa, da coleção Escola de Belas Artes; “Menina Moça” do artista Adail Bento Costa, da Coleção João Gomes de Mello; “Nu masculino/Nu feminino” do artista Vasco Prado, da Coleção Século XXI; “Adolescência” de Luiz Carlos Mello da Costa, da coleção Século XX; “Cena

¹ Para mais informações ler: AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. Design Thinking. 2012.

² Para mais ler: <<http://pnem.museus.gov.br/glossario/>>. Acesso em 08 de ago. de 2016.

de teatro Kabuki”, de autor desconhecido, da Coleção L. C. Vinholes; e “Le favor” ou “Cardeal” do artista Andrea Landini, da Coleção Faustino Trápaga.



Figura 1: Lâminas Autorretrato com óculos, Menina moça e Adolescência

Fonte: Autora

As lâminas em formato A4 (21x29,7cm) foram pensadas para que a frente seja ilustrada com uma obra, colorida e centralizada, podendo variar entre horizontal e vertical, dependendo da dimensão da obra em questão. O espaço de respiro ao redor da obra é suficiente e ideal para pegar, facilitando o aprendizado em turmas, ao considerar um professor ou mediador apresentando a imagem da obra ao mesmo tempo que, no verso, tem a possibilidade de ler as demais informações. O verso, na parte superior, contém uma faixa preta identificando a qual coleção a obra pertence, logo abaixo as informações na seguinte ordem: autor, título, técnica, dimensão e data, que estão à esquerda, enquanto a marca gráfica do evento se encontra à direita. A parte central do verso das lâminas foi dedicada para um texto pequeno, dividido em duas colunas que contém informações adicionais da obra, do autor ou da coleção. Na parte inferior da lâmina se encontram as informações de realização, apoio e financiamento do evento.

Para compor as cartas do baralho (Fig. 2) foram escolhidas, sempre sob a orientação da equipe do Museu e integrantes do projeto *Patafísica*, as seguintes obras: sem título e “Jardim Japonês” do artista Leopoldo Gotuzzo, pertencente à Coleção Leopoldo Gotuzzo; “Paisagem Pelotense” de José Érico Alípio Cava e “Retrato de Mulher de Azul” da artista Hilda Mattos, ambas referentes à Coleção Escola de Belas Artes; “Paisagem” do artista W. Tadey e “Natureza morta” de M. Constantino, referentes a Coleção João Gomes de Mello; “Accuratissima Brasiliae Tavola Amstelodami (Mapa do Brasil)” do autor Henricus Hondius e “Bengala”, de autor desconhecido, referentes à Coleção L. C. Vinholes; obra sem título da artista Alice Bruegmann e “Zero Dollar, Zero Cruzeiro” de Cildo Meirelles, referentes à Coleção Século XXI; “Negrinho do Pastoreio” de Antônio Caringi e “Retrato com pesadelo” da artista Maria Lígia Magliani, referentes à Coleção Século XX; “Un quête inesperée” do artista Chocarne Moreau e obra sem título do autor Don José Benlliureu, da Coleção Faustino Trápaga.

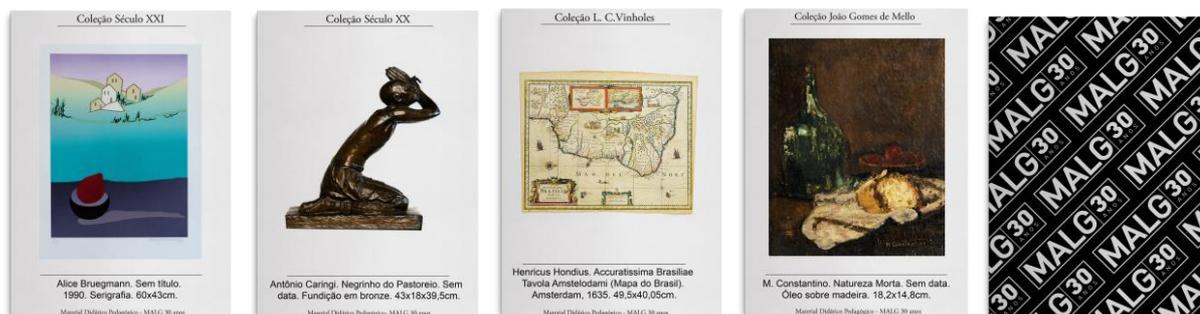


Figura 2: Cartas do baralho frente e verso

Fonte: Autora

As cartas, no tamanho 6,5x10cm, foram pensadas considerando os jogos de cartas, de forma manual e em grupo. A carta possui todas as suas informações na frente, visto que nos diversos jogos de cartas o verso deve ser secreto. Logo acima, como já foi feito nas lâminas, se encontra o nome da Coleção que a obra pertence, a imagem da obra está centralizada tanto vertical como horizontalmente na carta. Foi considerado também uma margem com espaço para pegar, dessa vez menor. Abaixo da obra se encontram informações como nome do autor, nome da obra, técnica, data e dimensões. Os versos das cartas são idênticos, possuem um padrão branco no fundo preto da marca gráfica dos 30 anos do Museu disposta sequencial e continuamente em 45°.

O material educativo-pedagógico foi criado para auxiliar nas ações educativas e, principalmente, para levar o Museu para dentro das escolas. Com o intuito de acessibilidade não foram delimitadas cores diferenciais nas cartas, além das obras, é utilizada apenas a cor preta sobre o fundo branco ou invertido, como no verso das cartas do baralho. Em razões de legibilidade foram elegidas duas famílias tipográficas para compor o material, para títulos e textos curtos a família tipográfica Adobe Garamond Pro, com letras serifadas e mais elegantes e para textos maiores a família tipográfica Arial, fonte sem serifa e de fácil leitura. Além dos materiais ilustrados aqui outros materiais foram desenvolvidos: uma caixa para comportar o baralho e um livreto de atividades, ambos em preto e branco, facilitando a compreensão e explicando o material e as suas finalidades.

4. CONCLUSÕES

Considerando o curto período de tempo em que o material fora desenvolvido ainda não há como relatar experiências, no entanto é possível supor, a partir de experiências passadas, o quanto o material irá acrescentar e ajudar a disseminar a cultura e o aprendizado. É relevante acrescentar que o tempo de produção do material foi estendido devido ao atraso na liberação do recurso. Alguns materiais como kit de credenciamento e as lâminas foram produzidas e entregues anteriormente e o restante do material encontra-se em fase de produção no momento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROCHA, Maria Consuelo Sinotti. **Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: contribuição e integração com o ensino de Arte através do Setor Educacional**. Pelotas, 2010.

Glossário Museu. Disponível em: <<http://pnem.museus.gov.br/glossario/>>. Acesso em 08 de ago. de 2016.

CURSO DE INTRODUÇÃO À AUDIODESCRIÇÃO DIDÁTICA

MÁRCIA DOS SANTOS SOARES DA ROCHA¹; ELTON VERGARA-NUNES²

¹ Universidade Federal de Pelotas, marciasantossoares@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas, vergaranunes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o curso de extensão “*Introdução à audiodescrição didática*”, que surgiu a partir do projeto de pesquisa “*Aplicação da audiodescrição com fins didáticos no ensino regular*”, ambos coordenados pelo professor Elton Vergara Nunes, do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa busca, nas escolas da rede pública estadual do município de Pelotas, propor orientações a professores para elaborarem materiais didáticos acessíveis a alunos cegos e/ou com baixa visão severa, proporcionando-lhes maior autonomia de trabalho e melhores condições de aprendizagem. O curso abordou as questões teóricas e práticas da *audiodescrição didática* proposta por Vergara-Nunes (2016). Durante o curso, a ênfase foi dada para a produção de roteiros e técnicas para a gravação das imagens de forma padrão e didática. (ZEHETMEYR, 2015).

A *audiodescrição didática* tem como objetivo possibilitar aos alunos cegos e/ou com baixa visão autonomia em seus estudos não só em sala de aula, mas também em casa, fazendo uso das gravações descritivas de imagens ilustrativas, gráficos, tabelas, textos etc. Trata-se de uma novidade apresentada no curso, para a capacitação dos professores participantes.

2. METODOLOGIA

O curso foi organizado de forma semipresencial, com atividades semanais e interação a distância pelo ambiente Moodle, acompanhadas por uma equipe de professores de diferentes cidades sob orientação de duas pesquisadoras e uma monitora da equipe. Foi oferecido a professores da rede municipal (com participação das professoras do CAPTA - Centro de Apoio Pesquisa e Tecnologia Para a Aprendizagem) e da rede estadual do município de Pelotas, contando com a colaboração de uma pesquisadora e mestranda do Instituto Sul-rio-grandense de Pelotas (IFSul) e de uma pesquisadora da rede municipal, monitoria de uma aluna do curso de Licenciatura em Letras-Português/Espanhol, da Ufpel, com a tutoria para as atividades a distância de quatro professoras da rede estadual, estudantes do curso de Especialização em Mídias na Educação da Ufpel, e com a assessoria de um tutor para as questões técnicas. O ministrante foi o coordenador do projeto.

O objetivo era conhecer e apropriar-se das questões teóricas sobre a temática audiodescrição. As atividades eram planejadas pelo ministrante do grupo, abrangendo questões amplas relacionadas deficiência visual (WHO, 2011; CEGUEIRA, 2016) e tecnologias assistivas (SASSAKI, 1996), história da audiodescrição, contato com o trabalho de diferentes audiodescritores e as normas e diretrizes que tratam do assunto (NORMA AENOR, 2005; GUIDANCE, 2010; BRASIL, 2012; ABNT, 2015).

O grupo assistiu a diversos vídeos e conheceu diferentes trabalhos de audiodescrição, apropriando-se de características de cada trabalho. Em

discussões de aula, pode-se identificar aspectos que interessam mais ao professor que precisa oferecer ao seu aluno com deficiência visual o conteúdo de uma imagem utilizada com o objetivo de ensinar um conteúdo específico. Com base na proposta de uma *audiodescrição didática*, começaram a elaborar roteiros para a audiodescrição e gravá-las, com a intenção de perceber as diferenças entre a audiodescrição padrão e *audiodescrição didática*, proposta pelo curso. As gravações foram feitas com a utilização da ferramenta *Audacity*, um software gratuito de edição de áudio. Ao longo do curso, muitas dúvidas foram esclarecidas, inclusive dúvidas de profissionais que trabalham com estudantes cegos e puderam apropriar-se da ferramenta de *audiodescrição didática* utilizando-a nas suas salas de aula.

O curso teve a duração total de quarenta horas, sendo 20 horas realizadas presencialmente, e 20 horas com atividades tutoradas a distância.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pessoas com deficiência no Brasil chegam a 24% da população. Cerca de 38,5 milhões¹ de brasileiros têm deficiência visual (IBGE, 2016). Esses números justificam estudos sobre a inclusão dessas pessoas na sociedade. Com a implementação legal do ensino inclusivo no Brasil, os alunos com cegueira passaram a conviver nas salas comuns do ensino regular. Desta forma, professores passaram a preocupar-se com metodologias adequadas de ensino para alunos com deficiência visual. Conforme Mrech (2010), um dos objetivos da inclusão é “propiciar aos professores da classe comum um suporte técnico”. O curso “*Introdução à audiodescrição didática*” propiciou aos participantes a oportunidade de começarem em suas práticas docentes a aplicação da audiodescrição com objetivos didáticos.

Os participantes perceberam que é necessário avançar na proposta de uma audiodescrição padrão, que prima pela objetividade e limita-se a descrever a imagem; para esta proposta, o objetivo primeiro é a acessibilidade visual. Entretanto, conforme Vergara-Nunes

o objetivo da *audiodescrição didática* é dar ao aluno cego condições de aprender conteúdo escolares veiculados por imagens junto com seus colegas em sala de aula em contextos inclusivos, enquanto a audiodescrição padrão tem por objetivo oferecer ao usuário acessibilidade a todo tipo de produto visual. (2016, p.271).

A ideia está baseada no conceito de enação de Maturana e Varela (2006, p.55) que defendem que a realidade se forma da relação do observador com aquilo que é observado. Assim, apoiado por Silva e Praxedes Filho (2014), o curso apresentou a proposta de uma audiodescrição que permite o uso de uma linguagem mais subjetiva, com objetivos que vão além da imagem, facilitando a aprendizagem dos alunos com deficiência visual.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que os objetivos propostos foram alcançados, já que vários integrantes do curso manifestaram interesse em fazer parte do grupo de pesquisa liderado pelo coordenador do projeto, bem como a vontade de ter o apoio da equipe para a elaboração de materiais didáticos com audiodescrição para suas

¹Com base em dados do Censo 2010 projetados pelo IBGE <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>.

aulas; cabe ressaltar também que uma das participantes do curso propôs a atividade de audiodescrição didática em sua turma na escola. O curso de extensão segue obtendo resultados positivos e auxiliando alunos cegos e/ou com baixa visão e professores, incluindo a *audiodescrição didática* como uma ferramenta de que possibilita aos alunos terem autonomia em seus estudos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNT – CB040. Projeto ABNT NBR 16452, Novembro, 2015.
- BRASIL – Ministério da Educação. **Nota técnica nº 21** – de 10 de abril de 2012. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Inclusão, 2012.
- CEGUEIRA. In: Portal Da Oftalmologia. **Doenças dos olhos**. Goiânia, [2010]. Disponível em: <<http://www.portaldaretina.com.br/home/doencas.asp%3Fcod=8.html>>. Acesso em: 04 ago. 2016.
- GUIDANCE on standards for audiodescription. Disponível em <http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/itc_publications/codes_guidance/audio_description/introduction.asp.html>. Acesso em: 06 mai. 2010.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**: Tabela 1.3.1 - População residente, por tipo de deficiência, segundo a situação do domicílio e os grupos de idade. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/ods/Brasil_ods.zip>. Acesso em: 05 ao. 2016.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **De máquinas y seres vivos: autopoiesis - la organización de lo vivo**. Santiago: Editorial Universitaria, 2006.
- MRECH, Leny Magalhães. **O que é educação inclusiva?** Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp35.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2010.
- NORMA AENOR — UNE 153020. **Audiodescripción para personas con discapacidad visual**: requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías. Madrid: AENOR, 2005.
- SILVA, Cristiene Ferreira da; PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. A (in)existência de neutralidade: um estudo de caso baseado em corpus com roteiros de audiodescrições francesas de filmes via Teoria da Avaliatividade. In **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, Vol. 30, Nº 2, 2014.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. Por que o nome "Tecnologia Assistiva"? In **Assistiva: tecnologia e educação**. Porto Alegre, 1996. Disponível em: <<http://www.assistiva.com.br/tassistiva.html#porque>>. Acesso em: 06 ago. 2016.
- VERGARA-NUNES, Elton. **Audiodescrição didática**. 2016. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- WHO – World Health Organization. **Change the definition of blindness**. Disponível em: <<http://www.who.int/entity/blindness/Change%20the%20Definition%20of%20Blindness.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.
- ZEHETMEYR, T. R. O.; MACHADO, Letícia Corrêa; ROCHA, Márcia dos Santos Soares; TOMASCHEWSKI, J. F.; VERGARA-NUNES, Elton. Introdução à audiodescrição didática. In **Expressa Extensão**, Vol. 20, p. 178-193, 2015. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/7874/5583>>.

MIDIÃ SANTOS¹; ELIANE RUBIM²; LUIZA AFFONSO,³ JOSÉ RICARDO KREUTZ⁴

¹ *Graduanda em Design Digital - Universidade Federal de Pelotas – reichowmidi2gmail.com*

² *Graduanda em Jornalismo – Universidade Federal de Pelotas – losdientesdeava@gmail.com*

³ *Graduanda em Psicologia- Universidade Federal de Pelotas- luiza.affonso@hotmail.com*

⁴ *Doutor, Professor do Curso de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com*

Vídeo Visita: O áudio visual como instrumento de reconhecimento de sua identidade na economia solidária.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo fará o relato da produção de vídeos junto aos grupos de economia solidária associados à rede Bem da Terra, por meio do projeto de extensão desenvolvido pelo núcleo de tecnologia social - TECSol. Tal intervenção tem como fundamento uma construção horizontal no processo de produção de vídeos que tragam relatos acerca da formação e identidade dos grupos, dando ênfase ao protagonismo dos produtores, tanto no relato das entrevistas quanto na análise e fechamento da edição dos vídeos.

O projeto "Video-Visita" propõe realizar visitas aos grupos, buscando ouvir os relatos dos seus integrantes a respeito da sua formação e do trabalho enquanto grupo, além da sua inserção na economia solidária. Esses vídeos tem como finalidade melhorar a comunicação interna da associação, possibilitando que cada grupo se "apresente" ao restante dos grupos, durante as reuniões mensais.

Tal necessidade se deu através da sensibilidade, por parte dos núcleos de apoio e incubação (Nesol - IF-Sul Pelotas, Nesic - UCPel e Tecsol - UFPel) à Associação Bem da Terra, em auxiliar no processo de melhorar o relacionamento entre os grupos. Tal integração vem sendo provocada graças a possibilidade dos grupos (que totalizam 37 empreendimentos solidários) receberem visitas filmadas em seus locais de trabalho pelo Grupo de Trabalho (GT) Incubação.

Nesse sentido, a produção de vídeos tem um papel não apenas técnico, ou de registro, mas de criação de um dispositivo audiovisual que fortaleça e potencialize as relações, o reconhecimento e o trabalho desses grupos de produtores. Para a captação do material audiovisual nas visitas, a equipe reveza suas funções e busca adentrar o universo dos grupos, conhecendo suas histórias e trajetórias. Tendo um norte estético que direciona a captação, o formato das entrevistas e os planos internos e externos, a equipe do "Video-Visita" intenta produzir um vídeo que expresse com sensibilidade as identidades dos grupos e dos produtores. As visitas consistem em saídas de campos agendadas com produtores rurais e urbanos, onde a equipe tem a oportunidade de experimentar a prática da extensão com horizontalidade, troca de saberes e afetos.

2.METODOLOGIA

Em reunião ordinária da Associação Bem da Terra, no dia 18 de abril, foi proposto ao grupo, de realizar o projeto Vídeo-Visita. A princípio houve uma certa “desconfiança” por parte dos grupos, os quais estavam interpretando a intervenção do TECSol como uma visita que iria “avaliar” a situação dos empreendimentos. A equipe do Tecsol presente fez questão de reinterar o caráter autoral dos vídeos, os quais buscariam reforçar os laços do grupo e da identidade com a economia solidária. Dando destaque aos valores positivos de cada empreendimento no seu modo de produzir. Para tal, considerou-se fundamental por parte da proposta extensionista que se constituísse uma equipe interdisciplinar, onde extensionistas da área da psicologia pudessem trabalhar de forma conjunta com o design, jornalismo e cinema. Nesse aspecto o produto extensionista deste projeto é transdisciplinar que na visão de França (2001, pg 3) compreenderia um movimento diferente: uma determinada questão ou problema suscita a contribuição de diferentes disciplinas, mas essas contribuições são deslocadas de seu campo de origem e se entrecruzam num outro lugar – em um novo lugar. São esses deslocamentos e entrecruzamentos, é esse transporte teórico que provoca uma iluminação e uma outra configuração da questão tratada. É esse tratamento híbrido, distinto, que constitui o novo objeto. (Vera Veiga França)

Tendo em vista o vídeo, como apenas um objeto de comunicação, pode se dizer, como uma ferramenta para agilizar este processo de auto conhecimento, e identificação com o meio e o grupo, notou-se um forte potencial na forma de como manipular, esculpir esse meio para que ele transmitisse toda a mensagem ao receptor com poucas ou quase nenhuma interrupção ou mudança. Contudo sempre tendo em vista, manter a união de todos os produtos finais, dando harmonia em toda a produção, mesmo que cada vídeo tivesse um editor\mediador diferente a linguagem da mensagem se mantivesse, como garantia de sucesso da ideia original. E para garantir o respeito a história desses sujeitos, todas as falas e imagens foram formalmente concedidas através de documentos que autorizam os seus usos.

Portanto, a escolha do GT de utilizar a linguagem videográfica para o registro das histórias dos grupos de produtores se dá pela potencialidade desse formato em dinamizar as relações e criar um canal de comunicação e reconhecimento entre os integrantes da Associação Bem da Terra. O vídeo, em sua especificidade, acaba por fundir concepções estéticas com o imediatismo dos novos dispositivos tecnológicos. Sobre essa relação, o teórico francês Philippe Dubois afirma:

Esta "estetização" do vídeo como imagem me parece no entanto ocultar sua outra face, quase nunca visível: a do vídeo como processo, puro dispositivo, sistema de circulação de uma informação qualquer, "meio de comunicação", tudo isso independentemente do seu resultado visual e do conteúdo das mensagens que ele pode veicular. Neste aspecto, que não é menos importante que o outro, se precisarmos inscrever o vídeo em linhagens históricas, ele me parece ter que ver tanto ou mais com o telefone ou telégrafo do que com a pintura. E é nesse aspecto que ele funciona como

intermediário entre o cinema e as "últimas tecnologias" informáticas e digitais. Se o cinema é, sobretudo, uma arte da imagem e atua sobre o vídeo pelo alto, as "últimas tecnologias" informáticas e digitais são sobretudo dispositivos, sistemas de transmissão (mais do que obras) e o prolongam por baixo.

(DUBOIS, 2004, p.73).

Também, na assembleia da Associação Bem da Terra, do dia 18 de abril de 2016, foi acordado uma agenda prévia de "visitas" aos grupos e de exibições dos vídeos, que estão sendo apresentados mensalmente nas reuniões ordinárias desde maio desse ano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens que seguem traduzem algumas das reflexões feitas anteriormente.



“Recorte do vídeo Grupo Labor, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xCGSWAn6Ebs>”

Como ilustra a imagem a cima, o enquadramento e angulo dos vídeos tem como foco central os participantes dos grupos, tem também a preocupação de destacar os seus trabalhos e produções, e mostrar sempre com a fidelidade o seu compromisso e dedicação para com o grupo. Como também a convivência e companheirismo dos envolvidos, suas trocas e conversas, gerando ainda mais a união do grupo.



“Recorte do video KiMerengue, entrevistada: “Lidiane Ribeiro”

Suas histórias e depoimentos pessoais, são sempre muito importante, é o primeiro plano de nossas filmagens, cada fala individual enriquece a narrativa de cara

empreendimento. Assim então, se deu a gravação de sete empreendimentos, o que tem gerado conversas positivas entre os empreendimentos, onde eles podem se conhecer e interagir, trocando saber e discutindo novas formas de trabalho e repensar os conceitos e propósitos de se trabalhar a economia solidária, usando essa ferramenta para ajustar as engrenagens. Tornando o convívio e aprendizado mais produtivo e eficaz

4. CONCLUSÕES

A proposta de intervir em um grupo social organizado, através da produção coletiva dos vídeos-visitas, tem dado visibilidade a temáticas que atravessam os saberes e os fazeres construídos na vivência da economia solidária. “Trabalho coletivo”, “autogestão”, “comércio justo”, “cuidado, carinho e respeito” são conceitos que ganham corpo na fala e na ação dxs empreendedorxs visitadxs¹.

E no processo da comunicação, sabe-se que criar um elo perfeito entre todos os seus elementos (emissor, receptor, mensagem, código, canal e contexto) é tarefa árdua, e por dados momentos é difícil definir quais impactos tais vídeos terão na melhoria, ou na facilitação do processo de comunicação interna do grupo. Até o momento há uma avaliação positiva por parte dos grupos que assistiram os vídeos durante as reuniões ordinárias, e muitos grupos já perderam o receio inicial de estarem sendo “fiscalizados” e inclusive demonstram entusiasmo e ansiedade para também receberem a nossa “visita”.

5. REFERÊNCIAS

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. Cosac Naify, 2004.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da Comunicação : conhecer o quê?**, 2001

LORENZO, Gilberto. **Manual de assessoria de imprensa**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOURA, Dione et alli (org.). **Comunicação e cidadania: conceitos e processos**. Brasília: Francis, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação - Mass media: contextos e paradigmas, Novas tendências, Efeitos a longo prazo e O newsmaking**. Milão, 1985. Disponível em: http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.pdf. Acessado em junho de 2016.

¹ Fazemos questão de colocar aqui o “x” na designação de gênero, pois esta nos parece ser a provocação ao final da exposição do nosso trabalho extensionista por entendermos que a economia solidária permeia um respeito a democracia de gênero.

DIVERSOS: RECORTES DA DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE

PAULAINÉ OLIVEIRA DE LIMA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – paulaine.lima@ufpel.edu.br 1

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com2

1. INTRODUÇÃO

Iniciado em março de 2016, “Diversos: Recortes da Diversidade na Universidade” trata-se de uma série de vídeos lançados mensalmente, abordando temáticas que envolvem sociedade e diversidade no âmbito acadêmico, como por exemplo, mães universitárias, migrantes, pessoas na terceira idade, entre outros. Os vídeos possuem formato de documentário, com duração entre cinco e dez minutos tendo, atualmente sido produzidos e publicados cinco vídeos, divulgados através das redes sociais do grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Diversidade e Tolerância.

O PET, é um programa do Ministério da Educação, que tem por objetivo trabalhar a tríade de pesquisa, ensino e extensão, Na sua formação é composto por doze discentes sob a tutoria de um docente. O PET Diversidade e Tolerância pertencente à UFPel tem por característica específica a interdisciplinaridade, com isto, os alunos que o integram pertencem a diversas graduações de diferentes áreas do conhecimento, sejam elas licenciaturas ou bacharelados, devendo estes, realizar trabalhos dentro da temática específica do grupo que é, diversidade e tolerância, porém que dialoguem com a sua formação específica.

O presente projeto foi idealizado pela acadêmica Paulaine Oliveira de Lima, aluna do curso de Cinema e Audiovisual, tendo por principal finalidade abordar e discutir a vivência na Universidade, ao promover reflexão e debate sobre a pluralidade do meio acadêmico e no que esta pluralidade impacta, tanto de forma coletiva quanto individual, uma vez que “uma organização de aprendizagem é aquela que tem a habilidade de criar, adquirir e transferir conhecimento e de modificar seu comportamento para refletir sobre novos conhecimentos” (GARVIN, 1993). O formato audiovisual do projeto, exercita as competências adquiridas através da formação da autora e a fundamentação teórica, bem como o estudo do meio e da sociedade em geral na atualidade, viabiliza o levantamento das pautas abordadas nos vídeos.

2. METODOLOGIA

Mensalmente um tema de discussão ligado à diversidade, é proposto aos alunos da UFPel através das redes sociais. Os alunos interessados em participar do projeto são entrevistados para expor sua opinião e experiências relacionadas ao assunto em pauta. Os depoimentos são coletados em forma de vídeo e após a coleta de todos, estes são editados de modo a destacar as ideias principais. A coletânea destes depoimentos resulta em um vídeo final, que visa ser objetivo, claro, informativo e questionador. O vídeo final, é disponibilizado e divulgado nas redes sociais, visando atingir um público maior e ter o conteúdo de forma acessível para apreciação e uso da comunidade em geral.

O primeiro vídeo, realizado em março de 2016 trouxe como pauta “O que é Diversidade?” neste, os alunos puderam expressar o seu ponto de vista à respeito

do que seria a diversidade e sua relevância tanto para a universidade quanto para a comunidade externa.

O segundo vídeo, realizado em abril de 2016, teve como temática “Na minha se diz...” procurando a particularidades linguísticas dos alunos que, oriundos de diferentes regiões brasileiras, possuem dialetos diversos para se referir à determinadas situações, tal pauta foi levantada a partir da identificação da língua como patrimônio cultural dos povos e elemento significativo no quesito diversidade.

O terceiro vídeo, realizado em maio de 2016, também como forma de homenagem ao mês festivo, trouxe como pauta “Mães Universitárias”, uma forma de conhecer a realidade das alunas e desconstruir alguns tabus sobre a relação entre estudos e a função materna. Dentre os objetivos principais, havia o de expor os déficits da universidade em atender este perfil específico de aluno, criar uma nova visão que trouxesse representatividade para outras mães, não universitárias, incentivando o retorno aos estudos como uma tarefa plenamente possível.

O quarto vídeo, referente ao mês de junho, buscou retratar o ingresso na universidade na terceira idade, o tema em si é “Universidade de Todas as Idades”. Os relatos recolhidos são de alunos que diferem do perfil padrão de idade dos universitários brasileiros, que estão em sua maioria entre 18 e 24 anos (IPEA, 2012). Assim como o vídeo que trouxe por pauta “mães universitárias”, tal documentação de relatos permitiu aproximar a comunidade externa da universidade e enxergar no meio acadêmico possibilidades ao invés de barreiras, que foram impostas socialmente.

O quinto e último vídeo realizado até o momento, tem por temática “Esteriótipos Acadêmicos”, a proposta é questionar alunos de diferentes áreas do conhecimento, sobre como enxergam os demais alunos de outros cursos de áreas diferentes das suas. A ideia é entender como se formam os esteriótipos e o que leva os alunos à exercerem pré julgamentos e seguirem determinados comportamentos e o quão próximos estes esteriótipos estão da realidade.

Os próximos temas à serem abordados referentes aos meses de agosto à dezembro serão levantados a partir de debates sobre este trabalho nas redes sociais, sempre procurando atender a demanda e necessidade de discussão por determinados assuntos, partindo do interesse dos próprios alunos.

Da mesma forma, todos os temas já abordados pelo projeto, foram levantados através do estudo de aspectos sociais que compõe as transformações pelas quais a Universidade passou nos últimos anos, principalmente após a adoção de novas formas de ingresso, como o caso das políticas afirmativas, que vem mudando o perfil do estudante universitário brasileiro, dando lugar a um ambiente que busca se tornar cada vez mais plural e diverso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto “Diversos” teve início em março de 2016 e foi pensado de forma a lançar vídeos com temáticas específicas mensalmente, com pretensão de conclusão para dezembro de 2016. Até o presente momento, como já dito, foram lançados um total de 5 vídeos, referentes aos meses de março a julho.

Os vídeos disponibilizados em redes sociais, possuem alcance incalculável dado à velocidade com a qual conteúdos se disseminam virtualmente.

Contudo, as temáticas trabalhadas através do projeto tem contribuído para transmitir uma nova imagem da universidade, mais próxima e aberta à

comunidade externa, cuja a ampla maioria, não se vê incluída. Ao mostrar a pluralidade de seus alunos, os vídeos rompem estigmas sobre o perfil elitizado do universitário brasileiro, desta forma “enfrentar o desafio de propor um ensino que respeite a cultura da comunidade significa constatar cada realidade social e cultural com a preocupação de traçar um projeto pedagógico para atender a todos sem exceção” (PERRENOUD, 2000). Através da observação dos resultados e identificação de seus alunos, a universidade pode aprimorar seu sistema de ensino de forma que venha a diminuir os obstáculos enfrentados pelos alunos que antes não eram pensados na ocupação destes espaços.

Contudo, a linguagem simples e popular utilizada na montagem e divulgação do material do trabalho, torna-o acessível e de fácil compreensão, ainda que as temáticas abordadas peçam por discussões complexas, os vídeos cumprem a função de transmitir informações à comunidade externa.

4. CONCLUSÕES

“Diversos” trouxe a possibilidade de identificação de diferentes grupos dentro da universidade. Com o objetivo de expor e criticar pensamentos ultrapassados à respeito de uma universidade exclusiva a um perfil específico. O debate constante, impulsionado pelo teor do conteúdo dos depoimentos retratados, fomenta um espaço cada vez maior e mais aberto à reflexão e aprimoramento do sistema público de ensino. Torna-se um material referencial para estudo e reflexão.

Pois “Historicamente falando, a universidade tem dificuldades para lidar com a diversidade. As diferenças tornam-se problemas ao invés de oportunidades para produzir saberes em diferentes níveis de aprendizagem” (FERNANDES, 2012 p. 3), apenas através do rompimento do pensamento engessado que elitiza a educação e caracteriza as instituições de ensino como um ambiente praticamente impenetrável, com uma série de exigências sociais, teremos uma sociedade igualitária e uma formação que não apenas reproduz conteúdos, mas gera profissionais capazes de compreender o mundo que habitam e as diferentes realidades que o cercam além da Academia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções às ações**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FERNANDES, João André Tavares. Uma Reflexão Sobre a Diversidade Cultural na Universidade: Respeito às Diferenças. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São Paulo, 2012, p. 2-7.

GARVIN, David. Building a Learning Organization. **Revista Harvard Bussines Review**, 1993.

CAMACHO, R. A variação lingüística. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus. **Secretaria da Educação do Estado de São Paulo**, 1988.

IPEA. **Perfil Universitário Brasileiro**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Acessado em 5 de novembro de 2012. Online. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=158
95

ações afirmativas, mídia e racismo: debates no ambiente da extensão acadêmica

DIAS, Pedro Neves¹;
MARINHO, Maiara dos Santos²;
GASPAROTTO, Alessandra³

¹Universidade Federal de Pelotas – pedro.neves.dias@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dossantos.mai@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Falar que a mídia influencia a sociedade já se tornou um consenso tanto dentro da academia quanto fora dela. Sabe-se que as decisões da esfera política são afetadas pela ação – também - dos grupos de comunicação que, através de seus veículos, propagam mensagens carregadas da ideologia hegemônica dominante. Essa atuação é muito importante na sociedade globalizada onde a comunicação possibilita a conexão de pontos distantes geograficamente. Inclusive, possui efeitos que determinam a luta pelo poder. A partir da metodologia de análise do discurso, nos dispomos aqui, a refletir sobre o discurso da mídia hegemônica referente ao tema sobre a política de cotas. A iniciativa deste trabalho surge a partir de discussões feitas no Projeto de Extensão *Cotas: um diálogo afirmativo entre escola e universidade*, localizado no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. A motivação em tratar deste assunto surge, portanto, através da participação neste projeto onde nossas discussões abrangem diversas áreas e são levadas para as escolas, com diversas metodologias para que a interação com os/as estudantes possa se dar e para que ela seja dialógica e participativa.

Nesse sentido, podemos pontuar diversos momentos históricos e situações onde o jornalismo tradicional teve um papel importante nas disputas políticas. No Brasil, em 1989, uma das maiores empresas de comunicação do país – a Rede Globo – orquestrou uma série de reportagens e discursos com uma definição eleitoral bem marcada. Outro exemplo clássico, amplamente documentado e estudado, é o apoio dado pelo mesmo grupo de comunicação ao golpe militar de 1964. O próprio jornal recentemente lançou um editorial se retratando pelo posicionamento, explicitando as intenções que a Rede Globo tinha ao defender a derrubada do governo João Goulart, configurando a interrupção do processo democrático. A partir dessas considerações iniciais, afirmamos que não existe comunicação neutra apesar de muitos dentro da imprensa e da academia afirmarem isso. É inegável que a mídia tem agido como um partido político, orientando e formando a consciência da população. Mesmo que não queira, o profissional que adentrar uma redação de um grande jornal estará fazendo parte de um bloco de poder hegemônico, estando a serviço dele. A autora Mônica Simioni coloca:

A grande mídia possui um papel decisivo na correlação de forças que compõem o bloco hegemônico na sociedade capitalista mundial. É um processo dinâmico em que o poder econômico e o poder midiático estão diretamente relacionados com o poder político dominante (2007, p. 72).

A grande mídia brasileira contribuiu para difundir uma visão distorcida do que são as ações afirmativas. Sendo iniciativas para combater o racismo, colocamos que a atuação desses meios de comunicação têm dificultado o combate ao preconceito racial ao propagar a desinformação sobre o assunto. O trabalho *“Fora de quadro: a ação afirmativa nas páginas d’O Globo”* coloca justamente essa ideia ao afirmar:

A adoção de políticas de ação afirmativa por parte de várias universidades brasileiras foi um dos temas que mais atraiu a atenção da imprensa nacional nos últimos dez anos. Porém, a gigantesca quantidade de reportagens, artigos, editoriais, notas e colunas publicadas sobre o assunto dá ao leitor apenas uma representação parcial dessas medidas (JÚNIOR; CAMPOS; DAFLON, 2011, p. 62).

Os trabalhos do GEMAA se dedicam a investigar as ações afirmativas no Brasil. Seus estudos colocam os resultados, a aplicação e desafios das Ações Afirmativas, bem como os percalços do caminho. Entre esses estudos estão os que colocam os efeitos da mídia nesse contexto, trabalhos esses utilizados como referência para o presente artigo. Consideramos as conclusões desse Grupo de Estudos extremamente importantes para o debate acerca do racismo na nossa sociedade e é dele que retiramos a conclusão de que a mídia tem contribuído negativamente com a difusão de ideias distorcidas sobre o tema. Trazemos novamente os autores do GEMAA:

Portanto, a forma como o jornal enquadra a polêmica faz com que o debate público se descole cada vez mais do modo como as ações afirmativas estão sendo de fato aplicadas no país. Como resultado, fomenta-se uma grande controvérsia pública em torno de uma representação falsa da realidade, mas que, porém, tem efeitos práticos na medida em que pode conter o avanço das ações afirmativas no Brasil e minar a legitimidade da política perante a população e as classes dirigentes do país (JUNIOR; CAMPOS; DAFLON, 2011, p. 82).

Consideramos essa afirmação muitíssimo grave, pois a mídia que emprega gigantesca estrutura e conhecimento quando lhe é interessante investigar com qualidade e clareza é a mesma que difunde informações equivocadas sobre certos assuntos. Pensamos que isso não acontece por ingenuidade ou por falta de profissionalismo, pois é sabido do poderio econômico disponível para investigar e levantar dados. Só nos resta afirmar que isso acontece de forma consciente e planejada.

2. METODOLOGIA

Como se sabe, esta política é um reparo social que dialoga com os casos históricos de racismo, xenofobia e desigualdade social no território brasileiro. Esta metodologia tem como objetivo compreender uma mensagem e reconhecer seu sentido em um contexto. Além disso, as consequências que determinado discurso é feito também é parte do estudo na metodologia de análise do discurso. A partir

disso, analisaremos os discursos expostos nos texto do jornal O Globo, o sentido da mensagem exposta por um veículo de comunicação e suas consequências, paralelamente com a análise feita sobre o trabalho crítico do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA). A intenção desse trabalho não é se debruçar sobre a capacidade da mídia em influenciar os processos políticos de uma forma geral, mas especificamente sobre a temática do racismo e das ações afirmativas na perspectiva da política de cotas contida na Lei 12.711/12. As ações afirmativas não se resumem às políticas de cotas sociais e raciais. Porém, esse ponto foi amplamente discutido pela mídia tradicional brasileira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A iniciativa deste trabalho surge a partir de discussões feitas no Projeto de Extensão *Cotas: um diálogo afirmativo entre escola e universidade*, localizado no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. Nosso trabalho abrange uma série de áreas de estudo como direitos humanos, historicidade, identidade, mídia e outros. Com isso, entendemos a necessidade de discutir em escolas, entre o grupo e com a comunidade acadêmica, como os veículos de comunicação – formadores de opinião do público e também como um espaço educativo – se colocam frente a um debate nacional de extrema importância incorporado por políticas públicas para reparar o que a história tirou da comunidade negra, indígena e dos pobres, frutos da desigualdade social. Desde o início da nossa participação no projeto, no primeiro semestre de 2016, nos deparamos com distintas abordagens, dúvidas e metodologias realizadas nas escolas. Por consequência disso, se faz necessário atividades de formação anteriormente organizada pelos integrados do grupo em busca de metodologias que dialoguem com a realidade da escolas e com temas também integrados no cotidiano dos estudantes em suas diferentes maneiras como, por exemplo, a mídia.

4. CONCLUSÕES

A partir do exposto anteriormente, identificamos os discursos na mídia hegemônica como fruto e produto de um interesse político e econômico implícito e intrínseco à formação dos monopólios de comunicação na contemporaneidade. A defesa ou não da política de cotas gera uma série de consequências, inclusive, para o sistema capitalista, o qual é alimentado cotidianamente por veículos de comunicação através de seus discursos, imagens e interesses. É fundamental ampliarmos os espaços para fazer o debate sobre as ações afirmativas e os significados gerados nas opiniões dos cidadãos e cidadãs. Refletir sobre as consequências da abordagem da mídia no universo acadêmico em paralelo com os debates feitos nas escolas e dentro do projeto só reforça a reflexão, a construção e a desconstrução que podemos desenvolver. Além disso, certamente dialogar sobre este tema no espaço acadêmico nos possibilita descobrir que tipo de abordagem fazer nas escolas e o mesmo se dá inversamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JÚNIOR, F. J.; CAMPOS, A. L.; DAFLON, T. V. Fora de quadro: a ação afirmativa nas páginas d'O Globo. **Contemporânea – Revista de Sociologia**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2, p. 61-83.

SIMIONI, M. **Comunicação e disputa hegemônica na Venezuela no pós-golpe de abril de 2002**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais com área de concentração em Relações Internacionais) Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP.

GONDIM, G. M. S.; FISCHER, T. O discurso, a análise do discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. **Cadernos Gestão Social – Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS)**. Salvador, v.2, n.1, p.09- 26, set.- dez. 2009.

A RELAÇÃO ENTRE AS COTAS E A REPRESENTATIVIDADE NOS CURTAS PRODUZIDOS PELO CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UFPel

PRISCYLLA KETHELLEN VIANA¹, ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹Universidade Federal de Pelotas – priscylla.viana.92@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar com qual frequência determinados grupos sociais são representados nas produções audiovisuais do curso de cinema da UFPel. O foco para a análise dessas relações está na questão racial.

A partir disso, o objetivo é apresentar como as relações estabelecidas entre história do Brasil, desigualdade social, legislação, políticas de ações afirmativas e projetos, como o de extensão que temos na UFPel: “Cotas: um diálogo afirmativo entre a escola e a universidade”, contribuem para o processo de construção da representatividade nos meios de comunicação e conseqüentemente na cultura como um todo.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi feita a partir do levantamento da representatividade (gênero, raça/etnia e classe) observada em todos os curtas de ficção e documentário disponibilizados na plataforma online do curso de cinema da UFPel (2007-2015), relacionando-os com os dados apresentados pelo IBGE 2014, Mapa da Violência e Mapa do Encarceramento, ambos de 2015. Além da análise da bibliografia sobre o tema em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de colonização do Brasil, de extermínio dos povos indígenas originários, de escravização de povos africanos e da posterior política do embranquecimento construíram relações extremamente desiguais entre brancos, negros e indígenas nessas terras. A abolição desse sistema escravagista não garantiu cidadania à população negra, marginalizando-a da vida social, política e cultural do país. Ainda hoje, indígenas e negros resistem ao extermínio de sua população e à precariedade ou ausência de dignidade para a sua sobrevivência.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) feita pelo IBGE em 2014 temos no Brasil um total de 53% da população constituída por pessoas que se autodeclaram negras, 45,5% brancas e quase 1% indígenas. Em relação a isso, é importante ressaltar que a autodeclaração ainda não é tida como uma representação fiel da realidade, devido ao processo histórico de miscigenação no nosso país, que tem como consequência a dificuldade na identificação de raça/etnia por parte da população. População que, mesmo sendo maioria, dificilmente se reconhece enquanto preta e/ou parda por conta do racismo camuflado de “democracia racial”.

Além disso, de acordo com pesquisas como PNAD 2014, Mapa de Violência de 2015 e Mapa do Encarceramento – Jovens no Brasil, temos por exemplo o aumento do assassinato de mulheres negras, enquanto há queda entre mulheres brancas; o aumento do assassinato de negros por armas de fogo, mas

queda em relação aos brancos; o aumento da porcentagem de brancos entre os mais ricos e continuidade de negros como maioria pobre; a bancada legislativa federal composta por 71% de homens brancos em 2015; o sistema carcerário com composição majoritária de negros, já em relação a escolaridade fazem parte do grupo minoritário principalmente no nível superior.

Levando esses dados em consideração, torna-se perceptível a existência de uma desigualdade na distribuição dessas diferentes populações em relação a determinados ambientes e em relação aos meios de comunicação a realidade não é diferente. MIRANDA, GRIGOLETI, MONEZZI (2010) consideram que “existe uma tentativa sistemática da elite brasileira de deixar negros e índios distantes dos meios de comunicação. O padrão eurocêntrico é dominante na mídia brasileira e os negros ainda são retratados de forma estereotipada e em papéis secundários.”. Tomando a esteriotipação como um processo de objetificação, de redução do indivíduo a determinada característica, GOMES (2009) aponta que:

A ausência, ou a esteriotipação de personagens negros nos produtos midiáticos, faz incidir sobre a população de telespectadores negros, uma forma voraz de discriminação: a injustiça simbólica de carecer de figuras modelares de identificação que os ajude a construir uma auto-imagem positiva e suficientemente forte, para resistir ao embates gestados pelo preconceito racial. Tavares e Freitas (2004) argumentam que, pensar sobre o desempenho das identidades raciais na mídia brasileira traduz-se por travar um debate sobre as formas de exclusão, ou quando incluídos, estigmatização, reservada a população negra nos espaços sociais midiáticos no Brasil. A inserção da imagem de negros nos espaços midiáticos na mesma proporção da inserção de brancos é um ponto fulcral na pauta de reivindicações do Movimento Negro, que entende esta inserção, como um instrumental de desconstrução dos estereótipos e folclorizações sobre a imagem do negro.

Nesse contexto, a dificuldade ao acesso das populações negras e indígenas ao ensino superior continua garantindo sua sub-representação nos veículos midiáticos. Além de não levar a discussão para o âmbito acadêmico, as repercussões na opinião da população brasileira mostra o quanto esse debate precisa ser incitado por meio de políticas públicas. Investigar o impacto social, cultural e psicológico das mensagens das mídias se faz necessário. Isso porque, essas trazem consigo ideologias de grupos dominantes que contribuem na reprodução e legitimação de dominação e exclusão social.

Trazendo essa análise geral para um contexto mais específico, podemos observar que no curso de cinema da UFPel (Universidade Federal de Pelotas) as produções também refletem essa realidade de exclusão em relação às representações. A partir do levantamento feito através da análise de todos os curtas de ficção e de documentário disponibilizados na plataforma online do curso podemos observar que tanto nas ficções, quanto nos documentários há desigualdade de representações tanto de gênero, quanto de raça/etnia. Entretanto, no caso das ficções esses dados são ainda mais preocupantes.

Nos documentários 61% do elenco é composto por homens. Destes homens, apenas 13% não são brancos. Nos 39% restante do elenco temos as mulheres, sendo somente 15% destas não brancas. Além disso, nos documentários, a representação da classe popular aparece em 58% dos filmes, a da classe média em 33% e a mista (média e popular) em 8%. Não há nenhuma representação indígena.

Nos curtas de ficção a representação é ainda mais desigual. Os homens são 59,2% do total de atores, sendo 5,2% não brancos. As mulheres são 40,7%, sendo 3,7% destas não brancas. Em relação à retratação da classe, 95,4% das

produções são representações da classe média e a classe popular e mista se apresentam em 0,22% cada. Nas ficções também não há representação de indígenas.

Desta forma, evidencia-se a relação entre os sujeitos que produzem conteúdos e representações existentes nos mesmos. O curso de cinema da UFPel costuma ter sua nota de corte superior a 700 pontos, dificultando o acesso a esse curso por alunos oriundos de escolas públicas. Nesse contexto, ainda hoje é observada uma dificuldade no preenchimento de parte das vagas reservadas à estudantes “pretos, pardos e indígenas” no ensino superior. Assim, a partir de discussões realizadas entre docentes e estudantes da UFPel é elaborado o Projeto de Extensão “Cotas: um diálogo afirmativo entre a universidade e a escola”. Sobre ele GASPAROTTO, NUNES, MANKE, ALTMANN (2016) colocam:

O referido projeto teve início no ano de 2015, visa realizar ações de divulgação e reflexão sobre políticas de ações afirmativas e cotas nas escolas de ensino básico, junto a estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Entre os objetivos perseguidos pelo projeto, destacam-se: I) promover a educação antirracista no ambiente escolar através de atividades que abordem temáticas relativas à diversidade e à história e cultura afro-brasileira e indígena; II) desenvolver ações que visem instrumentalizar os/as estudantes de educação básica a acessar tais políticas, mais especificamente as cotas destinadas ao ingresso nas instituições federais de ensino (institutos federais de nível técnico e tecnológico e universidades); III) contribuir para a formação e sensibilização de professores/as, servidores/as e gestores/as das escolas parceiras, de forma a envolvê-las nestas discussões e qualificar a abordagem sobre tais temas na educação básica.

Com a Conferência de Durban (África do Sul, 2001) houve um aprofundamento no diálogo entre o governo federal do Brasil e o Movimento Negro sobre propostas de combate ao racismo interno. Dentre as propostas, destacou-se o Projeto de Lei de Cotas (3.198/2000) elaborado pelo então Deputado Paulo Paim (PT-RS), e o Estatuto Social da Igualdade Racial que objetiva a regulação de políticas afirmativas para indivíduos que estão em condições desfavoráveis de competição. O Estatuto coloca as ações afirmativas para negros como medidas para se alcançar uma reparação histórica, expressos sob a forma de indenizações, reserva de cotas em concursos públicos, vestibulares, produtos midiáticos, empresas privadas, iniciativas que reforçam a criminalização e o combate ao racismo, bem como programas promotores de igualdade racial. Além disso, Paim propõe em seu projeto de lei que o Estado brasileiro deveria indenizar cada afro-descendente por conta de danos morais e materiais decorrentes da escravidão negra no país.

Assim, com mais informação chegando aos alunos que têm o direito de acessar às cotas raciais e da conseqüente ocupação dessas vagas, é possível que haja uma mudança significativa nas representações observadas nos produtos audiovisuais da UFPel, podendo ter no futuro mais diversidade e justiça na produção e representação da população brasileira presente nesses conteúdos.

4. CONCLUSÕES

A partir da constatação da ausência de uma real reparação histórica para a população negra e indígena no Brasil, através dos dados apresentados anteriormente, fica claro ser imprescindível que haja por parte do governo a adoção de uma série de medidas que visem a eliminação do racismo e das desigualdades sociais em nosso país.

Políticas públicas que se interrelacionem como criação de leis (o estatuto da igualdade racial); ações afirmativas (cotas) e projetos (“Cotas: um diálogo afirmativo entre universidade e escola”) contribuem de forma gradual para a desconstrução do sistema estruturalmente racista que há no Brasil. Desta forma, podemos caminhar rumo à construção de uma sociedade mais justa e com oportunidades iguais de busca da liberdade e da felicidade para todas as pessoas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, C.R.; NOHARA, J.; RAMUSKI, C.L.; Relações raciais na mídia: um estudo no contexto brasileiro. *Rev. psicol. polít.* vol.10 no.19 São Paulo jan. 2010.

GASPAROTTO, A.; NUNES, G.H.L.; MANKE, L.S.; ALTMANN, L. Reflexões a partir do projeto “Cotas: um diálogo afirmativo entre a universidade e a escola”, Pelotas, *No prelo*. 2016.

SANTOS, A.P. Itinerário das ações afirmativas no ensino superior público brasileiro: dos ecos de Durban à lei de Cotas. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v.12, n.2, p.289-371, jul./dez. 2012.

NASCIMETO, J.G. **Raça, Mídia e Juventude: representações da juventude negra**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios**. Rio de Janeiro, 13 nov. 2015. Especiais. Acessado em 02 jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024052411_102015241013178959.pdf

MAPA DO ENCARCERAMENTO. **Os Jovens do Brasil**. Brasília, 2015. Acessado em 02 jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.pnud.org.br/arquivos/encarceramento_WEB.pdf

MAPA DA VIOLÊNCIA. **Juventude Viva, Mortes Matadas por Armas de Fogo**. Brasília, 2015. Especiais. Acessado em 02 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>

UFMA. **A porposição da política de cotas para negros na mídia brasileira**. IV Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís, 25 ago. 2009. Especiais: Acessado em 02 jul. 2016. Online. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/5_estado-identidade/a-proposicao-da-politica-de-cotas-para-negros-na-midia-brasileira.pdf

UFPEL. **Curtas**. Pelotas, 2015. Especiais. Acessado em 07 mai. 2016. Online. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/curtas/>

UNESP. **A identidade do negro e a questão das cotas raciais na mídia brasileira**. Portal Intercom, Bauru, 3 jul. 2013. Especiais. Acessado em 02 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-2017-1.pdf>

FORMAÇÃO DE NOVOS COMUNICADORES COMUNITÁRIOS

RAFAEL OLIVEIRA VIANA¹; RICARDO FIENGENBAUM²

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS ¹rafael_vianaag@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS ²ricardoziifi@gmail.com

1.Introdução

Diante dos constantes avanços tecnológicos que impactam a comunicação, o rádio considerado um dos veículos de vanguarda para a prática jornalística também tem se modernizado. A formação de novos profissionais para atuarem na prática radiofônica faz-se necessária, para tanto criar espaços para que comunidades tenham contato com o veículo rádio passa a ser de suma importância nesse aspecto.

O presente artigo mostra como na prática o ensino do rádio nos âmbitos comunicacional, sociológico e tecnológico impulsiona os alunos a pensarem a mídia de uma forma diferente, propondo uma reflexão quanto aos próprios conteúdos midiáticos consumidos e tratando assuntos que vão ao encontro da comunidade.

Essa é cultura que os meios de massa difundem, no Brasil, hoje: além de seu baixíssimo nível e de seu teor desumanizante, tende, cada vez mais, à desnacionalização, ao esmagamento de nossa herança cultural. (SODRÉ, 1981)

Através do Projeto de Extensão Formação de Novos Comunicadores Comunitários, aplicado no Instituto Estadual de Educação Aimone Soares Carricone no município de Arroio Grande-RS, observou-se o primeiro contato dos alunos com o rádio e através de oficinas buscou-se ensinar a prática e exercer o pensar sobre a mídia local, regional e nacional sempre procurando instigar os alunos a produzirem conteúdos radiofônicos de interesse da comunidade escolar.

2. Metodologia

O Projeto começou com a realização de um seminário com o objetivo de debater a comunicação em seu sentido amplo em Arroio Grande, para isso junto aos alunos ouviu-se profissionais que fazem comunicação nos mais diversos veículos e proprietários de jornais e rádios do município. Um dos anseios da direção da escola era a reativação da rádio interna da escola, esse foi um dos motivos da escolha da escola para a realização do projeto, pois conta com toda a estrutura para a prática do rádio.

A extensão universitária é a forma através da qual a Instituição de Ensino Superior estende sua área de atendimento às Organizações, outras Instituições e populações de um modo geral, delas recebem um influxo no sentido de retroalimentação dos demais componentes, ou seja, o ensino e a pesquisa (NOGUEIRA, 2005, p. 39).

Levar o debate proposto na universidade sobre como a mídia jornalística deve ser pensada procurando se desviar da alienação, é uma das propostas do projeto que vai além da prática. É a temática de produzir sentido ao que é criado. Informamos para quem? Em benefício de quem? Com que sentido?

Esses questionamentos elevam o senso crítico e trazem à tona uma nova forma de se pensar comunicação, tanto no entender, produzir e divulgar.

Após isso o Projeto foi baseado nas mais diversas oficinas, abordando todos os sentidos do rádio como: produção de texto, edições de áudio, importância de trabalhar a plástica no rádio, oficinas de entrevistas e locução e o contato com os equipamentos e softwares normalmente usados pelas emissoras.

3.Resultados e Discussão

Os alunos envolvidos no projeto frequentam o Ensino Médio e com predileção por apenas usar o rádio para ouvir música, o grande desafio nesse sentido era despertar neles o interesse por ouvir, e ressaltar a importância do rádio como meio de comunicação que agrega, informa e proporciona entretenimento a sociedade.

[...] o rádio foi imprescindível como meio de integração e uniformização política e cultural, contribuindo para minimizar as diferenças regionais, de acordo com o projeto nacionalizador estado novista. Getúlio Vargas, discursando em 1º de maio de 1937 – ano de instauração do Estado Novo -, falou do esforço do governo em aumentar o número de estações radiofônicas e anunciou o propósito de instalar em todo o interior do país receptores providos de alto-falantes em praças, logradouros públicos e vias de movimento.

O resgate da história do rádio situou os alunos diante das evoluções tecnológicas do rádio até os dias de hoje, a preocupação que os participantes do projeto tivessem contato e de alguma forma expressassem suas ideias quanto à formatação de uma programação para uma rádio educativa, foi o norte para qual o projeto estava apontado. Nesse sentido as oficinas foram sendo desenvolvidas sempre refletindo para aquilo que estava sendo feito.

Os alunos tiveram a oportunidade de ter contato com um estúdio profissional em visita à Rádio Difusora AM de Arroio Grande, a qual cedeu o espaço de seu estúdio de gravação para que as oficinas de edição fossem realizadas. O contato com o dia a dia de uma emissora desmistificou algumas visões distorcidas de como o rádio é feito, despertando o interesse e a curiosidade pela prática.

O rádio tem como seu aliado a popularidade por atingir todas as camadas sociais, ter um maior alcance em relação a outros veículos e tem uma faixa de horário nobre maior. Diante dessas características que tornam o rádio simples e prático, a implantação de rádios nas escolas com circuito de som interno não demandam investimentos em grandes equipamentos e ainda promovem uma comunicação educativa, que atende as necessidades da comunidade escolar.

O projeto resultou em um despertar dos alunos em ouvir mais rádio, alguns passaram a voltar mais a atenção para programas de rádio jornalismo, o que antes não era de apreciação. O contato e a nova forma de pensar mídia sempre incentivando o questionamento e a análise em diversos veículos sobre determinado fato noticiado, proporcionou discussões sobre assuntos pautados pela mídia e que eram levantados dentro das oficinas. As práticas incentivaram a leitura, a escrita e acima de tudo a interpretação.

4.Considerações Finais

O Projeto Formação de Novos Comunicadores Comunitários foi concebido no sentido de praticar o rádio nas escolas, constituindo-se em uma ferramenta poderosa para incorporar as disciplinas do currículo escolar. O projeto ainda abre espaços para ampliações conforme o interesse dos alunos, a ideia de expandir a comunicação para fora da escola pode ser trabalhada com a veiculação dos conteúdos produzidos pelos alunos em espaços nas rádios locais e na própria rede.

O trabalho com pautas de interesse da escola impulsiona novos alunos ao desejo de participar do projeto. O contato com profissionais da área e com o ambiente de rádio estimula o desejo pela profissão proporcionando assim a formação de novos comunicadores para o mercado de trabalho. Colabora de forma direta no ensino do aluno ao dar uma visão de mundo e proporciona através da Extensão, um dos pilares que sustenta a Universidade, a oportunidade do ensino do jornalismo ser aplicado através de debates de assuntos que são tratados dentro da academia.

5.Referências

SODRÉ, N. W. Síntese de história da cultura brasileira. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 136p. (Retratos do Brasil).

GOULART, Silvana. Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 19

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Políticas de extensão universitária brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OS BENEFÍCIOS DO RÁDIO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

ROBERTA PEREIRA¹; LUCAS PEREIRA²; VANESSA DAMASCENO³

¹ Universidade Federal de Pelotas; roberttapereira95@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas; lucasspereira1996@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas; nessad@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O mundo está cada vez mais digital e interativo prova disso são crianças que desde os primeiros anos de vida interagem com dispositivos digitais. Nas salas de aula os professores sofrem cada vez mais tentando separar os alunos de seus aparelhos. A educação formal ainda é muito rígida e sofre um processo lento de adaptação com as mídias. Tendo em vista este conceito o campo teórico-prático da Comunicação Social é de extrema importância do desenvolvimento do cidadão, é a partir das notícias que o aluno tem contato com o mundo em que vive. Segundo Fonfoca e Novak (2016) os efeitos da educomunicação dão um movimento híbrido: ao mesmo tempo em que constrói, também dissemina informação e conhecimento.

Quando inserimos uma mídia na escola, neste caso o rádio, temos a possibilidade de despertar vários aspectos nos alunos, ao tornar a sala de aula um ambiente de troca de informações o aluno desperta seu interesse pelo processo de formação, tendo a possibilidade de concordar e discordar dos processos envolvidos, despertar o interesse da leitura e da escrita, pois o aluno vê um fim em suas pesquisas. O entreter e informar pode andar juntos, basta ser bem aplicado.

O rádio e as notícias podem ser um importante meio de educação no qual o aluno participa de forma ativa do processo de aprendizagem. Um meio fácil de ser implantado em qualquer realidade escolar, fácil de ser administrado e mantido. Além de o rádio desenvolver sentidos cognitivos no aluno, desperta a cidadania no jovem educando. O meio pode beneficiar uma grande parte da população, não somente os envolvidos diretamente no processo de produção, mas também professores, demais alunos, familiares e comunidades próximas à escola.

2. METODOLOGIA

Desenvolvemos uma análise baseada em pesquisas teóricas e projetos práticos sobre o tema rádio no processo de ensino e aprendizagem básico, como referência para embasamento teórico e formulação de um questionário aplicado a jornalistas e radialistas da região. Aplicado o questionário, analisamos as respostas, opiniões e conclusões de cada um dos entrevistados e as comparamos para achar pontos comuns e adversidades em seus discursos, a fim de elaborar um projeto de extensão em uma escola da rede estadual da cidade de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um “compromisso” contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão “comprometidos” consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível (FREIRE, 1983, 20).

Para Freire (1983) a educação é um processo de troca entre iguais, é um processo inacabado, fora do ambiente escolar o ser humano continua absorvendo conhecimentos relacionados ao seu entorno social. A educomunicação possibilita um lugar de fala ao educando, no qual ele se propõe a decodificar informações e formar suas próprias opiniões, contribuindo para o processo de formação do cidadão atuante na comunidade. Neste processo a formação do sentido das mensagens é altamente desenvolvido, assim como a leitura e a escrita. A educomunicação leva em conta a capacidade do educador e do educando em se apropriar do conteúdo e da forma das mensagens veiculadas pela mídia, Freire ainda propõe que o educador trabalhe com a realidade do aluno. A comunicação comunitária escolar diferente da grande mídia trata da realidade do aluno, já a grande mídia trata de seus próprios interesses.

A mídia é uma realidade inegável no cotidiano no educador e do educando. O rádio além das demais plataformas midiáticas seduz o aluno de forma eficiente, por ser um meio dinâmico e instantâneo, além de auxiliar na desinibição do aluno mas sem expo-lo demasiadamente.

Segundo Ramos e De Faria (2014) algumas características do rádio lhe garantem um alto poder de penetração:

Abrangência e regionalismo: Com a web é possível escutar qualquer rádio no mundo inteiro, mas o veículo ainda mantém a característica de falar diretamente com a comunidade que está inserido, ressaltando aspectos cotidianos e culturais.

Imediatismo e instantaneidade: O fato pode ser divulgado em tempo real, os olhos do locutor se tornam os olhos do próprio ouvinte, o receptor recebe a informação ao mesmo tempo que ela chega ao locutor.

Meio Oral e Linguagem simples- A linguagem simples e oral do rádio possibilita que o receptor entenda suas informações independente da sua escolaridade.

Interatividade- O ouvinte pode interagir com a programação devido à instantaneidade da informação, o ouvinte pode até mesmo contribuir para o debate.

Tabela 1 - Aplicação de Pesquisa

	Ricardo Fiegenbaum Professor Doutor na Universidade Federal de Pelotas e ex- coordenador da Rádio Federal Fm	Rafael Vianna Radialista na Rádio Difusora de Arroio Grande.
Qual o papel do rádio no processo de ensino e aprendizagem do aluno na educação básica?	O rádio trabalha com a oralidade e a educação básica tá saindo de um processo oral para o	O rádio como dispositivo pode ser um aliado na formação educacional, por se tratar de um

	<p>escrito. Se for o caso de usarmos o rádio como processo de aprendizagem, é um instrumento interessante para fazer essa passagem do oral para o escrito, mas tem que ser de uma forma correta, mais próximo do coloquial.</p>	<p>veículo que trabalha com os sentidos pode ser sim um facilitador no processo educacional, além de tornar o aluno participante no processo educacional.</p>
<p>De que maneira trabalhar o rádio na escola?</p>	<p>Muitas maneiras, o ponto de vista da história do rádio nasce como educativo, para ensinar disciplinas, com o passar do tempo ele tornou-se governamental, até chegar às rádios escolas, não em frequência, mas como alto-falante. Eram feitas nos intervalos com caixas de som. É uma forma de usar o rádio, pois consegue trabalhar a oralidade e assim ensinar. Pois de início, a criança tem tendência de escrever como ela fala então o rádio pode influenciar nisso, sendo que pode se escutar e melhorar.</p>	<p>O grande desafio em se trabalhar a prática radiofônica está na estrutura, fora isso o rádio pode ser desenvolvido em seus mais diversos aspectos, como produção textual, oficinas de leitura, locução e debates sobre temas atuais conscientizando também quanto ao sentido ético da comunicação de uma forma geral</p>
<p>Diante do avanço da web, porque o rádio deve ser trabalhado no ambiente escolar?</p>	<p>Heródoto Barbeiro preconizou de que o rádio utilizado em frequência, como hoje ele tende a falir, pois existem avanços dos sinais de internet que transmite pelos aparelhos celulares e substituem o rádio, pois faz com que o ouvinte utilize a qualquer hora e em qualquer lugar. De fato, no futuro não se justifique um investimento nesse tipo de rádio e o mais vantajoso seria uma web-rádio. E o rádio é bom pois tem aquela</p>	<p>O rádio tem se aliado aos mais diversos dispositivos tecnológicos, cada vez mais os alunos dominam essas tecnologias, natural é que isso seja aproveitado para a prática do rádio. Facilitando até mesmo as publicações dos materiais produzidos pelos alunos na rede.</p>

	sensação de não precisar parar para prestar a atenção, como ocorre na televisão, onde temos de parar para prestar a atenção. Mas essa transição é gradativa, pois ainda existem ouvintes que tem o rádio.	
Como as escolas que não possuem uma estrutura para ter uma programação de rádio podem fazer para inserir esta mídia na comunidade escolar? E quais os benefícios a mídia pode gerar na comunidade entorno a escola?	O rádio tem uma produção barata. Para fazer, pode-se usar um alto-falante, megafone ou um microfone instalado numa caixa de som. E o alcance deve ser feito a comunidade, pois não precisa de muita estrutura, usando cd ou mp3.	Escolas que não possuem estrutura podem se valer justamente das tecnologias para difundir os materiais produzidos. O rádio vai muito além do estúdio, repercutir os anseios da comunidade e trabalhar pautas de interesse social fomenta uma comunicação sadia e que transcende as barreiras estruturais.

4. CONCLUSÕES

O estudo pretende mostrar os benefícios do rádio no processo de educação e as melhores formas de trabalhá-lo dentro do ambiente escolar. A pesquisa ainda se encontra em andamento, com a aplicação de questionários e leituras de bibliografias, há partir de seus resultados será desenvolvido o segundo ano do projeto de leitura, escrita através do rádio. A pesquisa servirá de base para melhor elaboração da segunda edição do projeto que será aplicada em uma escola da rede estadual da cidade de Pelotas. Com base dos resultados obtidos criaremos um cronograma e dinâmicas novas para o projeto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FONFOCA, Eduardo; NOVAK, Emilene. Dimensões da Comunicação e do Jornalismo na Comunicação. **Revista Eletrônica em Iberoamérica Especializada en Comunicación**, Varia, n. 93, p. 644 - 655, ano da publicação 2016.

RAMOS, Peterson; DE FARIA, Moacir Alves. Educomunicação: O Rádio como ferramenta da cidadania. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n.1, ano da publicação 2014

SOCIAL EM QUESTÃO: UM PROGRAMA DE RÁDIO COM NOVAS ALTERNATIVAS E POSSIBILIDADES

DUTRA, Sidimar Ferreira¹; SOARES, Jéssica Degrandi²; COGOY, Eliana Mourgues

¹Universidade Federal de Santa Maria – sidimarsfdutra@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria – jessicadegrandi.soares@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Maria – elianacogoy@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte integrante do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Serviço Social, Mídia, Cultura e Questão Social (NEPMQS) do Departamento de Serviço Social/UFSM e caracteriza-se como Projeto de Extensão denominado: “Mídia e Serviço Social: a rádio como espaço de interlocução para o alcance da cidadania”. Trata-se de uma proposta de programa radiofônico em parceria com a Rádio Universidade da Universidade Federal de Santa Maria

No âmbito do Serviço Social, tratar sobre a temática da comunicação atende o que vem sendo construído através do conjunto CFESS/CRESS¹, mediante a Política de Comunicação (2016), a qual vem em defesa da democratização da comunicação, como um direito humano.

Para Figueiredo (2009) a informação ou o conhecimento advindo da mídia consiste num fator de poder e controle nas sociedades contemporâneas. Acrescenta-se neste sentido, que a função não está somente em informar, mas também entreter e persuadir as pessoas mediante o que está sendo comunicado/. Desta maneira, a comunicação exerce forte influência nas relações pessoais da sociedade.

Nossa proposta se caracteriza como um novo espaço de atuação profissional para o Serviço Social, no campo comunicacional, “para alargar os horizontes, olhar para mais longe, para o movimento das classes sociais e do Estado em suas relações com a sociedade.” (IAMAMOTO, 2013, p. 20). Conforme a autora, torna-se necessário captar as novas mediações e requalificar o fazer profissional, identificando suas particularidades e descobrindo alternativas de ação.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste de produção e edição e publicação na mídia: rádio e internet. A produção do programa é desenvolvida a partir de temáticas que abordam temas pertinentes ao Serviço Social e a classe trabalhadora, tais como: assistência social, saúde, comunicação, educação, projetos sociais de diversos âmbitos, movimentos sociais, direito, meio-ambiente, mobilidade urbana, cultura, acessibilidade, controle social, criança e adolescente, economia solidária, violência, gênero, políticas sociais, gerontologia, dentre outras pautas

Durante todos os programas são convidados/as participantes, na condição de usuários que vivam as situações pautadas, professores e estagiários que desenvolvam trabalhos sobre as temáticas e profissionais que vivenciam a pauta na prática do trabalho. A construção das pautas são desenvolvidas em conjunto

¹ Conselho Regional de Serviço Social (CRESS) e Conselho Federal de Serviço Social (CFESS).

com os/as convidados/as, para que assim o programa transcorra de forma organizada e linear. As entrevistas são marcadas antecipadamente por email, telefone ou *facebook*. O método de gravação ocorre de maneira combinada, no estúdio da rádio, para que o horário da produção do mesmo seja flexível para os convidados participarem.

Destaca-se que este Projeto oportuniza a comunicação para além do ambiente acadêmico, priorizando por demandas enviadas por ouvintes e pela comunidade e geral, colocando a importância da discussão das diversas pautas, muitas vezes relacionando as temáticas apresentadas, trabalhando com a perspectiva de multi/interdisciplinaridade que é evidenciada constantemente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constata-se através dos resultados que o programa de rádio “Social em Questão” está aumentando o seu alcance, comprovado isto mediante os dados coletados pelos acessos através da rede social “Facebook”, e também do portal “Rádiotube – A cidadania por todas as ondas”.

Através da Tabela 1, observa-se que o número de publicações, programas apresentados e curtidas da página do “Social em Questão”, vem aumentando gradativamente:

Tabela 1 – dados Social em Questão:

Dados – Página do Facebook – Social em Questão de 10/06/2015 a 10/08/2016		
Número de publicações	Em 14/05/2016 71 publicações	Em 14/05/2016 99 publicações
Número de programas apresentados	Em 14/05/2016 51 programas	Em 14/05/2016 64 programas
Número de curtidas	Em 14/05/2016 409 curtidas	Em 10/08/2016 478 curtidas

(Fonte: Dados da Página Social em Questão, Facebook/Desenvolvido pelas autoras)

Outra rede social é a Rádiotube, considerada uma das ferramentas utilizadas pela equipe do Social em Questão para transformar os programas de rádio em conteúdo permanente e disponível 24 horas na internet. Desenvolvido em 2007 através da Criar Brasil, com o objetivo de promover:

Um espaço virtual para que as produções radiofônicas de todo o país possam ser disponibilizadas na rede e utilizadas pelo Brasil afora. A ideia é formar uma rede social que produza conhecimento coletivo e informação cidadã (RADIOTUBE, 2015; s/p).

A ideia desse espaço dentro da internet é a troca de conteúdos através de diversas pessoas e emissoras de rádio que tem interesse em trabalhar com um conteúdo midiático que vá ao encontro da cidadania e dos direitos sociais e humanos. A partir da página da Rádiotube, podem ser divulgados e compartilhados programas de rádio de todo o Brasil, para que mais pessoas possam desfrutar deste conteúdo.

Abaixo se encontram o alcance das publicações do Programa Social em Questão na Rádiotube.

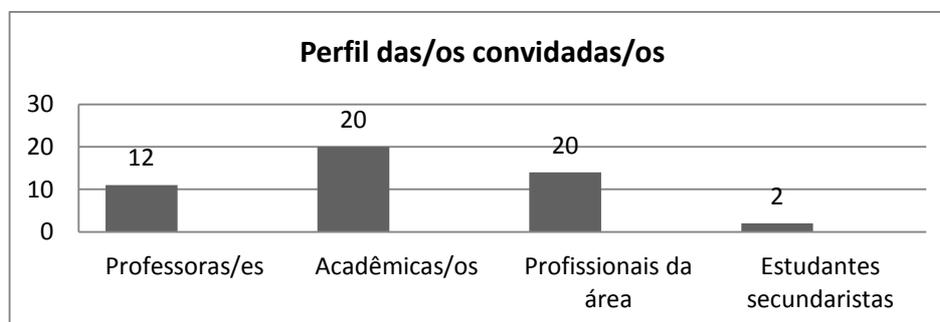
Tabela 2 - Rádiotube:

Dados – Rádiotube – Social em Questão de 25/05/2015 a 10/08/2016	
Número de programas disponíveis	42 programas
Número de acessos aos áudios	3.851 acessos
Número médio de acessos aos áudios	92 acessos

(Fonte: Rádiotube, 2016/ Desenvolvido pelas autoras)

Conforme os dados, os programas em diversas perspectivas também se constituem como realidade no processo de escolha das pautas e também das/os convidadas/os, onde se prioriza trazer, trabalhadoras/es dos campos sócio-ocupacionais, estudantes que estivessem vivenciando as realidades propostas enquanto estágio, vivência e construção e também professores especialistas no assunto, fortalecendo assim o processo de ensino, pesquisa e extensão.

Gráfico 1: Perfil das convidadas e dos convidados:



Fonte: Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Serviço Social, Mídia, Cultura e Questão Social (NEPMQS), 2016.

Neste contexto, o Serviço Social, enquanto formação e trabalho é chamado para se incluir no debate da mídia, trazendo o viés de uma profissão crítico, reflexiva, realizando um contraponto com a realidade que se propõe pela mídia hegemônica, e é neste processo que o Social em Questão desenvolve seus programas, se colocando como ferramenta na defesa da democratização da informação e da comunicação social.

Refletir sobre o processo de comunicação no exercício profissional do assistente social deve, portanto, se construir num ponto importante de análise e de intervenção junto às diversas expressões da “questão social” [...] (ESPÍNDOLA; 2011, p. 228)

Para além de colocar a profissão diante dos meios de comunicação, é importante chamar a população para construir estes espaços de maneira democrática, auxiliando na identidade de brasileiras/os compreendendo seu papel na sociedade, no âmbito do controle social, na construção de políticas públicas e sociais e se colocando como atores fundamentais no processo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que no contexto atual, a interface com a mídia abre novas possibilidades para os espaços ocupacionais dos assistentes sociais. A

experiência junto a Rádio Universidade aponta para o Serviço Social uma ferramenta para empoderamento dos usuários, no acesso à informação e, conseqüentemente, na qualificação da cidadania. Considerando princípios éticos defendidos pela categoria de assistentes sociais, o que está explícito dentre os princípios fundamentais do Código de Ética Profissional, compreende-se que só é possível concretizá-lo na medida em que há a liberdade e o fortalecimento dos usuários, quando bem informados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CFESS-CRESS. **Política de Comunicação** – 3 ed. Brasília (DF) – 2016.

ESPÍNDOLA, Nelma R. S. Em defesa do diálogo entre a mídia rádio e o Serviço Social. In: Sales, M. A.; Ruiz, J. S. R..(Org.). **Mídia, questão social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2009, v. 1, p. 214-234.

FACEBOOK. Disponível em <https://www.facebook.com/socialemquestao/?ref=ts&fref=ts> . Acessado em agosto de 2016.

FIGUEIREDO, Kênia Augusta. O assistente social na era das comunicações. In: Sales, M. A.; Ruiz, J. S. R..(Org.). **Mídia, questão social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2009, v. 1, p. 323-343.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional** - 24. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

RÁDIOTUBE. Disponível em <http://www.radiotube.org.br/sobre.php>. Acessado em maio de 2016.

DIVULGAÇÃO DO USO DA BIOTECNOLOGIA COMO FERRAMENTA NA CRIAÇÃO DE CÃES

YASMINE ALVES MENEGON¹; VICTORIA MASCARENHAS²; ALESSANDRA NEISS²; AISHA BAKRI²; LUCIANA BICCA DODE²; PRISCILA MARQUES MOURA DE LEON³.

¹Universidade Federal de Pelotas – yasminealves27@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – victoriamborba2@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - alennneis@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - aishefarid@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucianabicca@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – primleon@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A universidade se constitui em um espaço de produção do conhecimento, no qual os indivíduos realizam sua formação profissional nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Apesar da pesquisa estar na base da investigação e descoberta do conhecimento científico, tem-se também como importante instrumento a extensão universitária, que se materializa na prestação de serviços à sociedade e na integração com a mesma (NASCIMENTO, 2014).

As universidades públicas brasileiras existem para atender às necessidades do país e de sua população. Distribuídas por todo o território nacional, em toda a sua existência sempre estiveram associadas ao desenvolvimento econômico, social, cultural e político da nação (SANTOS, 2000). A Extensão Universitária deve servir como instrumento de inserção social, aproximando a academia das comunidades adjacentes. A crescente demanda de competências e habilidades gerada pela globalização trouxe ao meio acadêmico a certeza de que a busca de processos integradores, que favoreçam a transposição do conhecimento acadêmico à comunidade através de atividades de extensão, é fundamental à formação de profissionais qualificados (BOLFER, 2008). Buscando complementar a formação acadêmica através de iniciativas interdisciplinares e integradoras, apresentamos os resultados de uma ação de extensão com características interdisciplinares na aproximação do Biotecnologista na cinofilia.

Cinofilia é uma área de conhecimento e estudo dedicada exclusivamente para o estudo e criação de cães em todos seus aspectos. Dentro do conceito cinofilia, encontramos diversos ramos especializados, desde o desenvolvimento de raças, até o estudo do comportamento e psicologia canina. A atuação da Biotecnologia nessa área de trabalho é imprescindível, visto que pode atuar na melhoria da qualidade de vida dos animais reproduzidos, aumentar visibilidade do criador e diminuir gastos desnecessários. Neste contexto, o objetivo da ação desenvolvida pelos alunos do Curso de Bacharelado em Biotecnologia da Universidade Federal de Pelotas foi o de estimular através da transposição de conhecimento científico-tecnológico a aproximação academia/comunidade divulgando a atuação do biotecnologista na cinofilia. A proposta também tem intenção de motivar, com a mediação dos facilitadores, a inserção acadêmica junto à comunidade, fortalecendo as relações sujeito-objeto-realidade. Além de, estimular a capacidade de organização, integrar acadêmicos estimulando a reflexão crítica sobre a ciência, reforçar conhecimentos integrados nas diferentes áreas de atuação do biotecnologista.

2. METODOLOGIA

A ação foi desenvolvida em sala de aula integrando ensino-pesquisa e extensão, após convite para participação em um ciclo de palestras para médicos veterinários, criadores e proprietários de cães.

Para a realização da ação, diversos grupos de até cinco integrantes foram formados com o intuito de abranger temas pertinentes, que são apresentados no quadro 1.

Quadro 1. Temas abordados na palestra e suas relativas descrições.

Temas abordados	Descrição
Introdução à Biologia Molecular	Dreve descrição de conceitos básicos como DNA, gene, cromossomos, polimorfismos, VNTRs, CNVs, SNPs, PCR e análises de bioinformática
Forma de coleta e envio do material	Coleta de células epiteliais, células sanguíneas e de bulbo capilares
Importância e confiabilidade do teste de paternidade	Impedir a falsificação de documentos referentes a pedigree. Alta precisão e acurácia.
Laboratórios credenciados	Nacionais e Internacionais
Biotécnicas aplicadas a reprodução	Inseminação artificial e armazenamento de sêmen
Marcadores moleculares para doenças hereditárias	Von Willebrand, deficiência de fosfofrutoquinase, atrofia progressiva de retina e deficiência de piruvato quinase
Marcadores para detecção de patógenos	Doenças como babesiose, cinomose, brucelose, leptospirose, salmonelose e patógenos como Adenovírus e Coronavírus canino

As inscrições para palestra foram realizadas através de preenchimento de formulário *online*. Foi solicitada a contrapartida dos participantes com a doação de ração ou alimentos não perecíveis. A palestra foi realizada no mini auditório da Agência da Lagoa Mirim/UFPel, no dia 16 de Junho de 2016, entre 20h e 22h.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados positivos obtidos através desse projeto, podem ser evidenciados com base na presença de uma plateia diversificada, havendo de acadêmicos de veterinária, professores especialistas na área de genética, biólogos, médicos veterinários, criadores de cães, à pessoas com atuação na área jurídica e sociedade geral. O resultado foi satisfatório visto que durante a discussão final da palestra, os ouvintes evidenciaram a importância de eventos desta natureza e propuseram a ideia da expansão das palestras para atingir um público maior. Sendo assim, os objetivos foram alcançados, uma vez que os participantes do projeto adquiriram maior conhecimento na área e os ouvintes

obtiveram uma visão diferente acerca do assunto, expandindo seus conhecimentos.

Foi possível repassar o conhecimento adquirido de uma forma didática, mostrando as diferentes atuações da Biotecnologia na criação de cães, para pessoas de variadas áreas. Comentando sobre esse processo e a importância da extensão na articulação do ensino e a pesquisa, Severino (2007) destaca que “Ao mesmo tempo que a extensão, enquanto ligada ao ensino, enriquece o processo pedagógico, ao envolver docentes, alunos e comunidade num movimento comum de aprendizagem, enriquece o processo político ao se relacionar com a pesquisa, dando alcance social à produção do conhecimento”.

4. CONCLUSÕES

O projeto “Uso da Biotecnologia como Ferramenta na Criação de Cães” se mostrou de grande importância, tanto para os ouvintes quanto para os alunos. A troca de informações, que resultaram na mudança de ideias de diversos ouvintes, acreditando que a Biotecnologia é uma ferramenta não apenas auxiliar, mas necessária para a Cinofilia, mostrou a relevância deste trabalho. Os alunos pretendem continuar as palestras, com maior divulgação para que seja alcançado um público maior, fazendo uso de mídias e redes sociais diversas. Com base nos resultados positivos e promissores obtidos, os graduandos em Biotecnologia puderam concluir que eventos como esses, que possibilitam a divulgação científica e a interação entre universidade e sociedade, é de suma importância para todos os envolvidos. Dessa forma, estes devem ser constantemente planejados e executados, sempre buscando trazer a Biotecnologia para dentro da sociedade, para que assim se divulgue, promova o conhecimento e aumente a necessidade de profissionais desta área.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLFER, M. M. M. O. **ESTUDO DE CASO SOBRE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**; Universidade Metodista de Piracicaba; Faculdade de Ciências Humanas; Programa de Pós Graduação em Educação Reflexões sobre Prática Docente. Piracicaba, SP 2008

NASCIMENTO, C. R.; SILVA, M. L. P.; SOUZA, P. X. **Possíveis Contribuições das Atividades de Monitoria na Formação dos Estudantes**; monitores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal de Pernambuco; 2010. Disponível em: Acesso em: 05. nov. 2014.

SANTOS, B.S. **Plano Nacional de Extensão Universitária Edição Atualizada Brasil**; Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC; 2000 / 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. – 23. ed. rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.